

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PATRICIA BUENO PLUSCHKAT

“COMO SOLTAR A FRANGA SEM DEIXAR A PETECA CAIR”:  
EXPERIMENTOS DA DRA. CATAVENTO E O PROCESSO DE SELEÇÃO DE  
PALHAÇOS NO ESPECIALISTAS DA ALEGRIA

CURITIBA

2020

PATRICIA BUENO PLUSCHKAT

“COMO SOLTAR A FRANGA SEM DEIXAR A PETECA CAIR”:  
EXPERIMENTOS DA DRA. CATAVENTO E O PROCESSO DE SELEÇÃO DE  
PALHAÇOS NO ESPECIALISTAS DA ALEGRIA

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática do Ensino, Linha de Pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação. Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves

CURITIBA

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de  
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças  
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pluschkat, Patricia Bueno.

"Como soltar a franga sem deixar a peteca cair" : experimentos da Dra.  
Catavento e o processo de seleção de palhaços no Especialista da Alegria /  
Patricia Bueno Pluschkat, 2020.  
204 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação,  
Programa de Pós-Graduação em Educação.  
Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves

1. Hospitais. 2. Voluntários. 3. Palhaços – Formação. I. Título. II.  
Universidade Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 SETOR DE EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -  
 40001016001P0

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **PATRICIA BUENO PLUSCHKAT**, intitulada: **"COMO SOLTAR A FRANGA SEM DEIXAR A PETECA CAIR": EXPERIMENTOS DA DRA. CATAVENTO E O PROCESSO DE SELEÇÃO DE PALHAÇOS NO ESPECIALISTAS DA ALEGRIA**, sob orientação do Prof. Dr. JEAN CARLOS GONÇALVES, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de Doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós- Graduação.

Curitiba, 19 de Março de 2020.

JEAN CARLOS GONÇALVES  
 Presidente da Banca Examinadora

LUCIANE DE PAULA  
 Avaliador Externo (UNESP)

SUZANA CINI FREITAS NICLODI  
 Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

KÁTIA MARIA KASPER  
 Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

GLÁUCIO HENRIQUE MATSUSHITA MORO  
 Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)



***Aos loucos de pedra, doidos varridos e malucos beleza;  
Aos ferrados, danados e errados;  
Aos ridículos, bobos e patetas.***

## AGRADECIMENTOS

À minha família e amigos, que transbordaram amor e paciência nesta fase de pesquisa acadêmica.

Ao orientador Jean Carlos Gonçalves, pelas oportunidades que me apresentou e pela parceria presente desde a minha graduação.

À Banca Examinadora, pelo olhar sensível e gentil na leitura e contribuição com a tese.

À Universidade Federal do Paraná que faz parte da minha vida acadêmica há mais de dez anos.

Ao grupo de pesquisa ELiTe pelas contribuições ao trabalho acadêmico.

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela oportunidade da bolsa, sem a qual, não conseguiria dar continuidade a esta pesquisa.

Ao grupo Especialistas da Alegria que me permite brincar, aprender, ser e estar palhaça Catavento.

À Catavento que me ensina a ser mais leve, livre e solta.

Ao Hospital Erasto Gaertner e seus colaboradores por receberem a nós, palhaços, de braços e abraços abertos.

Aos pacientes e acompanhantes que inspiram minhas terças com suas histórias recheadas de amor e conquistas.

Aos mestres da palhaçaria que marcaram minha trajetória palhacesca: Alaor Carvalho, Rafael Alípio Barreiros, Olivier-Hugues Terreault, Paula Ramos, Andrea Macera, Ézio Magalhães, Edran Mariano, Nadja Moraes, Paola Musatti, entre outros.

À vó Maria, *in memoriam*, que me permitiu entrar em seu mundo, na sua fase com *Alzheimer*, me ensinando a cantar cantigas da sua Infância.

Aos meus 'cãopanheiros' Buddy, Balu e Nina que me incentivam a viver o momento presente e amar incondicionalmente.

Às crianças que volta e meia e meia volta surgem em minha vida para que eu possa re-aprender a 'pular, dançar, correr, cair no chão' e, principalmente, a levantar, para novamente 'pular, dançar, correr, cair no chão'.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com a tessitura deste trabalho.

**É possível ser sério sem se levar a sério,  
[...]. Ser outro em si mesmo resume-se  
nisto: não ser desertado, nem possuído,  
mas exatamente o que se chama ser  
“habitado”.**

**Jean Galard**

## RESUMO

A presente pesquisa integra os diálogos que vem se constituindo no Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagens e Teatralidades – EliTe, da Universidade Federal do Paraná, e tem como objetivo compreender os sentidos da prática artístico-pedagógica da linguagem do doutor-palhaço nas atividades do processo seletivo do grupo Especialistas da Alegria, que atua com palhaços-voluntários no Hospital Erasto Gaertner há seis anos. A pesquisadora, também palhaça, faz parte do grupo há quatro anos. O Especialistas da Alegria é formado, em sua maioria, por sujeitos que não estão inseridos profissionalmente na esfera artística, mas que dialogam com a mesma através da linguagem do palhaço. Percebeu-se uma lacuna em relação a estudos teóricos e práticos da arte da palhaçaria dentro do grupo - o que implicava na dificuldade da construção do palhaço – e, com isso, a necessidade de desenvolver estes estudos partindo do princípio que a figura do palhaço, mesmo em uma esfera não artística como hospitais, é semelhante à atuante em circos, ruas e teatros, mas, altera seu estado a partir do seu cronotopo. Em 2018, iniciou-se um processo seletivo para novos palhaços e o grupo desenvolveu cinco etapas de estudos como dispositivos para que os integrantes, no decorrer do processo, pudessem construir o palhaço que existe em cada um deles. São: 1. Que palhaçada é essa? – apresentação do grupo e a primeira oficina de palhaçaria; 2. Observação – visitas ao hospital para observar a atuação dos palhaços integrantes do grupo; 3. Estudalhaço - estudos com a temática hospitalar e sobre a arte do palhaço; 4. Metendo o nariz onde é chamado – segunda oficina de palhaçaria e improviso experimentando a atuação do palhaço nas ruas de Curitiba; 5. Nariz em treinamento – atuações dos novos palhaços, junto aos já voluntários, no hospital. O corpus da pesquisa é constituído pelos discursos verbo-visuais produzidos por esses sujeitos no decorrer de todo processo. O trabalho está ancorado na perspectiva teórica de Bakhtin e o Círculo e os resultados da análise apontam para: a. A desconstrução do sujeito para a construção do palhaço, b. A alteridade do palhaço constituído a partir do sujeito, da sua relação com o outro e da esfera em que ele está presente, c. A linguagem do doutor-palhaço enquanto arte atuando em esfera não artística. Assim, é possível dialogar com as concepções bakhtinianas de exotopia, alteridade, cronotopo, responsabilidade e responsividade.

Palavras-chave: Palhaçaria; Bakhtin; Palhaço de Hospital.

## RESUMO PALHACESCO

A pesquisa é um presente que desintegra os diálogos dos laboratórios para que os estudos sejam livres, leves e soltos tal como a linguagem do palhaço. Foram lidas bulas de remédios, horóscopo, mensagens no *whatsapp* e modos de usar os *shampoos* para compreender que tudo faz sentido, mesmo sem sentido, porque há muitos sentidos. Nossa! A vida e a pesquisa científica às vezes nos dão nós, não é? Assim, o objetivo dessa pesquisa é desatar os nós com o riso, desconstruindo essa escrita. A pesquisadora-doutora-palhaça, Dra. Catavento, vem investindo em sua desformação há dez anos para desaprender a sentar de pernas fechadas, a calar quando se é preciso gritar, a engolir o choro e a se incomodar com a falta de padrão estético. Ufa! É um processo diário! Com toda essa constituição palhacesca transbordando, Dra. Catavento foi convidada em 2018 a ensinar uma turma de clowndidatos a doutores-palhaços em como passar em um processo de seleção sem fingir o que não é. A máscara do palhaço é sagrada, pois revela todas as suas fragilidades e quando essas fragilidades são aceitas, uau!, podemos, enfim, ser humanos. O corpus da pesquisa é de 41 quilos distribuídos em 1,53 metros de altura e o trabalho está indo, fluindo, evoluindo, num voo lindo (Instagram, 2019). Os resultados apontados é que soltar a franga não é fácil, mas a peteca é mais leve do que se pensa.

Palavras-chave: Catavento; Franga; Peteca.

## ABSTRACT

The present study integrates the debates that take place in the Laboratory of Studies in Performative Education, Languages and Theatricality of the Federal University of Paraná, and wants to understand the meanings of the artistic-pedagogical practices of the clowndoctor in the selection process for the group Especialistas da Alegria, that has been performing with volunteer clowns at the Erasto Gaertner Hospital for six years. The researcher, also a clown, has been part of the group for four years. The group Especialistas da Alegria is composed, in its majority, by individuals that aren't professionally inserted in the artistic sphere but interact with it by the means of the clown language. We noticed a gap between the theoretical and practical studies of the clown art inside the group - which reflected on difficulties in the construction of the clown - and thus the necessity of developing these studies assuming that the clown figure, even in non artistic spheres as hospitals, is similar to the clowns that act in circuses, streets and theaters, but they change their state based on their chronotope. In 2018 there was a selection process for new clowns and the group developed five stages of study as means for the integrants to be able to construct the clown inside each one during the process. The stages were: 1. Que palhaçada é essa? (What kind of clownery is this?) - group presentation and first clownery workshop; 2. Observação (Clownobservation) - hospital visitation to observe the practice of the clowns from the group; 3. Estudalhaço (Clownstudy) - studies on hospital and clownery topics; 4. Metendo o nariz onde é chamado (Sticking one's nose in one's affair) - second clownery workshop and experimental improvisation in Curitiba's streets; 5. Nariz em treinamento (Nosework) - new clown's practice in the hospital with older volunteers. The research corpus consists of verbal and visual discourses stated by the individuals throughout the process. This essay is based on Bakhtin Circle and the results highlight: a. The individual deconstruction in order to construct the clown, b. The alterity of the clown, constituted from the individual, from their connection with the other and the sphere where they are, c. The language of the clown-doctor such as art acting in a non-artistical sphere. Therefore it is possible to dialogue with the bakhtinian concepts of exotopy, alterity, chronotope, responsibility and responsivity.

Key words: clownery; Bakhtin; Hospital clown

## **CLOWNY ABSTRACT**

Research is a present that disintegrates the debates that take place inside laboratories so that studies can be free and light hearted just like the language of the clown. Medicine leaflets, horoscopes, whatsapp messages and shampoo instructions were read in order to understand that everything makes sense, even without making any sense, because there are several senses. Wow! Life and academic research sometimes can tie a knot around us, right? Therefore the aim of this essay is to untie knots with laughs, by deconstructing this narrative. The researcher-doctor-clown, Dr. Catavento, has been investing on her deconstruction for ten years, so she can unlearn to sit tight, to shut up when there is the need to scream, to hold back the tears, and to be annoyed with lack of aesthetic standards. Phew! It's a daily process! With all this clownery constitution overflowing, in 2018 dr. Catavento was invited to teach a class of clownidates to clowndoctors how to go through a selection process without showing what they are not. The slow mask is sacred for it reveals all the frailties, and when these frailties are accepted, then wow! We can be humans at last. The research corpus is 90 pounds distributed in 5 feet, and the study is going, flowing, evolving, in a lovely flight (Instagram, 2019). The results indicate that living it up isn't simple, but keeping the ball up is easier than one can think. Palavras-chave:

Key words: Catavento; live it up; ball.

## RESUMEN

La siguiente investigación integra a las charlas que se han construido en el Laboratorio de Estudios en Educación Performativa, Lenguajes y Teatralidades - EliTe (su sigla en portugués), de la Universidad Federal de Paraná, y objetiva comprender los sentidos de la práctica artística pedagógica del lenguaje del doctor-payaso en las actividades del proceso selectivo del grupo "Especialistas da Alegria" (Expertos de la Alegría), que actúa con payasos voluntarios en el Hospital Erasto Gaertner hace seis años. La investigadora, aun payasa, compone el grupo hace cuatro años. El "Especialistas da Alegria" se forma, en su mayor parte, por personas que no están inseridas profesionalmente en el ámbito artístico, sino que dialogan con él a través del lenguaje del payaso. Se percibe un hueco en relación a estudios teóricos y prácticos del arte de la payasería dentro del grupo - lo que resultaba en la dificultad de construcción del payaso - y con eso la necesidad de desarrollar estos estudios partiendo del principio que: la figura del payaso, aunque en una esfera no artística como hospitales, es semejante a la actuada en circos, calles y teatros, pero cambia su estado a partir de su cronotopo. En 2018, empezó un proceso de selección para nuevos payasos y el grupo desarrolló cinco etapas de estudios como dispositivos para que los miembros, durante el proceso, pudieran construir el payaso que existe en uno. Son las etapas: 1. ¿Qué "palhaçada" (actitud de payaso) es esa? - presentación del grupo y el primer taller de payasería; 2. "Observalhaço" (una mezcla de observación con payaso) - visitas al hospital para observar la actuación de los payasos miembros del grupo; 3. "Estudalhaço" (mezcla de estudio con payaso) - estudios con la temática hospitalario, y sobre el arte del payaso; 4. Metiendo la nariz en donde es llamado - segundo taller de payasería e improvisación, experimentando la actuación del payaso en las calles de Curitiba; 5. Nariz en entreno - actuaciones de los nuevos payasos, junto a los ya miembros, en el hospital. El corpus de la investigación es construido por los discursos verbosuales producidos por estas personas durante todo el proceso. El trabajo se apoya en la perspectiva teórica de Bakhtin y el Círculo y los resultados del análisis apuntan a: a. La desconstrucción del sujeto para la construcción del payaso; b. La alteridad del payaso constituido a partir del sujeto, de su relación con el otro y del ámbito en el cual se encuentra; c. El lenguaje del doctor-payaso como arte actuando en ámbito no artístico. Con eso es posible charlar con las concepciones bakhtinianas de exotopia, alteridad, cronotopo, responsabilidad y responsividad.

Palabras-clave: Payasería; Bakhtin; Payaso de Hospital.



## RESUMEN PAYASESCO

La investigación es un regalo que desintegra las charlas de los laboratorios para que los estudios sean libres, leves y sencillos tal cual el lenguaje del payaso. Se han leído recetas de medicinas, horóscopo, mensajes de WhatsApp e instrucciones de champús para comprender que todo tiene sentido, aunque sin sentido, porque hay muchos sentidos. ¡Dios! La vida y la investigación científica nos dejan atados a veces, ¿verdad? Así que el objetivo de esta investigación es desatar los nodos con la risa, desconstruyendo esa escrita. La investigadora-doctora-payasa, Sra. Catavento, ha invertido en su deformación hace diez años para desaprender a sentarse con las piernas cerradas, a callarse cuando se debe gritar, a engullir el lloro y a enfadarse con la falta de patrones estéticos. ¡Uff! ¡Es un proceso diario! Con toda esa constitución payasesca transbordando, Sra. Catavento fue invitada en 2018 a enseñar una clase de *payasante de doctores-payasos* en como pasar en un proceso selectivo sin fingir lo que no es. La máscara del payaso es sagrada, pues revela todas sus fragilidades y cuando tales fragilidades son aceptadas, ¡guau! Podemos entonces ser humanos. El corpus de investigación es de 41 kilos distribuidos en 1,53 metros de altura y el trabajo sigue, fluye, evoluciona, en un bello vuelo (Instagram, 2019). Los resultados apuntan que bailar en un pie no es fácil, pero las maracas de la rumba son más leves de lo pensado.

Palabras-clave: Catavento, En un pie, Maracas

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - CONSTRUÇÃO DA CATAVENTO – VESTIÁRIO DO HEG .....	20
FIGURA 2 - MAQUIAGEM DA CATAVENTO – VESTIÁRIO DO HEG.....	20
FIGURA 3 - INTERAÇÃO COM A FRANGA – CORREDORES DO HEG .....	21
FIGURA 4 - CATAVENTO ESCRREVENDO A TESE – CASA DA CATAVENTO .....	24
FIGURA 5 - EXPECTATIVA X REALIDADE – PARQUE BARIGUI .....	30
FIGURA 6 - BUGIGANGA - CURITIBA - PR.....	31
FIGURA 7 - PALHAÇO EM REUNIÃO DE DEMISSÃO.....	34
FIGURA 8 - PALHAÇOS SEM JUÍZO NO FÓRUM .....	35
FIGURA 9 - JOGANDO CHARME – GUIDO VIARO .....	46
FIGURA 10 - ANIVERSÁRIO DE 9 ANOS – QUINTAL DE CASA.....	48
FIGURA 11 - A MÁQUINA – TEUNI UFPR .....	49
FIGURA 12 – PIQUENIQUE E BRINCADEIRAS – CRAS VILA SANDRA .....	53
FIGURA 13 - NAS NUVENS – CMEI ABAETÉ.....	54
FIGURA 14 – PROJETO CRIANÇAS CRIAM E RECRIAM O MUNDO – PARQUE BARIGUI.....	54
FIGURA 15 - CADÊ O SORRISO? – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO CURITIBA-PR.....	55
FIGURA 16 – PROJETO COMUNITÁRIO – PUC-PR.....	55
FIGURA 17 – PROJETO FAMÍLIA PARANAENSE – MATRIZ PRAÇA RUI BARBOSA.....	56
FIGURA 18 - SOLTA A CATAVENTO – ESCOLA MUNICIPAL CLEONICE BRAGA .....	56
FIGURA 19 - DRA. FÓFYS – CURITIBA-PR .....	58
FIGURA 20 - DR. N – CURITIBA-PR .....	59
FIGURA 21 - DRA. FIGURINHA – CURITIBA-PR .....	60
FIGURA 22 - CAMPANHA DE PREVENÇÃO AO CÂNCER – CURITIBA-PR.....	63
FIGURA 23 - COM LICENÇA, PODEMOS ENTRAR? – CORREDORES DO HEG .....	64
FIGURA 24 - FLOR MAIS LINDA DO JARDIM – CORREDORES DO HEG.....	65
FIGURA 25 - ABRAÇA AQUI, AMIGA – JARDIM DO HEG .....	67
FIGURA 26 - DES-FORMATURA DOUTORES-PALHAÇOS 2018! – AUDITÓRIO DO HEG.....	81
FIGURA 27 - SALA DE ESPERA – CORREDORES DO HEG .....	85

FIGURA 28 - ANÚNCIO CURSO DE PALHAÇO .....	91
FIGURA 29 - AH, O AMOR... – CORREDORES DO HEG .....	98
FIGURA 30 - BOBICES – VESTIÁRIO HEG .....	104
FIGURA 31 - MENINA-MARAVILHA – QUINTAL DE CASA.....	109
FIGURA 32 - ESPELHO, ESPELHO MEU – QUARTO DA MAMÃE .....	111
FIGURA 33 – PRIMEIRA OFICINA – CURITIBA-PR.....	114
FIGURA 34 - PRIMEIRA VALSA – SALA DE CASA .....	121
FIGURA 35 - BAILA COMIGO – SALA DE ESPERA RADIOTERAPIA HEG .....	122
FIGURA 36 - COMO PODE UM PEIXE VIVO VIVER FORA DA ÁGUA FRIA – PÁTIO HEG.....	124
FIGURA 37 - DIFERENTONA CRUSH .....	149
FIGURA 38 - DIFERENTONA CALOR.....	149
FIGURA 39 - DÓ RÉ MI FÁ – CURITIBA-PR.....	166
FIGURA 40 – BEATLESCLOWN – CURITIBA-PR .....	168
FIGURA 41 - CAPA LP BEATLES .....	168
FIGURA 42 - BALLET NA FONTE – PRAÇA OSÓRIO, CURITIBA-PR.....	171
FIGURA 43 - POSE PRA FOTO - PRAÇA OSÓRIO, CURITIBA-PR .....	172
FIGURA 44 - CATAVENTOS – NO QUINTAL DE CASA .....	176
FIGURA 45 - ACHOCOLATADO DA FILÓ-FOFÓ – CURITIBA-PR .....	178
FIGURA 46 - ABRAÇO COLETIVO – RECEPÇÃO HEG .....	185
FIGURA 47 - SOLO SAGRADO .....	186
FIGURA 48 - TÚNEL DA SAÚDE – CORREDORES DO HEG .....	188
FIGURA 49 - PELA JANELA LATERAL – CURITIBA-PR.....	194
FIGURA 50 - HORA DA SELFIE - HEG .....	199
FIGURA 51 - OLHA O SORRISO! - HEG .....	200
FIGURA 52 - BOAS VINDAS! - HEG.....	201
FIGURA 53 - VAMOS OBSERVALHAR - HEG .....	202
FIGURA 54 - NOVOS AMIGOS.....	203
FIGURA 55 - OBSERVAR.....	204

## SUMÁRIO

<b>1 ALE HOP .....</b>	<b>21</b>
<b>2 QUE PALHAÇADA É ESSA? .....</b>	<b>31</b>
2.1 CLOWNVERSA COM A DOUTORA-PALHAÇA-PESQUISADORA DRA. CATAVENTO .....	45
2.2 ESPECIALISTAS DA ALEGRIA .....	57
2.3 A ESFERA HOSPITALAR .....	64
2.4 VOLUNTARIADO .....	69
2.5 EXPERIMENTOS DA DRA. CATAVENTO .....	71
<b>3 O PROCESSO SELETIVO .....</b>	<b>85</b>
3.1 CLOWNDIDATOS .....	90
3.1.1 Pierrot e Colombina .....	97
3.1.2 Augustos e Augustas .....	103
3.1.3 Virtuoses .....	106
3.1.4 Heróis e Heroínas .....	108
3.2 PRIMEIRO ENCONTRÃO – OFICINA QUE PALHAÇADA É ESSA.....	113
3.2.1 O caminhar .....	116
3.2.2 O brincar e jogar .....	117
3.2.3 O olhar .....	119
3.2.4 O dançar .....	120
3.2.5 O improvisar .....	122
<b>4 METENDO O NARIZ ONDE É CHAMADO .....</b>	<b>125</b>
4.1 RODA DE CLOWNVERSA .....	127
4.1.1 M de Maluca .....	129
4.1.2 S de Sem-vergonha .....	131
4.1.3 A de Alopada .....	133
4.1.4 V de Viada .....	138
4.1.5 C de Cagada .....	141
4.1.6 L de Louca .....	145
4.1.7 D De Doida .....	151
4.1.8 R de Ridículo .....	154
4.1.9 A de Atrapalhado .....	158
4.1.10 F de Falante .....	161

4.2 BEATLESCLOWN.....	165
<b>5 NARIZ EM TREINAMENTO .....</b>	<b>173</b>
5.1 FILÓ-FOFÓ .....	176
<b>6 ESSE NARIZ COLOU? .....</b>	<b>186</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>195</b>
<b>APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO .....</b>	<b>198</b>
<b>ANEXO 1 – FOTOS ETAPA OBSERVALHAÇO .....</b>	<b>199</b>

*Curitiba, 16 de outubro de 2018.*  
*Relatório da Dra. Catavento após uma das visitas ao hospital*

O poeta Álvaro Posselt<sup>1</sup> tem um *haikai* que nos fala muito sobre as mudanças climáticas em nossa capital:

"Curitiba não nos poupa  
Ontem tomei sorvete  
Hoje tomo sopa"

Nossa tarde chuvosa de terça pedia sopa ou ainda um cobertor, um filminho e uma pipoquinha. Sabe quando a cama nos abraça e diz "fica pra Sessão da Tarde!" Então, meio que a minha cama fez isto, eu confesso.

Entretanto, na noite anterior, sonhei com o meu ídolo: o cantor, poeta e compositor Zeca Baleiro<sup>2</sup>. Poderia ser um sonho 'normal', tipo com ele cantando só para mim. Só que não. Eu sou uma doutora-palhaça, né, e palhaço tem sempre uma lógica própria. Por isto, em meu sonho, ele dizia que seria meu novo parceiro palhaço! Uau! Juntos, fomos visitar um hospital, jogando e brincando nos corredores sem fim. Em um dos momentos emocionantes do sonho, uma criança que não podia falar, quando nos viu, soltou a língua e declamou palavras de amor. Me emocionei, chorei e acordei. Sem o Zeca Baleiro.

Passei aquele dia frio refletindo sobre a linguagem do palhaço e o quanto ela afeta o outro e as esferas em que atravessa. Minha vontade de estar no HEG (Hospital Erasto Gaertner), acredite, foi maior que minha vontade de ficar em casa enrolada nas cobertas.

A chuva não parava e acabei atrasando um pouco. Enquanto ia construindo a Catavento no vestiário do hospital, contei meu sonho para a Dra. Fófys, que não é o Zeca Baleiro, mas é minha real parceira palhaça das terças.

E não é que ela contou algo semelhante? Na aula de *yoga*, sua instrutora pediu para que os praticantes fechassem os olhos e "viajassem" para qualquer lugar que lhes fosse agradável. Na mente da Dra. Fófys, adivinha para onde ela foi? Para o hospital.

Ora, como pode o hospital também afetar tanto a nós, doutores-palhaços?

Por qual motivo trago isto ao relatório? Bem, porque hoje foi um daqueles dias em que a gente pensa nas motivações de ser uma doutora-palhaça voluntária em hospital...

---

<sup>1</sup> Poeta curitibano que "tem diversos haicais e minicontos classificados em concursos e publicados em sites. Ministra oficinas de haicais em escolas públicas.". Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/parana/alvaro\\_posselt.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/parana/alvaro_posselt.html)> Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 11h37.

<sup>2</sup> Cantor, compositor, cronista e músico brasileiro de MPB. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeca\\_Baleiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeca_Baleiro)> Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 11h39.

Podíamos estar em casa, podíamos estar descansando, podíamos não estar na chuva nos molhando... Deixamos nossas mães, nossos filhos, nossa casa, nossos cachorros, nossos compromissos... Pegamos ônibus lotado, encaramos trânsito, gastamos em *uber*, gastamos em gasolina... São as contas para pagar, louça para lavar, aquele trabalho que não sai do papel, aquela dorzinha nas costas que não passa e a gente não consegue tempo para marcar uma consulta médica...

Ainda assim, estamos ali, por aqueles quartos e corredores pálidos, saindo da nossa bolha e doando cores. Ser palhaça é o que há de melhor em mim.

Eu posso modificar um pouco o *haikai* do poeta e dizer que:

"A VIDA não nos poupa  
À vezes precisamos de um sorvete  
Noutras vezes uma boa sopa"

Para mim, pulsa cada vez mais forte que não são os pacientes, acompanhantes ou colaboradores do hospital que precisam de mim, pois existem outros voluntários... Outros palhaços...

Mas, sou eu. Eu que preciso deles.

Nossos encontros refrescam nossos dias quentes em que dói até os dentes. Aqueles que estamos com a cabeça fervente em que nada se resolve e é preciso abrandar essa fervura delicadamente.

Nossos encontros esquentam nossos dias frios, aqueles que andamos e andamos, mas temos a sensação de não chegarmos a lugar nenhum, aqueles que sentimos estar por um fio.

Porque a vida, mesmo de palhaço, simplesmente não nos poupa. Ainda bem que nos proporciona o ENCONTRO com o sorvete e com a sopa. O ENCONTRO consigo e com o OUTRO.

*(Obs.: A cada visita, um dos doutores palhaços/voluntários do grupo Especialistas da Alegria é escalado para escrever o relatório do dia/noite).*

FIGURA 1 - CONSTRUÇÃO DA CATAVENTO – VESTIÁRIO DO HEG



FONTE: Denise Ramalho Photos (2019).

FIGURA 2 - MAQUIAGEM DA CATAVENTO – VESTIÁRIO DO HEG



FONTE: Denise Ramalho Photos (2019).



## 1 ALE HOP<sup>3</sup>

*Eu quero desaprender para aprender de novo.  
Raspar as tintas com que me pintaram.  
Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.  
(Rubem Alves)*

FIGURA 3 - INTERAÇÃO COM A FRANGA – CORREDORES DO HEG



FONTE: Denise Ramalho Photos (2019).

Caro trator! Digo... extintor! Digo... leitor! (ah, esse corretor!). Permita-me entrar em suas vistas para me apresentar: Dra. Catavento Gambito Saracura, ao seu dispor. Sou doutora-palhaça especialista em bestiologia. Tenho aplicado meus experimentos há alguns anos utilizando como instrumentos de trabalho a Franga e a Peteca, importados diretamente de *made in China*. Posso dizer que o tratamento com estes instrumentos é indolor, mas causa efeitos colaterais. Você pode sentir

<sup>3</sup> *Ale Hop* é uma expressão usada pelos artistas circenses que indica o tempo para o início de um número. Ao invés de falar Um... Dois... Três... e... Já, eles dizem “Ale Hop”. Geralmente em um número acrobático, o portô (pessoa que tem mais força) fala ALE, e o volante (pessoa que é levantada) fala HOP. Essa tática é importante para saber o tempo da contagem e para que as duas pessoas façam o movimento juntas. Disponível em: <<http://artedopicadeiro.blogspot.com/2010/06/ale-hop.html>>. Acesso em: 03 janeiro 2019 às 16h.

umas cócegas na barriga e um desejo incontrollável de mostrar os dentes. Segundo estudos de Palhaçachussets, 99,99% dos pacientes continuam com paciência, apresentando uma certa malemolência; 99,99% dos impacientes soltam rapidamente a Franga. E o mais importante: 100% dos jogadores de Peteca tem como objetivo não deixá-la cair.

Que palhaçada é essa? Ora, ora, ora, eu explico. Aqui haverá risos, tintas, pintas, sapatos, cambalhotas, ora-bolas, sim senhor, pois, nem só de Humanas ou de Exatas se vive uma pesquisa, mas também, de Risadas. Sim, é que esta pesquisa está sendo escrita por uma doutora-palhaça.

Tenho na ponta do nariz vermelho meu olhar amplo a todas as direções, por isso me desendireito, me esquerdo, sigo em frente, tonteio, rodeio, mergulho nas profundezas de mim mesma e me afogo. Modifico-me. Reinvento-me. Permito-me. Experimento. Nós, palhaços, somos demasiadamente humanos. Sendo a condição humana inacabada, requer coragem ser e estar no mundo! Sou palhaça cheia de graça, às vezes um tanto augusta, levando tombos a cada pisada, mas também sei levar o meu, o seu e o nosso riso bem a sério.

Presto serviços bestirológicos – e, às vezes, meteorológicos – há quatro anos no grupo Especialistas da Alegria que trabalha com doutores-palhaços voluntários atendendo a pacientes e impacientes adultos exclusivamente no hospital Erasto Gaertner<sup>4</sup> de Curitiba – hospital de referência nacional no tratamento de

---

<sup>4</sup> “Nos tempos em que o câncer ainda era um enigma para a sociedade médica e um estigma para os pacientes, surgiu a semente que mais tarde se transformaria no principal centro de diagnóstico e tratamento da doença no Paraná. Erasto Gaertner se formou em Medicina em 1925 na Faculdade de Medicina do Paraná, hoje Universidade Federal do Paraná (UFPR). [...]. Em 1934, seguiu para o ramo da política, tomando-se deputado estadual em 1934 e prefeito de Curitiba em 1951. Dr. Erasto, juntamente com alunos da turma de 1938 da Faculdade de Medicina do Paraná, formavam a chamada “Turma dos Tigrões”. Foi a partir desse grupo que surgiu a Liga Paranaense de Combate ao Câncer (LPCC), criada em 8 de março de 1947, [...]. Na ata de criação está a razão da existência da Liga, em destaque: ‘angariar recursos para a manutenção, hospitalização e tratamento dos cancerosos pobres, assim como aquisição de aparelhamento médico-cirúrgico e pessoal para melhor assistir os doentes. Promoverá ainda campanha de educação popular de combate ao câncer’. A primeira diretoria da Liga, formada em 5 de outubro 1947, mantinha com o auxílio do Instituto de Medicina Cirúrgica do Paraná (IMCP), o tratamento de doentes sem condições financeiras. Os primeiros serviços contra o câncer aconteciam em casarões adaptados do IMCP, na Rua Vicente Machado, Praça da Ventura e na Rua Ubaldino do Amaral, tendo como médico responsável Sady Pizzatto, um cirurgião pioneiro e habilidoso. Lá estava instalado o primeiro aparelho de radioterapia do Paraná, com miligramas de radium com certificado assinado por Madame Curie, trazido pelo Dr. Erasto na mesma época. No entanto, com o crescimento no número de pacientes com a doença, era necessário ampliar o atendimento e criar melhores condições para tratar o câncer. Dr. Erasto Gaertner, em seu mandato como prefeito de Curitiba, doou, em 2 de janeiro de 1952, um terreno de 62.500 m<sup>2</sup> à LPCC, destinado à construção do que hoje é o Hospital Erasto Gaertner. [...]”. Disponível em: <<https://erastogaertner.com.br/pagina/historico>>. Acesso em: 04 janeiro 2020 às 19h48.

câncer – que aqui chamarei de HEG. O grupo está na ativa do riso desde 2012. Em 2018, fui convidada pela coordenação do Especialistas a colaborar com os meus bons ventos e uma boa dose de ventania no processo de seleção de novos doutores-palhaços-voluntários do grupo.

Pude brincar, jogar, inventar e experimentar com os clowndidatos. Experimentei tanto que notei que 99,99% dos que soltaram a Franga e não deixaram a Peteca cair – tudo junto e ao mesmo tempo - tinham potencial palhacesco.

Como descobrir algo tão grave e ao mesmo tempo tão agudo e não aproveitar as tintas das penas da Franga e das penas da Peteca para escrever os sentidos dos meus experimentos?

Tal como o nariz de palhaço que permite todos os dias alterar meu olhar, também é o caminho da pesquisa: me altera, me modifica, me provoca, me afeta. Isto porque ela se relaciona diretamente com esse mergulho em mim mesma. Escrever é revelar um pouco de si. Escrever uma pesquisa é revelar também um pouco do outro. Do outro (ou outros) que há em mim e do eu (ou eus) que há no outro. Eu precisava compreender os sentidos das batidas desse nariz vermelho em meu e em outros corações que encontro em meus caminhos. Assim, esta pesquisa está constituída pelo meu nariz-olhar de doutora-palhaça-pesquisadora.

Respeitável leitor, convido você a colocar seu nariz de palhaço (se ainda não o tiver, corra na ‘lojinha’, super recomendo!) para soltarmos a Franga juntos na leitura desta tese. Não é porque sou uma palhaça que este estudo não terá fundamentação meteórica-metodológica, ops, digo teórico-metodológica e todos os outros requisitos para se constituir uma tese, afinal, sou uma doutora-palhaça com estudos risológicos aprovadíssimos em Palhaçachussets.

Caso fique em dúvida quanto ao nariz de palhaço, eu mesma usei e abusei do meu no processo de escrita, pois, apropriando-me da fala de outro palhaço, o artista Wellington Nogueira<sup>5</sup>, no documentário Doutores da Alegria – o filme (2004)<sup>6</sup>, “palhaço adora correr risco”.

---

<sup>5</sup> Artista fundador da associação Doutores da Alegria e agora Palestrante. Disponível em: <<http://wellingtonnogueira.com.br/>> Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 11h45.

<sup>6</sup> Documentário dirigido por Mara Mourão que conta “o dia-a-dia dos hospitais que recebem visitas do grupo Doutores da Alegria”. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-202001/>>. Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 11h46.

FIGURA 4 - CATAVENTO ESCRREVENDO A TESE – CASA DA CATAVENTO



FONTE: O autor (2019).

Com riscos e rabiscos, esta pesquisa tem como OBJETIVO GERAL compreender os sentidos da prática artístico-pedagógica da linguagem do doutor-palhaço nas atividades do processo de seleção do grupo Especialistas da Alegria, que atua com palhaços-voluntários no Hospital Erasto Gaertner, tendo como materialidades discursos verbais, visuais e verbo-visuais, produzidos entre os meses de maio e novembro de 2018. Ufa! Haja fôlego!

O grupo atua com sujeitos que, em sua maioria, não estão inseridos profissionalmente na linguagem do palhaço, ou seja, não dependem financeiramente de seu nariz vermelho, mas, são sujeitos que dialogam – e se enamoram – com a palhaçaria. Além disso, no processo de seleção para novos integrantes do grupo não há a exigência do conhecimento e/ou a prática da palhaçaria. Que baita resposta a minha...

A partir do objetivo geral, tenho como OBJETIVOS ESPECÍFICOS de pesquisa:

- Identificar as motivações dos sujeitos para ingressarem em um grupo de palhaços-voluntários de hospital;
- Identificar os sujeitos que querem descobrir o doutor-palhaço que habita em si mesmo;
- Analisar a construção da identidade do palhaço-voluntário não-profissional que atua na esfera hospitalar;

Preciso avisá-los que como esta tese trata de assuntos palhacescos e é tecida por uma palhaça, aproveitei para renomear alguns termos, somando e misturando a eles a palavra *clown* ou palhaço. Deste modo, surgiu clowndidatos (candidatos), observalhaço (observação), entre outros.

Minha hipótese palhacesca é que aprofundar a linguagem do palhaço já no processo de seleção, antes de ingressar efetivamente ao grupo, permite que os clowndidatos, ao se integrarem com a linguagem, possam ter subsídios para construir seu próprio palhaço percebendo pequenos indícios de sua existência. Seja um andar, um nome, um adereço, um jeitão, uma mania... Mas, atenção! O palhaço está sempre em obras, reformas e desconstrução.

Coloco-me no processo de seleção como facilitadora, partindo do princípio de Lecoq (2014) no qual cada ator tem o seu próprio palhaço. Não há uma cartilha que ensine como nasce um palhaço. Até porque a linguagem não é estanque e imutável. Existem técnicas, teorias, práticas que efetivamente nos auxiliam na compreensão dessa linguagem, no entanto, não é igual a uma receita de bolo. Aliás, nem mesmo as receitas de bolo resultam em um mesmo bolo. Por exemplo, ninguém faz toalha felpuda tão deliciosa como a da minha avó Brisa. Nem mesmo a minha tia Ventarola que é boleira e herdou seu livro de receitas. A toalha felpuda da minha avó é única! Lecoq (2014, p. 218) não falava sobre bolos, mas afirmava que “para um clown, nunca se trata de compor externamente, mas sempre a partir de algo pessoal”.

O Especialistas vem desde 2016 criando e experimentando um Processo de Seleção para o grupo. Ainda bem que entrei em 2015 sem ninguém me ‘testar’, ‘narigar’ ou ‘bochechar’! Se bem que estes processos têm se ampliado a cada ano e ‘testar’ é como um pontapé inicial para que o sujeito descubra possibilidades de palhaçar. Foi um aprendizado palhacístico eu, Catavento, com meus cataventos, estar envolvida na identidade desse processo de seleção e ter tido a liberdade em bagunçar, com propriedade, o processo de 2018. Bagunçar é preciso! A professora

Dream (2018, p. 33) afirma que “o docente pode orientar seus estudantes numa boa direção, mas não está em suas mãos abrir as portas para que o seu clown saia; isto depende exclusivamente de cada aluno”.

Para cada um, o palhaço chegará de modos – e até sem modos – diferentes. Nós, sujeitos, somos únicos e singulares, constituídos por nossas histórias com horizonte próprio. Nós, palhaços, também somos únicos e singulares. Eu, Dra. Catavento, com os meus cataventos antenados, encontrei lá nos ventos distantes de terras russas a perspectiva teórico-metodológica que dialoga com meus experimentos. Assim, esta pesquisa está ancorada nos estudos de Baktrín e o Circuito. Não! Digo, Bakhtin e o Círculo. Caso haja algum leitor que possa estar com seu nariz vermelho na ativa, esclareço que Bakhtin não é nome de remédio e que o Círculo não é geométrico.

Trata-se do filósofo, crítico e teórico da linguagem humana Mikhail Bakhtin e o grupo de pensadores russos que se dedicaram aos estudos da linguagem e suas reverberações na literatura, na arte, na vida. Compondo o Círculo: Valentin Voloshinov, Pável Medvédev, entre outros. Um dos principais estudos bakhtinianos é a alteridade, que vem de encontro com a linguagem do palhaço.

*Como assim?* Você pode estar se perguntando. Calma, eu explico com minha lógica palhacesca: o número UM é ímpar. Se ele sair por aí e dialogar com outro número UM, que por acaso também é ímpar, o ‘papo’ entre eles, - sendo bom ou ruim, de acordo ou sem acordo, fluído ou *staccato* -, fará com que haja uma química... digo, matemática: soma, subtração, multiplicação... enfim, haverá uma relação dialógica que permitirá a construção de outros números. O UM não deixará de ser ímpar, mas, junto a outro, se altera, se modifica. O UM é um ser em alteridade.

Como disse anteriormente, tanto os sujeitos como os palhaços são únicos e singulares. Para Bakhtin (2011) e Gaulier (2016), a identidade do sujeito está sempre em processo de construção, diferente dos números fixos do nosso documento chamado identidade.

Também diferente do documento, nossa assinatura e nosso retrato, na vida real, se modificam. Não apenas fisicamente. Ora, tem dias que soltamos a Franga e outros que não a deixamos escapar. Tem dias que jogamos Peteca e outros que a deixamos para lá. Complexo, não é?! Assim como a natureza humana e a natureza palhacesca.



Nossas histórias e visões de mundo são constituídas a partir de nossas relações dialógicas. Eu sou o que sou a partir do Outro. A Franga só é solta se tiver alguém para soltá-la. A Peteca só vira jogo se tiver alguém para jogá-la.

A linguagem do palhaço não é linear muito menos parada ‘só na minha’ ou ‘só na sua’. Trago seu amor em dez dias e... opa, desculpe, deu linha cruzada em meus cataventos e às vezes não resisto a uma brincadeira, mas, voltando à seriedade... trago essa concepção bakhtiniana para o começo desta pesquisa por compreender que o palhaço é um exercício de alteridade. Colocar a máscara permite ver um outro de si. Para Alves (2016, p. 141): “como nos ensina o Tao Te Ching, é preciso que haja o avesso para que o direito possa existir. Já pensaram num tapete sem avesso? Até Deus tem o seu avesso, que é o Diabo”.

A propósito, esta tese será toda dialogada: eu e os sujeitos da pesquisa; as vozes que ecoam nessa pesquisa e os leitores; os leitores e os amigos que eles vão chamar para ler a pesquisa também... Por falar em sujeito, vamos entender de que sujeito estou falando, não é?! Já adianto que não é desses sujeitos sem noção. Aqui, o sujeito tem noção, o no sim, o nohall. Falo do sujeito na concepção de Bakhtin em que:

[...] só se pode entender o dialogismo interacional pelo deslocamento do conceito de sujeito. O sujeito perde o papel de centro e é substituído por diferentes (ainda que duas) vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico. (BARROS in BARROS & FIORIN, 2011, p. 3).

A partir desse sujeito é que posso falar do Tibúrcio, digo, do discurso. Quando se fala em discurso, para Bakhtin (2011), trata-se também das vozes que estão nessa fala. Caro leitor que tem medo de filmes de terror, não são vozes do além! São vozes de outros sujeitos que fazem parte da história desse sujeito e que reverberam em seu discurso.

Eu, sujeito, falo como falo por conta de minha história – das vozes que constituem essa história - e vou olhar para o discurso de outros sujeitos que falam como falam por conta de suas histórias a partir do meu horizonte. Você, leitor, vai olhar para o mesmo discurso a partir do seu horizonte, o que faz com que um discurso produza infinidade de sentidos. Brait explica:

[...] o discurso, forma histórica e falante, faz-se ouvir através de suas inúmeras vozes, dirige-se a um interlocutor e impõe uma atitude dialógica, a fim de que os vários sentidos, distribuídos entre as vozes, possam aflorar.

Nessa perspectiva, o discurso, e seu concerto de incessante produção de efeitos de sentido, não é jamais um objeto pacífico e passível de submissão ao monologismo de uma teoria acabada. (BRAIT in BARROS & FIORIN, 2011, p. 16).

Outros estudos bakhtinianos serão explanados no decorrer do texto, em diálogo com a tessitura da pesquisa.

Cada etapa do processo de seleção recebeu um título e eu me apropriei de alguns desses títulos para nomear os capítulos da tese. A arquitetônica da pesquisa se dará da seguinte forma:

### 1. *Ale Hop*

É esta Introdução que vos fala... vos escreve... é o aqui-agora.

### 2. *Que palhaçada é essa?*

Neste capítulo, julgo a importância desta pesquisa científica, por isto a problematizo, a justifico, a objetivo... Não sou juíza, aliás, nem tenho juízo, entretanto, como já disse, levo o riso a sério! Segundo estudos, 99,99% das pessoas também precisam descobrir como levar o seu e os demais risos a sério.

O capítulo está subdividido em cinco partes, sendo: a) *Clownversa com a doutora-palhaça-pesquisadora Dra. Catavento* – falarei sobre a minha trajetória e os encontros que me afetam; b) *Especialistas da Alegria* – contarei a história do grupo, pois o passado até nos condena, mas palhaço que é palhaço não o nega; c) *A esfera hospitalar* – abordarei o cronotopo (espaço-tempo) em que nós, doutores-palhaços, atuamos; d) *Voluntariado* – refletirei sobre o ato responsivo deste trabalho de doutor-palhaço-voluntário; e) *Experimentos da Dra. Catavento* – detalharei as aventuras e travessuras de meus experimentos aplicados no processo de seleção de 2018 do grupo Especialistas da Alegria.

\*\*\*Nos capítulos seguintes, analiso as materialidades produzidas na pesquisa por meio da Análise Dialógica do Discurso – ADD, em que Brait explica: .

Cabe à análise do discurso, com sua capacidade interdisciplinar, localizar os recursos linguísticos e não- linguísticos da combinação e transmissão das vozes discursivas, que certamente não podem ser delimitadas unicamente pelo discurso direto, indireto e indireto livre, ou pelas palavras colocadas entre aspas. (BRAIT in BARROS & FIORIN, 2011, p. 25).



### 3. *O processo seletivo*

Neste capítulo descrevo o processo seletivo 2018 do grupo Especialistas da Alegria e o subdivido em duas seções: 1) *Clowndidatos* - analiso os enunciados dos clowndidatos produzidos na ficha de inscrição preenchida por eles para ingressarem no Especialistas. Pude categorizar os discursos em quatro grupos: a) *Pierrot e Colombina* – são os apaixonados, cuja motivação é #amomuitotudoisso; b) *Augustos e Augustas* – são aqueles que querem fazer o outro se desnudar de tanto rir; c) *Virtuoses* – são os multi-talentosos, que já tinham habilidades palhacescas desde quando estavam na barriga da mãe; d) *Heróis e Heroínas* – são os que têm o altruísmo na veia; 2) *Primeiro encontrão – oficina que palhaçada é essa* – descrevo como foi o primeiro encontro entre os clowndidatos e eu, Catavento, e as propostas das atividades desenvolvidas na oficina, subdividindo-as em: a) *O caminhar*, b) *O brincar e jogar*, c) *O olhar*, d) *O dançar*, e) *O improvisar*.

### 4. *Metendo o nariz onde é chamado*

Este capítulo é subdividido em: 1) *Roda de Clownversa* - analiso os enunciados produzidos na clownversa que aconteceu na segunda oficina chamada Metendo o Nariz onde é Chamado, que ministrei aos clowndidatos. Eles puderam contar nariz por nariz como foram parar ali. Seus discursos foram categorizados com os subtítulos das qualidades ridículas que falaram ter em um jogo que fizemos no Primeiro Encontrão: a) *M de Maluca*, b) *S de Sem-vergonha*, c) *A de Alopada*, d) *V de Viada*, e) *C de Cagada*, f) *L de Louca*, g) *D de Doida*, h) *R de Ridículo*, i) *A de Atrapalhado*, j) *F de Falante*; 2) *Beatlesclown* – faço análise verbo-visual da postagem na rede social *Facebook* por uma das clowndidatas referente à experiência que tiveram ao sair com nariz de palhaço pelas ruas de Curitiba.

### 5. *Nariz em treinamento*

Analiso o vídeo produzido por uma das clowndidatas em resposta às tarefas propostas por mim: a) *Filó-fofó* – a clowndidata conta como foi que ganhou o apelido

### 6. *Esse nariz colou?*

É dedicado às reverberações de todo processo da minha tese e às minhas conclusões inconclusivas, porque o palhaço não ‘encerra’ nada, nem espetáculo!

Sempre deixa uma frestinha para retornar e ressignificar sua presença. Afinal, o palhaço já foi virado e desvirado, repetido e modificado. (LECOQ, 2014).

É tanta coisa. É tantos em um. Impossível se encerrar. Por isso, sou palhaça, mas não sou boba de querer me definir nesta ou em qualquer outra tese. Tento compreender as possibilidades de despertar o palhaço que habita no outro sem a intenção de vê-lo pronto, afinal, o palhaço nunca está pronto, é um ser inacabado.

Respeitável público, convido a todos que soltem a Franga sem deixarem a Peteca cair! Que o mergulho nesses estudos palhacescos seja intenso!

FIGURA 5 - EXPECTATIVA X REALIDADE – PARQUE BARIGUI



FONTE: O autor (2018)

Foto: Melaine Pilatto. Projeto Crianças Criam e Recriam o Mundo, pela Prefeitura Municipal de Curitiba.

## 2 QUE PALHAÇADA É ESSA?

*Palhaço é um homem todo pintado de piadas!  
Céu azul é o telhado do mundo inteiro.  
Sonho é uma coisa que fica dentro do meu travesseiro!  
(Eu não sei na verdade quem eu sou, Fernando Anitelli)*

FIGURA 6 - BUGIGANGA - CURITIBA - PR



FONTE: Flávia Bertoldi/Especialistas (2017).

Oficina Improvisalhaço ministrada por mim ao grupo Especialistas da Alegria.

É marmelada? É goiabada? É palhaçada? Bem, para os palhaços na foto, isto é uma Bugiganga! O jogo consistia em eu falar uma palavra e eles montarem corporalmente o que compreendiam da palavra, lembrando que, como um grupo, um tinha que complementar o outro. Esta oficina aconteceu em 2017 e foi a primeira que ministrei para o Especialistas da Alegria.

No início desta tese, incluí lá no comecinho um relatório que fiz em uma de minhas visitas ao hospital. Foi um dia em que quase ‘caiu o mundo, o Universo e tudo o mais’ em Curitiba devido a uma tempestade. Como os guarda-chuvas não guardam as chuvas e muito menos as tempestades fiquei ‘ensopada’. Ali, com a calça jeans pesada d’água, descabelada, ‘batendo o queixo’ de frio, fiquei me perguntando o porquê de deixar o aconchego do lar para ir a um hospital com cara, corpo e alma de palhaça. Mais ainda, porque outras sujeitas também querem fazer o mesmo?

Nós, sujeitos, queremos ser amados. Nós, palhaços, também queremos ser amados. Queremos pertencer, se conectar com o outro, pois conectado ao outro conectamos a nós mesmos. Bakhtin afirma que:

Um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contratando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de diálogo que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas do sentido. (BAKHTIN, 2017, P. 19).

Será que a profissão do futuro é besteirologista? Atualmente, existem cerca de 1300 grupos similares ao Doutores da Alegria, no Brasil, segundo levantamento do próprio grupo. (Informação verbal)<sup>7</sup>.

O Doutores da Alegria é uma organização pioneira na arte do palhaço que atua na esfera hospitalar. Fundado em 1991, pelo artista-palhaço Wellington Nogueira, o grupo é formado por palhaços profissionais que atuam em hospitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

Doutores da Alegria é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que introduziu a arte do palhaço no universo da saúde, intervindo junto a crianças, adolescentes e outros públicos em situação de vulnerabilidade e risco social em hospitais públicos. (Disponível em: <<https://doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-doutores/>>. Acesso em: 22 março 2019 às 20h55).

Desconfio que ser palhaço é ser muito sujeito bakhtiniano, pois esse sujeito é o sujeito das RELAÇÕES. Segundo Wuolacq (2016, p. 23): “a técnica de *clown* pressupõe relação com o outro, o público, um objeto, uma flor, um pássaro, uma parede. O *clown* não é para si, só existe para ser nos outros”.

Parece que não é só rir que é contagioso, mas o nariz de palhaço também vai contagiando aqui e ali, já que o palhaço se relaciona com o outro por meio de sua máscara, que é a menor do mundo e, no entanto, tanto nos revela e afeta. Quantas vezes desfilei com meu nariz e ouvi: ‘linda!’. Ops, isto também, mas digo:

<sup>7</sup> CARINA, D. **5º Encontro Nacional de Palhaços que atuam em Hospital**, Doutores da Alegria e Palhaços em Rede, Centro Universitário São Camilo, São Paulo-SP, 16 a 18 de novembro de 2018. Informação verbal. Mais informações disponíveis em: <<https://doutoresdaalegria.org.br/blog/como-foi-o-5o-encontro-nacional-de-palhacos-que-atuam-em-hospital/>>. Acesso em: 19 abril 2020 às 13h39.

‘que lindo o que vocês fazem, gostaria tanto de também ser palhaça!’. Ou ainda: ‘eu também sou palhaça, só preciso do seu nariz!’ Bakhtin diz que:

Na luta contra o convencionalismo e a inadequação de todas as presentes formas de vida ao homem autêntico, essas máscaras ganham um significado excepcional. Elas dão o direito de não compreender, de confundir, de arremedar, de hiperbolizar a vida; o direito de falar parodiando, de não ser literal, de o indivíduo não ser ele mesmo; o direito de conduzir a vida pelo cronotopo intermediário dos palcos teatrais, de representar a vida como uma comédia e as pessoas como atores; o direito de arrancar as máscaras dos outros; o direito de insultar com um insulto essencial (quase cultural); por último, o direito de dar publicidade à vida privada com todos os seus esconderijos mais secretos. (BAKHTIN, 2018, p. 114).

Para Bakhtin (2011), as relações dialógicas ultrapassam a dimensão da concepção de linguagem. A interação é viva. O palhaço é a figura do estado presente e inteiro. Rir é enunciar responsivamente à vida, à existência. Como afirma Minois (2003, p. 19), “o riso faz parte das respostas fundamentais do homem confrontado com sua existência”. Complementando com o autor, Bakhtin (2017, p. 25) dialoga que “as portas do riso estão abertas para todos e cada um. [...] O riso abre cancelas, faz o caminho livre”.

Toda relação nos afeta e a cada encontro nas visitas ao hospital, sinto o quanto movimenta meus sentidos ser uma doutora-palhaça. Tem um vídeo de Lars Adams<sup>8</sup>, filho de Patch Adams<sup>9</sup> (médico conhecido por seus métodos diferenciados na medicina que teve um filme baseado em sua história: Patch Adams – o amor é contagioso<sup>10</sup>) em que relata uma visita que realizou em um hospital oncológico em Rabat, no Marrocos. Em um dos quartos, Lars se deparou com uma paciente chamada Amina e ele entrou receoso pensando em como se conectaria com uma pessoa com tantas diferenças culturais, histórico-sociais, linguística... Então, ele pega uma galinha de borracha e começa a cacarejar. Amina o responde também cacarejando. Dali surge um jogo, uma brincadeira e uma conexão.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wRUG64WnsXM>> Acesso em: 11 dezembro 2019 às 19h51.

<sup>9</sup> “Hunter Doherty “Patch” Adams é um médico norte-americano, famoso por sua metodologia inusitada no tratamento de enfermos. É formado pela Virginia Medical University, e o fundador do Instituto Gesundheit, em 1971”. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Patch\\_Adams](https://pt.wikipedia.org/wiki/Patch_Adams)>. Acesso em: 21 abril 2020 às 8h11.

<sup>10</sup> “É um filme estadunidense de 1998, do gênero comédia dramática, dirigido por Tom Shadyac e baseado em livros e na vida de Patch Adams e Maureen Mylander”. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Patch\\_Adams\\_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Patch_Adams_(filme))>. Acesso em: 21 maio 2020 às 8h19.



A pesquisadora Kátia Kasper (2004) corrobora ao falar sobre a potência que é a conexão que o palhaço faz com o outro ao afirmar que:

O palhaço nos possibilita experimentar outras lógicas em ação. O encontro com um palhaço tem essa potência transformadora porque abre esses mundos diversos, nos quais as lógicas não são as do pensamento para o mercado, as da opinião, as do razoável, do politicamente correto. Não diria que ele inverte a lógica, mas que cria outras, outros mundos. É mais do que o mesmo mundo de cabeça para baixo. Tudo é muito chacoalhado, revirado, aberto, explodido, potencializado, conectado com potências as mais diversas. (KASPER, 2004, p. 45).

O Especialistas foi percebendo outros narizes que também queriam estar no hospital. Uns apareciam, colocavam o nariz, faziam algumas estripulias e desapareciam. Outros diziam que iam e nunca apareciam. Tinham aqueles que chegavam com mais pompa que nariz, talvez por não compreenderem a linguagem de um palhaço que atua em hospital.

Tem palhaços na escola, palhaços nas ruas, palhaços nos palcos, palhaços em empresas... Desconfio que nós, sujeitos patifes e paspalhos: híbridos palhaços, entraremos em breve pedindo gentilmente licença em outras esferas inusitadas para levar e deixar um pouquinho do estado brincante de ser e estar. Ops, acho que isto já vem acontecendo! Olha só as reportagens abaixo:

FIGURA 7 - PALHAÇO EM REUNIÃO DE DEMISSÃO



FONTE: Página da Época Negócios na Internet<sup>11</sup> (2019).  
Foto: Josh Thompson/BBC.

<sup>11</sup> Disponível em <<https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2019/09/funcionario-leva-palhaco-para-lhe-dar-apoio-em-reuniao-de-demissao.html>> Acesso em: 20 setembro 2019 às 20h.

FIGURA 8 - PALHAÇOS SEM JUÍZO NO FÓRUM



FONTE: Página da Folhapress na Internet<sup>12</sup> (2019).  
 Foto: Jardiel Carvalho/Folhapress.

Em uma das reportagens, um sujeito da Nova Zelândia ao saber que seria dispensado da empresa na qual trabalhava, optou por contratar um palhaço para estar ao seu lado no momento da demissão. Na Nova Zelândia é permitido por Lei que uma pessoa ao ser demitida do trabalho leve um acompanhante para lhe dar apoio.

Josh disse que recomenda com entusiasmo a contratação de um palhaço para apoio em qualquer reunião de demissão. 'Se você tem família, amigos, madrasta, padrasto, leve-os', disse ele. 'Mas, se houver um palhaço disponível, especialmente o Joe, eu definitivamente recomendo'." (BBC NEWS, 16 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2019/09/funcionario-leva-palhaco-para-lhe-dar-apoio-em-reuniao-de-demissao.html>> Acesso em: 20 setembro 2019 às 20h).

Já, em outra reportagem, uma palhaça do Doutores da Alegria decidiu expandir suas esferas de atuação após ler uma notícia em que uma magistrada relatava a dificuldade no atendimento a jovens vítimas de agressão. Assim nasceu o Projeto Palhaços sem Juízo no Fórum da Barra Funda, São Paulo.

O objetivo da iniciativa é humanizar o ambiente árido e sisudo do Judiciário ao levar arte e uma dose de leveza para os fóruns. E tentar traduzir, de forma lúdica, os espaços jurídicos para os pequenos para que se sintam acolhidos. As crianças são o foco, sejam vítimas de abusos, testemunhas ou só acompanhantes dos pais. Mas os adultos também entram na

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/palhacos-sem-juizo-entretem-criancas-e-quebram-rigidez-do-judiciario.shtml?fbclid=IwAR0gOyBTpZp8KgfN2OumTn8y2Y2KVW1--5a5RyZWkf9ZhHyYKRAAXvU7NXs>> Acesso em: 10 outubro 2019 às 14h30.

brincadeira, desde vigias até promotores. (ZAREMBA, Júlia. Folhapress, 01 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/palhacos-sem-juizo-entretim-criancas-e-quebram-rigidez-do-judiciario.shtml?fbclid=IwAR0gOyBTp8KgfN2OumTn8y2Y2KVW1--5a5RyZWKf9ZhHyYKRAAXvU7NXs>> Acesso em: 10 outubro 2019 às 14h30).

Estamos por toda parte! Burnier (2001, p. 208) diz que “em suas andanças através do tempo, o clown ocupou diversos espaços: a rua, a praça, a feira, o picadeiro, o palco”. Desconfio que o nariz vermelho é contagioso! Castro (2019) reflete sobre o crescimento do que denominam de palhaços humanitários:

Assim como no caso dos palhaços sagrados, a performance dos palhaços humanitários, além de buscar o entretenimento e o riso, visa atingir um alto grau de eficácia, atuando na potencialização de fatores como fortalecimento, cura, coesão social e ativismo político. Nesta senda, artistas de vários países constituem uma rede de solidariedade, rizomática e nômade e, canalizando a rebeldia natural do palhaço para ações de interferência direta no real, buscam reverter consternações coletivas ou individuais. Esses palhaços subvertem a ordem estabelecida, se mobilizam e formam um verdadeiro exército: são tropas armadas com tortas de creme e narizes vermelhos, atuando na luta por um mundo melhor. (CASTRO, 2019, p. 88).

Complementando a discussão, trago o texto *Por que tanta gente quer ser Doutor da Alegria no começo do ano?*<sup>13</sup>, publicado no *website* do Doutores da Alegria, de autoria da Gabriela Caseff, de 11 de janeiro de 2019. O grupo se posiciona com algumas hipóteses das motivações de se querer ser doutor-palhaço, principalmente pelo grupo receber tantos pedidos de informações sobre isto quando se inicia um novo ano. É comum todo início de um novo ano querer mudar, iniciar novos projetos ou realizar alguns sonhos. Eu já prometi tanta coisa para mim mesma!

Várias hipóteses são cogitadas e o grupo explica seu posicionamento em relação a ‘exigente’ seleção de palhaços. Primeiro, por ser um grupo de palhaços profissionais e não de voluntários. Segundo, por respeito e cuidado com a linguagem do palhaço e o esclarecimento de que eles não são médicos fantasiados de palhaços, mas sim, palhaços que brincam com a figura de um médico especializado em besteirolgia.

<sup>13</sup> Disponível em: <[https://doutoresdaalegria.org.br/blog/por-que-tanta-gente-quer-ser-doutor-da-alegria-no-comeco-do-ano/?fbclid=IwAR1djuLRFBsFmrFGzrz18BUq5Sixnyre8Y1bRi\\_gp8Ziv7q5PUOnfRhJAfo](https://doutoresdaalegria.org.br/blog/por-que-tanta-gente-quer-ser-doutor-da-alegria-no-comeco-do-ano/?fbclid=IwAR1djuLRFBsFmrFGzrz18BUq5Sixnyre8Y1bRi_gp8Ziv7q5PUOnfRhJAfo)> Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 11h55.



A figura do palhaço, mesmo sob a máscara e sob a energia da criança – não no sentido infantilizado, mas no sentido ingênuo e brincante – está ancorada pelo adulto por trás da máscara, o que lhe impulsiona o ato responsivo e responsável, principalmente em uma esfera hospitalar. Para tanto, este adulto precisa ter conhecimento do ambiente em que está, seus cuidados, seu comportamento. Ser palhaço atuante em hospital é um ato de responsabilidade.

No texto de Gonçalves (2012), onde debate Teatro e Responsabilidade sob as lentes bakhtinianas, ele afirma que:

Bakhtin começa o texto Arte e Responsabilidade falando de três campos da cultura humana: a arte, a ciência e a vida. Ele chama a atenção para o fato de o indivíduo incorporar esses três campos à sua própria existência. E ainda fala de quão mecânico pode ser esse processo se o homem sai de uma agitação cotidiana para o momento de criação artística, como se pudesse penetrar em outro mundo de inspiração repentinamente. (GONÇALVES, 2012, p. 64).

O trabalho voluntário precisa ser responsável. Responsável com o outro, consigo, com a instituição que lhe abre portas, com a arte de palhaçar. O Especialistas da Alegria é um grupo de voluntariado que percebeu a responsabilidade de compreender a linguagem do palhaço, e, mais ainda, a do palhaço que atua em hospital, para que pudesse prosseguir com seu trabalho. Gonçalves (2012, p. 65) também afirma que “[...] no encontro entre sujeito e arte a própria responsabilidade requer sua existência”.

Há alguns anos, o gestor comercial, empreendedor social, palhaço e fundador da Associação Nariz Solidário, Eduardo Roosevelt, sentiu que precisava unir os grupos de palhaços que atuam em esferas relacionadas com a saúde, em Curitiba e Região, e criou um encontro entre os coordenadores denominado de #cafécomNariz, onde, segundo ele “trocam melhoras práticas e compartilham oportunidades de cursos pela cidade que estejam ligadas a sua temática”. Para iniciar este projeto, precisou fazer um mapeamento desses grupos no intuito de “entender o real cenário dos grupos que atuam com a linguagem do palhaço em ambiente de atenção à saúde, em Curitiba e Região metropolitana”. (Informação verbal)<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> ROOSEVELT, E. **Encontros entre coordenadores de grupos de palhaços que atuam em esferas relacionadas com a saúde, em Curitiba e Região Metropolitana: #cafécomNariz**. Curitiba, 2019. Informação verbal via aplicativo *whatsapp*.

O mapeamento foi realizado entre 2015 e 2019. Palhaço que é palhaço é parceiro e doutor-palhaço que é doutor-palhaço divide suas ferramentas e compartilha suas técnicas risologistas. De palhaço para palhaça, Dr. Roosevelt compartilhou seu mapeamento e seus contatos para Dra. Catavento, colaborando com esta tese.

Filtrei as informações que considero importantes para a tese e que dialogam com os objetivos da mesma (QUADRO 1).

QUADRO 1 – GRUPOS DE PALHAÇOS QUE ATUAM NA ESFERA DA SAÚDE EM CURITIBA

Grupos	Ativo/ Inativo	Desde	Memb ros	Tipo	Abordagem	Vínculo	ONG
<b>Abraço Solidário</b>	Ativo	2015	9	Voluntário	Evangelismo	Igreja	Não
<b>Alegrear-te</b>	Inativo		3	Voluntário	Evangelismo	Igreja	Não
<b>Alegria de Viver</b>	Inativo	2016	11	Voluntário	Artes/interação	Autônomo	Não
<b>Amor Viral</b>	Ativo	2015	40	Voluntário	Evangelismo	Igreja Batista	Sim
<b>Anjos de Plantão</b>	Ativo	2017	10	Voluntário	Artes/interação	Autônomo	Não
<b>Associação Nariz Solidário</b>	Ativo	2014	22	Voluntário	Artes/interação	Autônomo	Sim
<b>BolaClown</b>	Ativo	2017	36	Voluntário	Evangelismo	Bola de Neve	Não
<b>Bonde de Alegria</b>	Ativo	2019	4	Voluntário	Artes/interação	Autônomo	Não
<b>Cia da FelizCidade</b>	Ativo	2016	15	Voluntário	Evangelismo	Igreja	Não
<b>Doadores D'Alegria</b>	Ativo	2008	28	Voluntário	Evangelismo	PIB (Primeira Igreja Batista)	Não
<b>Doutores da Graça</b>	Inativo	2012	2	Voluntário	Evangelismo	Autônomo	Não
<b>Doutores na Fé</b>	Inativo	2013	2	Voluntário	Evangelismo	Igreja	Não
<b>Drs Anjos do Amor</b>	Ativo	2015	23	Voluntário	Evangelismo	Igreja	Não
<b>Especialistas da Alegria</b>	Ativo	2012	15	Voluntário	Artes/interação	Lei de Incentivo à Cultura	Não
<b>Galerinha do bem</b>	Ativo	2013	9	Voluntário	Evangelismo	Autônomo	Não
<b>MedClown</b>	Inativo			Voluntário	Extensão Acadêmica	Faculdade Positivo	Não
<b>Missão Alegria</b>	Inativo			Voluntário	Evangelismo	Igreja Quadrangular	Não
<b>Operação Palhaçoterapia</b>	Ativo	2014	25	Voluntário	Artes/interação	Autônomo	Não
<b>Operação Vagalume</b>	Ativo	2007	32	Voluntário	Extensão Acadêmica	Faculdade Evangélica	Não
<b>Programa Rede Sol Arte Solidária</b>	Ativo	1997	8	Profissional	Artes/interação	A Fundação Cultural de Curitiba	Sim
<b>Risologistas Doutores do Riso</b>	Ativo	2007	4	Profissional	Artes/interação	Autônomo	Sim
<b>Risoterapia de Curitiba</b>	Ativo	2013	70	Voluntário	Evangelismo	PIB (Primeira Igreja Batista)	Não
<b>Semeando Amor</b>	Ativo	2013	25	Voluntário	Artes/interação	Autônomo	Não
<b>Só Rindo</b>	Ativo	2015	15	Voluntário	Evangelismo	Igreja	Não
<b>Terapia intensiva de Amor</b>	Ativo	2008	15	Voluntário	Artes/interação	Autônomo	Sim
<b>Trupe da Saúde</b>	Ativo	2000	11	Profissional	Artes/interação	Unicultura	Sim
<b>Tutores do Riso</b>	Ativo	2013	30	Voluntário	Artes/interação	Autônomo	Não
<b>Visitarte</b>	Ativo	2008	5	Profissional	Artes/interação	Autônomo	Sim

FONTE: Adaptado de Associação Nariz Solidário (15-03-2019).

Usei minhas lentes palhacescas neste levantamento para observar que dos vinte e oito grupos que atuam com a linguagem do palhaço, vinte e dois estão em atividade e seis estão inativos. Dos vinte e dois grupos em atividade, dezoito atuam com palhaços voluntários e quatro com palhaços que são remunerados profissionalmente. Destes dezoito, nove tem vínculos com alguma instituição religiosa, um faz parte de um projeto de extensão acadêmica e oito são autônomos (sem vínculos políticos ou religiosos). O Especialistas da Alegria faz parte destes oito, mas com um detalhe: no final de 2018 o grupo inscreveu um projeto para a Lei de Incentivo à Cultura e foi aprovado. Na captação de recursos, o grupo conseguiu em 2019 apoio do Banco Cooperativo do Brasil S.A. (Bancoob)<sup>15</sup>. Em 2020, além do Bancoob, vieram novos apoiadores para somar!

É interessante ver a quantidade de grupos que atuam como doutores-palhaços e estão vinculados a uma instituição religiosa. Talvez por verem no palhaço um instrumento leve como flauta para tocar os corações com palavras cristãs. Penso que a Arte, como um todo, não deveria servir como ‘ferramenta’, entretanto, se há nesses grupos um cuidado com os estudos da linguagem do palhaço e o reconhecimento da mesma dentro da esfera artística, não vejo pepino e sim, uma salada. Essa é uma discussão que vale outra tese da qual não dou conta neste momento.

Questionei todos os grupos ativos se eles pescavam seus palhaços com uma isca na ponta de um anzol ou se por meio de um processo de seleção e como seria esse processo para cada grupo. Enviei um questionário via *whatsapp*, porque sou uma palhaça moderna e bem sei que esses novos meios de comunicação estão aí para bombar e multiplicar na mesma velocidade com que nossas relações se afetam e se transformam.

Segue o questionário:

1. Atualmente, quantas pessoas estão atuando no grupo como palhaços?
2. Há um processo seletivo ou requisitos para ingressar no grupo como palhaço?
3. Se sim, como funciona o processo (oficina, entrevista, duração...) e/ou quais são os requisitos (artistas, maioria...).

---

<sup>15</sup> Bancoob é um banco múltiplo privado especializado no atendimento a cooperativas de crédito, cujo controle acionário pertence a entidades filiadas ao Sicoob. Disponível em <[www.bancoob.com.br](http://www.bancoob.com.br)> Acesso em: 04 outubro 2019 às 23h25.

4. Em média qual a desistência de candidatos durante o processo seletivo do grupo?
5. Quando já integrados ao grupo, há uma continuidade no processo de formação à arte da palhaçaria (workshops, leituras, oficinas...). Se sim, qual a periodicidade?
6. Qual é a média de tempo que um palhaço permanece no grupo (independente do motivo de sua saída)?
7. Qual é a maior causa da saída de um palhaço no seu grupo?
8. Quais os hospitais ou instituições impactados continuamente e diretamente pelo seu grupo?

Enviei o questionário para os 22 grupos em atividade, porém, nove grupos retornaram com as respostas. Destes nove, sete não exigem experiência na linguagem do palhaço e são grupos que trabalham com voluntários, mas todos têm um processo de seleção específico, de acordo com a identidade de cada grupo. Os outros dois são grupos profissionais, por isso, além de um processo de seleção, exigem experiência na palhaçaria.

Os processos de seleção variam entre carta de intenção, participação em oficinas e workshops, currículo, entrevista, questionário, treinamento evangelístico e formação teórica e prática. Curiosamente, a maioria informou que durante o processo de seleção não há um número expressivo de desistentes. Digo curiosamente, porque no processo do Especialistas há mais desistências, talvez por ter a duração de seis meses.

Oito desses grupos informaram que possuem uma formação continuada na linguagem do palhaço dentro do grupo e essa formação varia entre semanal a duas vezes por ano. Todos esses grupos atuam em mais de um hospital/asilo.

Com todas essas informações, questionei ao coordenador do Especialistas, Jefferson Bertoldi, para falar sobre esses encontros entre coordenadores e qual/quais as principais pautas. Ele me respondeu via um áudio do *whatsapp* que transcrevi conforme seu discurso:

*Bom, falando um pouco sobre a realidade aí do grupo de palhaço, eu tenho participado. Fui em algumas reuniões, né, de alguns coordenadores de grupos de palhaços de hospital aqui em Curitiba e uma coisa que se apresenta muito, que é*

uma reclamação meio recorrente, é referente essa questão aí de falta de presença dos voluntários, de manter fidelidade no compromisso, né. Há uma oscilação aí comprometida de alguns voluntários o que acaba comprometendo a realidade do grupo. Não foi nem uma nem duas vezes que eu escutei gente reclamando que os voluntários não tem assiduidade, né. Eles começam e daqui a pouco já declinam e não sei se isso é fruto talvez de uma faixa etária, né, porque a juventude a todo momento está mudando seus planos, projetos, então hoje eles estão aqui, mas daqui a pouco pode gerar um projeto novo, um curso ou uma coisa assim e eles acabam declinando. Então, eu tenho pra mim que a minha impressão é essa que é muito difícil, né, o jovem ele quer fazer, mas às vezes não consegue se organizar com agenda e como muitos grupos que pelo menos que eu conheço em Curitiba tem muita juventude sofre automaticamente esse problema aí, né. Então, isso já é uma coisa que a gente não acaba sofrendo tanto porque, coincidentemente, não foi uma coisa que a gente quis que fosse assim, mas acabou sendo, que é a nossa faixa etária hoje. A média de idade acho que é em torno de trinta, trinta e pouco anos e muitos tem uma vida de uma estabilidade já, então não há nenhum risco assim, né, e outra coisa que parece que é importante eu não sei como é que os outros grupos aí se organizam, a gente se organiza aí por seis meses de preparação de processo seletivo, ou seja, não é simplesmente dizer eu quero fazer, vai lá coloca o nariz, veste o jaleco e começa a representar um grupo, não, nós fazemos um processo de seis meses, então, porque entendemos que se é fácil para entrar é fácil para sair, né, E não só isso, também precisa uma preparação mínima e que a gente entende que essa preparação mínima hoje tem que ser seis meses, porque você estuda um pouco o colaborador que trabalha nesse hospital oncológico, o próprio paciente, o familiar acompanhante, né, e também o palhaço dentro desse ambiente. Então são coisas mínimas básicas além da questão de infecção hospitalar, né, então é preciso saber aonde estamos e para que estamos. Então, eu penso que esse processo aí não foi feito do dia pra noite a gente foi fazendo ano a ano uma alteração e hoje, nós estamos com seis meses, talvez até aumentamos ou não, mas a princípio tem dado muito certo. Porque que a gente diz isso? Porque hoje, depois desses anos, seis anos aí de grupo, a gente tem aí 3, 4 pessoas q não estão mais e lembro que duas eram por questões de viagem, se mudaram foram para outra cidade mesmo, enfim, mas nada muito grave assim... o que repito, não é muito a realidade de outros grupos que chegam até a fechar a porta, porque não tem mais a presença de

pessoas né. Outra coisa que me chama a atenção e aí não sei se é uma particularidade nossa, mas eu sei que a maioria dos grupos atende mais de um hospital, o que parece um pouco frágil, né, porque a impressão que eu tenho é que quando você está em vários lugares, você não está em nenhum ao mesmo tempo, né, porque a gente quer contemplar maior número de hospitais, enfim, e nós por exemplo, optamos em ficar exclusivamente em um hospital que, ao meu ver, para a gente conseguir contemplar aquele hospital 100%, pra dizer assim: 'nós conseguimos contemplar 100% dos pacientes, acompanhá-los até', olha, pra isso acontecer, teria que ter no mínimo, acho que, no mínimo 50 voluntários muito bons, muito bem preparados pra dar conta e dizer assim: 'olha, nós conseguimos contemplar 100% dos pacientes internados no HEG, mas, e olha que eu tô jogando um número baixo, então, mas, porque a gente optou em fazer assim? Porque dessa forma somos mais respeitados dentro do hospital, a visibilidade fica maior. Me parece que em alguns grupos, pelo que eu entendi, eles acabam visitando mais de um hospital, dois, três hospitais, então, acaba lá dando uma presença quinzenal às vezes no hospital, né e o próprio voluntário também, voltando uma questão importante, nós temos uma escala aí bimestral. São seis atividades mínimas, pelo menos seis atividades no bimestre e eu sei que alguns grupos parece que a pessoa atua a cada quinze dias e eu acho que esse jeito aí, né, uma semana sim a outra não, quando você volta a atuar tem uma... dá uma... esfria. Você não tá no ritmo do negócio. É o que acaba provocando até uma certa desistência, enfim, e acho que quando você bota um ritmo, talvez ajude mais assim, né. Essa é uma sugestão, uma opinião minha própria aqui, tá. Com relação a questão do grupo, acho que aí concludo dizendo uma coisa importante, todo grupo de palhaço hospitalar, pra mim, existem três grandes pilares, né, que é: a própria atuação em si, que é a formação desses voluntários e também a administração do grupo. Então, são três pilares importantíssimos, fundamentais, para que um grupo sobreviva. Não adianta ter uma boa administração, uma boa formação, se não tiver quem atue, mas também, não adianta querer pessoas que atuem tenham uma excelente formação se não tiver uma boa administração que funcione, então, pra mim, esses três pilares eles são essenciais para que um grupo obtenha sucesso e alcance aí, né, seus objetivos. Então, bom, de qualquer maneira, em princípio, é isso que eu queria te dizer em relação a essa realidade aí dentro dos grupos de palhaços de Curitiba. Certamente outros coordenadores teriam um outro ponto de vista, mas a grosso modo, pelo que



*eu vejo, esse é um pouco da realidade de palhaços aí hospitalares em Curitiba, tá bom. (Informação verbal)*<sup>16</sup>.

O coordenador do grupo fala sobre a questão de evasão que alguns grupos sofrem. Pessoas que entram, ficam uma, duas atuações e desaparecem. Percebemos que o método intensivo do processo seletivo do Especialistas da Alegria, além de proporcionar o conhecimento da linguagem do palhaço, evitou esse tipo de atuação relâmpago e fez com que nós, do grupo, tivéssemos interações mais conscientes.

Uma das alterações que o processo de seleção do Especialistas teve em 2018 foi a de ampliar os estudos teóricos e práticos da linguagem do palhaço e permitir que eu, Dra. Catavento, criasse ‘tarefas de casa’ diferentes das habituais de perguntas e respostas e nas oficinas inventasse novos desafios.

Em meio a todas as informações que captei percebo que quando não se atua diretamente na esfera artística, talvez o olhar para o palhaço que atua voluntariamente no hospital esteja mais voltado para questões administrativas e de fortalecimento do nome do grupo, que são também fundamentais. É interessante ter esta mescla de sujeitos de esferas variadas e de pensamentos distintos, para que juntos, se construa essa identidade do grupo, dialogando em conflito, claro! Pois palhaço adora um conflito para resolver com sua perspicaz lógica.

Para formar doutores-palhaços... Opa, formar ou desformar? Opto por desformar, pois o palhaço é aquele que sai da fôrma, como diz Alves (2016, p. 239), “formatura é isto: quando todos ficam iguais, moldados pela mesma fôrma”. Bem, para desformar doutores-palhaços, o Especialistas da Alegria passou a promover treinamentos para os seus integrantes desde 2016. No início, a inserção desses treinamentos foi como uma dose mínima do famoso remédio *motivacionol*, depois, foi se ampliando e, atualmente, já estamos com doses também de *risonil* e *palhaçonol*.

Quando fui convidada a colaborar ativamente com meu nariz vermelho no processo de seleção do ano de 2018, a princípio me senti o Kung Fu Panda<sup>17</sup> no seu

---

<sup>16</sup> BERTOLDI, J. **Pautas discutidas nos encontros entre coordenadores de grupos de palhaços que atuam em esferas relacionadas com a saúde, em Curitiba e Região Metropolitana: #cafécomNariz**. Curitiba, 2019. Informação verbal via aplicativo *whatsapp*.



filme, parte 3. Não estava acreditando que daria conta. Ao compreender que não se tratava de formar palhaços, mas de preparar sujeitos a se apropriarem da linguagem do palhaço, mergulhei! Despertei para o caminho da pesquisa com meus experimentos e desenvolvo esta escrita com o OBJETIVO de compreender os sentidos da prática artístico-pedagógica da linguagem do doutor-palhaço nas atividades do processo de seleção do grupo Especialistas da Alegria.

Mas, caro leitor, estamos aqui de prosa e verso e acho que preciso logo me apresentar mais detalhadamente para que compreendam como me tornei doutora-palhaça e pesquisadora.

Primeiro, faz-se necessário dizer que eu, palhaça Catavento – e os demais palhaços -, não sou uma personagem. Personagem vem de fora, enquanto eu venho de dentro. O palhaço é como uma encarnação. Não pensando, ao menos aqui nesta pesquisa, no lado místico e religioso, mas refletindo nos sentidos da palavra encarnação, que do latim é *in carnare* - fazer-se carne. O palhaço está muito mais próximo do humano. Da carne que falha, que erra, que cai e se machuca (bate o nariz, por isso ele é vermelho), que se decepiona e se afoga num copo de cerveja (também explica o nariz vermelho), que é frágil e está sempre resfriado (mais uma boa explicação do nariz vermelho). Burnier afirma:

O clown não representa: ele é - o que faz lembrar os bobos e bufões da Idade Média. Não se trata de um personagem, ou seja, de uma entidade externa a nós, mas da ampliação e dilatação dos aspectos ingênuos, puros, humanos (como nos clods), portanto, 'estúpidos' do nosso próprio ser. (BURNIER, 2001, p. 209).

Com os esclarecimentos devidos, vamos às apresentações pessoais.

## 2.1 CLOWNVERSA COM A DOUTORA-PALHAÇA-PESQUISADORA DRA. CATAVENTO

A primeira vez em que surgi, junto à primeira máscara de nariz vermelho, eu nem tinha o nome de Catavento. Aliás, nome de palhaço é às vezes um dilema. Eu também não tinha as feições de Catavento. Maquiagem de palhaço também pode ser outro dilema.

---

<sup>17</sup> Filme de animação cujo primeiro foi lançado em 2008, produzido pelos estúdios *DreamWorks Animation* e distribuído pelo *Paramount*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Kung\\_Fu\\_Panda](https://pt.wikipedia.org/wiki/Kung_Fu_Panda)> Acesso em: 18 dezembro 2019 às 19h55.

FIGURA 9 - JOGANDO CHARME – GUIDO VIARO



FONTE: Gi Nicaretta/Guido (2017).

Contação de histórias O Sorriso Perdido no Centro Estadual de Capacitação em Artes Guido Viaro.

No entanto, antes da máscara de palhaça, sempre estive presente, como nos momentos em que as máscaras sociais escapam dos rostos e caem, permitindo-nos: cantar no chuveiro mesmo com visita em casa; dançar no ponto de ônibus mesmo em meio a estranhos; fazer aquela ‘vozinha’ que só seu animal de estimação não acha ridícula; colocar fantasia em uma festa que não é ‘à fantasia’; tentar compreender por que a letra A se escreve sozinha enquanto a letra B se escreve com B mais E; correr atrás do ônibus, cair um tombaço e fingir que foi desmaio; confundir ‘me passa o celular’ de um assalto com um pedido de número do seu telefone; suspirar pelo Fábio Jr. ainda que jure de pé junto ser fã de *rock and roll*.

Quem nunca?! Convido o leitor a lembrar de alguns momentos em que se sentiu palhaço – não no sentido pejorativo que, aliás, é uma ofensa para qualquer palhaço a palavra palhaço ter um sentido pejorativo! – mas, dos momentos em que cometeu um deslize/gafe que gerou riso, no outro e em si mesmo. Lembrando que o riso é livre até entre as divindades, como afirma Minois (2003, p. 47), “o riso como simples válvula de escape, o riso como acolhida, o riso de sedução, o riso de ternura existem também, mesmo entre os deuses (...)”.

Compreendo que toda criança tem algumas das essências do palhaço: a ingenuidade, a prontidão em agir e resolver problemas – à sua maneira -, a coragem... No entanto, a criança se torna adulta e adulterando sua infância, também adultera seu palhaço, deixando-o na Ilha da Bobeira (aquela mesma mostrada no filme *Divertida Mente*<sup>18</sup>). A Ilha da Bobeira é onde guardamos todas as bobices que inventamos.

Eu, Catavento, sempre dei o ar de meus ventos, digo, de minha graça, mas foi na faculdade que ganhei meu primeiro nariz vermelho. Confesso que, a princípio, estava meio tímida. Curso de Tecnologia em Produção Cênica (TPC) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), turma de 2009. Primeira turma de um curso pioneiro, já que foi o primeiro instaurado em uma Universidade Pública do Brasil. A história do curso, seus discentes e docentes foram se constituindo juntos.

Primeiro dia de aula: zip, zap e zum<sup>19</sup>. Levei um susto. Não era para ser Produção Cênica? É que o curso TPC advém do Curso Técnico em Artes Cênicas, ofertado pela antiga Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná, que atuou de 1999 até o ano de 2008. Nesse tempo, ainda carregava como subtítulo a Formação de Ator. Durante o primeiro semestre, o conteúdo programático da disciplina de Improvisação Teatral I compreendia os estudos de *Commedia Dell'Arte*<sup>20</sup> e *Clown*, entre outros.

Não era palhaça de teatro, não era palhaça de rua, não era palhaça de circo. Nem sabia que era palhaça. Nem gostava tanto de palhaços – ou pensava que não! Mas, frequentava muitos Circos na Infância enquanto espectadora e sempre fui fã de O Gordo e o Magro, Os Três Patetas, Charles Chaplin, Os Trapalhões...

Uma pausa aqui na continuidade temporal de meu nascimento social para compartilhar que mesmo eu não gostando tanto da figura do palhaço na época, antes de mergulhar na arte da palhaçaria, o destino ‘zombou’ de mim, pois na festa

<sup>18</sup> Nome original: *Inside Out*. Filme de animação de 2015 dirigido por Pete Docter, produzido pela Pixar Animation Studios e lançado pela Walt Disney Pictures. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Inside\\_Out\\_\(filme\\_de\\_2015\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Inside_Out_(filme_de_2015))>. Acesso em: 20 abril 2020 às 13h40.

<sup>19</sup> Refiro-me ao jogo teatral que consiste que os participantes estejam em uma roda e com uma palma, junto da palavra zip, a direcione para alguém do lado direito da roda. A palma com a palavra zap é direcionada para o lado esquerdo e a palma com a palavra zum é direcionada para frente do jogador. Cada participante que recebe qualquer dessas palavras faz a jogada novamente utilizando qualquer uma delas.

<sup>20</sup> A *commedia dell'arte* é uma forma de teatro popular que aparece no século XV, na Itália, e se desenvolve posteriormente na França, permanecendo até o século XVIII, quando da reforma goldoniana da comédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Commedia\\_dell%27arte](https://pt.wikipedia.org/wiki/Commedia_dell%27arte)>. Acesso em: 22 março 2019 às 16h37.

de aniversário dos meus nove anos de idade ganhei um bolo da minha tia no formato da cara de um palhaço.

FIGURA 10 - ANIVERSÁRIO DE 9 ANOS – QUINTAL DE CASA



FONTE: Álbum de família (1987).  
Bolo da tia Zanza.

Retomando à linha (ou desalinho) do tempo... Por vezes, não compreendia o sentido em estar na sala de aula aprendendo cambalhota ou malabares – aliás, me graduei sem conseguir aprender a cambalhota e o malabares. Confesso que ‘matei’ algumas aulas de Improvisação Teatral I. No segundo semestre, novos professores assumiram as disciplinas. E veio Improvisação Teatral II. Acabaram as cambalhotas, mas não o meu estranhamento com a prática teatral. Entretanto, decidi entrar no jogo para valer. Com medo mesmo.



FIGURA 11 - A MÁQUINA – TEUNI UFPR



FONTE: Arquivo do grupo de Produção Cênica (2011).  
Peça A Máquina, de Adriana Falcão. Adaptação pela turma de Produção Cênica.

O palhaço fracassa, mas não desiste. Encontra uma solução que lhe faça sentido. Não abandona o picadeiro, a rua, o teatro ou o aprendizado. Ele tenta uma vez, duas, três...

Em uma aula na disciplina de Produção Cultural, assistimos o documentário: *Doutores da Alegria – o filme. Touché!* Meu nariz vibrou e meus cataventos se antenaram. Era isso! Eu queria ser uma palhaça para atuar em hospitais. A partir desse documentário, procurei diversos cursos de formação em palhaçaria fora da esfera universitária, já que na Universidade, o espaço para o estudo do palhaço ainda é restrito.

A formação clownesca, tal como a conhecemos hoje, é algo bastante recente. Tempos atrás, no circo, os conhecimentos deste ofício se transmitiam de pais para filhos, ou entre “famílias circenses”, e por outro lado, alguns artistas de disciplinas físicas (acrobatas, trapezistas, etc.) se tornavam palhaços quando seu corpo já não tinha muito fôlego. (NAVARRO, in: DREAM, 2018, p. 18).

Meu primeiro curso livre foi em 2010: *Levando o Riso a Sério*, ministrado pelo profissional Rafael Barreiros, o palhaço Alípio<sup>21</sup>. Nesta época ele participava da então Cia dos Palhaços, de Curitiba. Ainda com um nariz de plástico, desses comprados em lojas de artigos de festa, nasce a Catavento. Bem, como disse, a

<sup>21</sup> Rafael Petzet Barreiros (Palhaço Alípio) é artista, arte educador e empreendedor criativo. Pesquisa a linguagem do palhaço desde 2000 estudando com diversos mestres do Brasil e do Mundo. Disponível em: <<https://www.rafaelalipio.com/quem-sou>>. Acesso em: 19 março 2020 às 12h40.

Catavento sempre esteve presente, mas foi a partir dali que ela nasceu socialmente. O nascimento social, para Bakhtin, é discutido da seguinte forma:

Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social. O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o principal. [...] Só essa localização social e histórica do homem o torna real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura (BAKHTIN, 2004, p. 11).

Catavento foi se inserindo em círculos sociais palhacescos e foi criando sua própria história: vem lá de Ventos Distantes, que fica na Ilha da Bobeira. Em Ventos Distantes, as ruas flutuam e as nuvens são feitas de algodão doce. A brincadeira preferida dos palhaços da região é soltar pipas, pois lá não tem postes, então as pipas voam livres-leves-soltas pelo ar e suas cores se misturam com o azul do céu, o amarelo do sol, o verde da grama e desta maneira nasce poesia em forma de desenhos animados por onde quer que a gente passe. Respeitável leitor, já visitou hoje a sua Ilha da Bobeira?

Quando me graduei em TPC, a Catavento ficou um pouco adormecida, pois nas acontecências da vida novas oportunidades vieram ao meu encontro. A maravilha é que toda nossa história vira bagagem para a construção do palhaço. Sim! A palhaça também se constitui, se altera e se desloca. O movimento é dialógico (alguns diriam até que é sexy, como na música Uma Bomba, da banda Braga Boys<sup>22</sup>! Não resisti ao trocadilho!).

Essas novas oportunidades comporam minha trajetória enquanto pesquisadora na área da Educação. Conto, em minha dissertação de Mestrado, dois momentos marcantes revestido de sentidos para mim:

No primeiro momento, meu encontro com a docência ao integrar o Programa de Iniciação à Docência, exercendo atividades para a disciplina de História da Arte. E no segundo momento, meu encontro com a pesquisa ao entrar no Programa de Mobilidade Acadêmica num intercâmbio à Universidade de Évora, em Portugal, quando pude cursar algumas cadeiras no Programa de Mestrado em Arte de Actor-Marionetista. (PLUSCHKAT, 2015, p.17).

<sup>22</sup> Banda baiana que lançou o hit Uma Bomba em 2000. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Braga\\_Boys](https://pt.wikipedia.org/wiki/Braga_Boys)> Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 12h00.

Retornando de Portugal, tive o desejo de me aprofundar na esfera da pesquisa em Educação, ingressando, em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa em Cultura, Escola e Ensino, e no Grupo de Pesquisa ELiTe - Laboratório de Estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (UFPR/CNPq), sob orientação do professor Jean Carlos Gonçalves.

Meu processo dentro da esfera universitária do curso de TPC foi de venturas e desventuras, logo, me afetou de tal maneira que minha pesquisa de mestrado teve como questão norteadora e objetivos:

Quais são os sentidos atribuídos pelos discentes do curso de TPC à sua formação universitária? No intuito de responder a esta questão, o objetivo geral desta pesquisa é apontar perspectivas acerca dos sentidos do curso de Produção Cênica atribuídos pelos seus discentes na rede social Facebook. Os objetivos específicos são: analisar criticamente a Produção Cênica na esfera cultural e discutir a formação do profissional Produtor Cênico na esfera universitária, tecendo diálogos com as vozes dos estudantes na esfera virtual. (PLUSCHKAT, 2015, p.17).

Alguns dizem que não somos nós que encontramos o palhaço, mas é ele que nos encontra. Minha caminhada - e mergulhos – permitiu-me reencontrar com a arte da palhaçaria no final do Mestrado. Uma das colegas de pesquisa, Herica Veryano - atriz, palhaça e fundadora do grupo de teatro Coletivo Joaquina - estava de mudança para outra cidade e me apresentou à sua sócia, Edna Miranda – atriz, palhaça e atual diretora artística do grupo Especialistas da Alegria - para que nós, juntas, fizéssemos alguns trabalhos com teatro aqui em Curitiba.

A parceria deu certo e, em 2015, ela criou a Cia. de teatro *E Não É Que É? É!* Ali conheci o coordenador do Especialistas da Alegria, Jefferson Bertoldi, que também fez parte da companhia.

Quando soube que ele tinha um grupo de palhaços que atuava em hospital, meu nariz saltou da Ilha da Bobeira. Catavento reapareceu. De acordo com Dream (2018, P.41), “[...] à medida que vou crescendo e mudando, minha palhaça também vai. Ela não é uma personagem fixa e estática, nem é perfeita, como eu mesma não posso ser.” Por isso, reapareci um tanto diferente.

Dizem também que o mundo dá voltas e é por isso que tem tanta gente tonta. Assumi a tontice que há em mim e Catavento retorna como uma doutora-palhaça. Quanto ao meu nome? Tive e tenho muitos apelidos, mas Catavento veio

por parte de mãe que sempre dizia: ‘menina, mas que cabeça-de-vento!’ É que sou meio avoada mesmo. Para Bakhtin:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc., com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. (BAKHTIN, 2017, p. 30).

Pelo discurso de minha mãe sobre mim me tornei a palhaça que se perde, cai, se distrai e que quase tudo se esquece. Só não se esquece de catar o vento para transmutá-lo em brisa de risos ou vendaval de abraços, afinal, pesquisas palhaçísticas afirmam que 99,99% das pessoas precisam exercitar os músculos da face com o riso e alongar os músculos do tronco com o abraço.

Eu sou desenformada pela Universidade de Palhaçachussets, com especialidade em bobicerologia. Premiadíssima em dar nó em pingo d’água. Aliás, foi ao ingressar no grupo Especialistas da Alegria que a Catavento enfim mergulhou neste pingo d’água e está até hoje transbordando na palhaçaria.

O que eu não pude imaginar é que os ventos espalhassem e fizessem com que eu, Catavento, fosse sendo convidada a participar de eventos na área da Educação. Claro, a pesquisadora Patricia sim é mestra em Educação, mas a Catavento... Primeiro, fui convidada a dar uma oficina de palhaçaria no II Circuito de Expressão Dramática na Pequena Infância pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. Dali, me convidaram para fazer uma contação de histórias, como Catavento, para professoras. Depois, outras oficinas foram surgindo e todas solicitavam pela Dra. Catavento. A palhaça foi dando leveza na palavra treinamento, permitindo que o participante se tornasse brincante.

O palhaço tem um modo de operar, de funcionar que necessariamente inclui o outro. Ele precisa do outro para atuar, precisa da cumplicidade do outro, do olhar do outro, atua em relação ao público. Existem inúmeras maneiras de se fazer isso. (KASPER, 2004, p. 57).

Eu, que sou palhaça, mas não sou boba – apesar das bobices -, percebendo essa querência do verbo querer de uma palhaça doutora que pudesse reensinar as pessoas a brincar, tratei de organizar tudo que me desformou para que eu também pudesse desformar outros “civis” que desejavam conhecer a linguagem do palhaço. Como afirma Wuo (2016, p. 33), “o clown é uma descoberta para a vida inteira, não



tem pressa, um processo elucidativo aliado ao tempo, em processo de ser. Ele é como nós, está sempre num processo de transformação, formação, ‘desformação’”.

O interesse pela linguagem do palhaço vem numa crescente nos últimos anos:

[...] há alguns anos muitas pessoas têm se interessado em descobrir o seu clown. Gente curiosa, intrépida, corajosa... que decide participar de um curso porque não se conforma em estar acomodada em casa, e percebe que por trás do nariz vermelho se esconde um mundo fantástico que abre as portas a um universo que sempre esteve aí, mas que, com o correr dos anos, nos acostumamos a perdê-lo de vista. (NAVARRO, in: DREAM, 2018, p.18).

Separei alguns registros meus, lutando como uma palhaça e mostrando o ar de minha graça por onde passei:

FIGURA 12 – PIQUENIQUE E BRINCADEIRAS – CRAS VILA SANDRA



FONTE: Página da Prefeitura Municipal de Curitiba na Internet<sup>23</sup> (2017).  
Foto: Ricardo Marajó/FAS.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/piquenique-e-brincadeiras-divertem-comunidade-da-regional-cic/41478>>. Acesso em: 21 maio 2020.

FIGURA 13 - NAS NUVENS – CMEI ABAETÉ



FONTE: Patrícia Daniele Krosota/CMEI Abaeté (2019).  
Contação de histórias O Sorriso Perdido.

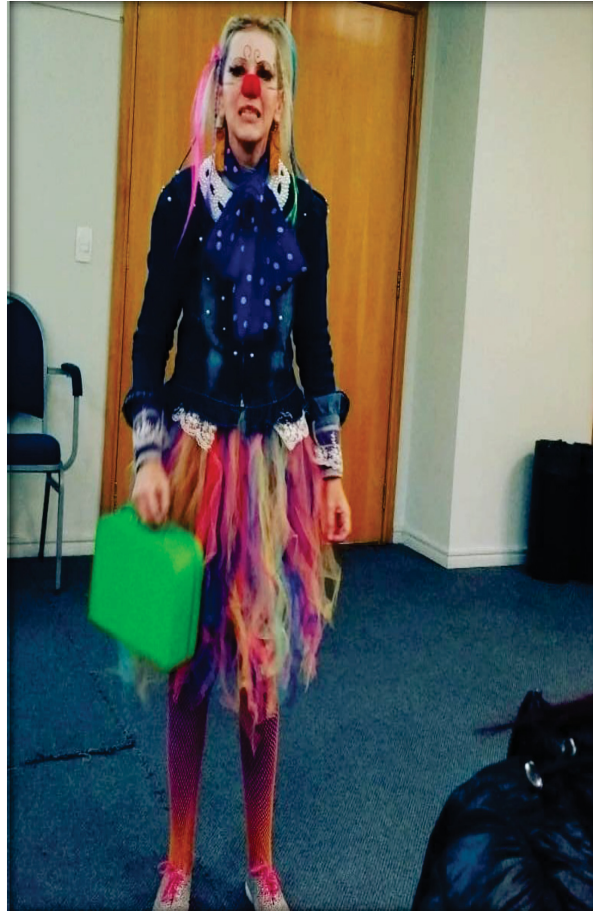
FIGURA 14 – PROJETO CRIANÇAS CRIAM E RECRIAM O MUNDO – PARQUE BARIGUI



FONTE: Elisângela Leite/SME (2018).  
Projeto da Secretaria Municipal de Educação.



FIGURA 15 - CADÊ O SORRISO? – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO CURITIBA-PR



FONTE: Katia Burguel/Rede de Proteção (2018).  
Contação de histórias O Sorriso Perdido, pela equipe da Rede de Proteção da Educação.

FIGURA 16 – PROJETO COMUNITÁRIO – PUC-PR



FONTE: Débora Feola/PUC-PR (2018).

FIGURA 17 – PROJETO FAMÍLIA PARANAENSE – MATRIZ PRAÇA RUI BARBOSA



FONTE: Paula Viegas/Rede de Proteção (2018).  
 Contação de histórias O Sorriso Perdido pelo Projeto Família Paranaense.

FIGURA 18 - SOLTA A CATAVENTO – ESCOLA MUNICIPAL CLEONICE BRAGA



FONTE: Arquivo da Escola Municipal Cleonice Braga (2018).  
 Oficina de brincadeiras para formação de professores da Escola Municipal Cleonice Braga.

O grupo Especialistas da Alegria potencializou minha trajetória palhacesca e permitiu meus experimentos de Dra. Catavento. Antes de detalhar esses experimentos ou formalmente dizendo, descrever o procedimento teórico-metodológico da tese, preciso contar a história do grupo que cruza com o meu cronotopo, pois o palhaço aprende a respeitar seus mestres palhacescos. Foi nesse grupo que pude experimentar o ‘desformar’ de novos palhaços.

## 2.2 ESPECIALISTAS DA ALEGRIA

Como é um grupo de palhaços, peço licença-poética para contar sua história também palhacisticamente. Era uma vez (toda história interessante que conheço começa com ‘era uma vez’, esta não podia ser diferente) uma mulher chamada Regiane. Ela era alegre, fofa e tinha um sonho. Era uma mistura de goiabada com doce de leite. Enquanto ela não o devorasse sentia um vazio que era mais que fome. Um belo dia descobriu que seus sonhos, sua alegria e sua fofurice podiam se misturar e virar um delicioso bolo, digo, um gracioso nariz vermelho. Ela tomou uma dose de coragem, comeu um pedaço de determinação e, em 2004, pintou seu primeiro nariz vermelho que hoje, é purpurinado.

Regiane escreveu em seu diário a sensação de seu primeiro dia de palhaça voluntária. Ali, já enunciava sobre como seria essa nova fase de sua vida. A primeira visita de Regiane foi ao Hospital Cajuru. Para iniciar o voluntariado, ela fez o curso para a pastoral hospitalar, que treina futuros voluntários e não palhaços. Mas, Regiane queria ser voluntária e palhaça. Ou voluntariamente palhaça? Ou palhaça voluntária?

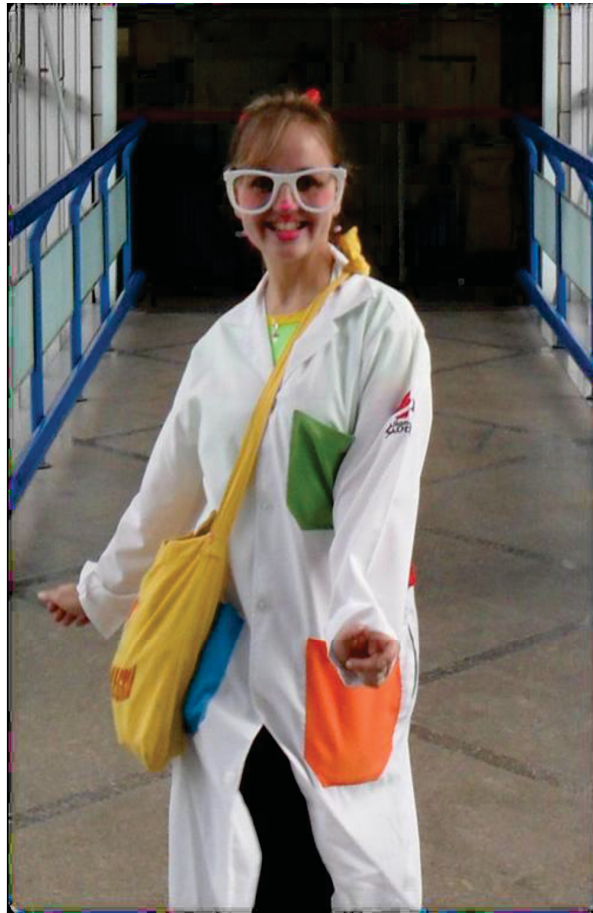
A minha única intenção era a de entrar em um hospital (onde não houvesse sangue) vestida de palhaça para fazer algo para alegrar as crianças! O grande dia chegou, cheguei uns 40 minutos antes do meu horário, afinal tinha que entrar pintada de palhaça e como foi difícil essa pintura: as mãos estavam trêmulas e o coração acelerado. Era nervoso, ansiedade, alegria de estar ali, uma mistura só. (MENIN, 2004, não publicado)<sup>24</sup>.

Regiane queria ser palhaça, pois assim se sentia no mundo. Sem conhecer a linguagem do palhaço, colocou o nariz e foi, pois sabia que aquele nariz sempre pertenceu a si. Nasce a Dra. Fófys que, a partir daí, transformou seu sonho de goiabada e doce de leite em doces gargalhadas. De menina alegre e fofa a palhaça plena e doutora em bobageiras.

---

<sup>24</sup> MENIN, R. **Diário da Dra. Fófys**. Curitiba, 2004. Compartilhado por *e-mail* em 2018. Não publicado.

FIGURA 19 - DRA. FÓFYS – CURITIBA-PR



FONTE: Arquivo do grupo Especialistas da Alegria (2004).  
Regiane Menin, fundadora do grupo.

Um ano depois, em 2005, Fófys desfilava com sua fofurice pelos corredores do hospital Cajuru quando um rapaz risonho, falador e cheio de ideias quis saber um pouco mais sobre o tal nariz vermelho e ele também quis um nariz para chamar de seu. Ou meu? Bem, dele!

Jefferson tinha N coisas na cabeça e no coração. Logo, virou Doutor N de Ene Coisas, especialista em N besteiras, como alcançar a língua no cotovelo e a sola do pé no joelho. Aquele rapaz risonho, falador e cheio de ideias começou em sua cabeça a perder cabelos, mas ganhar mais N ideias. Eram tantas que ele se tornou o falador, digo, o coordenador do grupo, já que falava pelos N cotovelos.



FIGURA 20 - DR. N – CURITIBA-PR



FONTE: Arquivo do grupo Especialistas da Alegria (2004).  
Jefferson Bertoldi, co-fundador e coordenador do grupo.

Em 2008, surgiu uma figura, digo, uma moça serena, da paz e nota 10. Rosenir estudava na escola de figurinhas e precisava tirar boa nota na disciplina de besteirês. Opa, quais figurinhas? Não! Ela estudava Administração e precisava cumprir horas extracurriculares. Procurou os doutores-palhaços Fófys e N para pedir uma vaga temporária no grupo, que até então nem tinha nome. De temporária ficou fixa. De obrigatório virou voluntário, digo, voluntária. Mesmo tímida, assumiu a palhaça que tinha em si. De graduanda, agora Doutora Figurinha, especialista em Amar é...



FIGURA 21 - DRA. FIGURINHA – CURITIBA-PR



FONTE: Arquivo do grupo Especialistas da Alegria (2004).  
Rosenir Gonçalves dos Santos, co-fundadora e conselheira do grupo.

Em 18 de outubro de 2012 o grupo ‘batizado’ de Especialistas da Alegria estreia no Hospital Erasto Gaertner por meio de um projeto entregue ao setor Administrativo do hospital sobre o voluntariado que exerceria com o *OBJETIVO de contribuir com a missão geral do hospital, em especial na dimensão do humanismo e afeto*. O grupo é formado desde então por palhaços voluntários, não profissionais, sem vínculo político ou religioso.

Esses ENCONTROS mudaram o caminho não só deles como de outras pessoas que cruzaram com o grupo, desde os novos palhaços como as pessoas que por eles foram e são visitadas no hospital, afinal, os encontros colocam nossas vidas em movimento. Bakhtin (2018, p. 30) afirma que: “por fim, todos sabem da importância dos encontros (que às vezes definem diretamente todo o destino de um homem) na vida e no cotidiano de todo indivíduo”. É estarmos naquela hora e naquele local e tudo pode mudar. É o cronotopo de nossos caminhos.

O que essa trilogia de palhaços tem em comum? Primeiro que não tinham formação artística quando iniciaram o trabalho de doutores-palhaços. Não tinham intuito de receber um valor financeiro. Não tinham conhecimento da linguagem do palhaço. Entretanto, precisavam daquele nariz vermelho. Para curar o outro? Talvez, mas, antes de tudo, para curar a si mesmos.

Por que trago essa história do grupo? Porque explica as escolhas do mesmo em “recrutar” voluntários que não tenham necessariamente a formação artística do palhaço, mas que tenham o desejo de aprender a linguagem específica do doutor-palhaço que atua em hospitais e o desejo pelo voluntariado. Bakhtin (2017, p. 14) afirma que “quando tentamos interpretar e explicar uma obra apenas a partir das condições de sua época, das condições da época mais próxima, nunca penetramos nas profundezas dos seus sentidos”. A fundo, a história dos palhaços vem desde antes dos circos, teatros, hospitais... Estudos confirmam a presença de figuras em tribos que tinham como função curar a partir do riso. Figuras essas que já nasciam predestinadas com essa função. (BOLOGNESI, 2003).

Bakhtinianamente, podemos dizer que não estamos presos a um destino. Inclusive, como dito antes, um encontro pode mudar nossa direção e esta é a riqueza da vida humana: não há só uma linha reta! Há curvas, travessas, ruas que cruzam, direitas, esquerdas, subidas, descidas. Entretanto, ao longo da pesquisa, pude observar quantos voluntários disseram que nasceram para serem palhaços, tal qual a fundadora Dra. Fófys. Essa proximidade de discurso não pode ser negada. Como diz Bakhtin (2017, p. 13) “tememos nos distanciar temporalmente do fenômeno em estudo. Entretanto, uma obra remonta com suas raízes a um passado distante”.

Desde a fundação, o grupo tem como exercício fazer um relatório após cada visita ao hospital. O primeiro relato, eu compartilho com você, leitor:

Nossa “estreia” na noite do dia 18/10, dia do médico, foi marcada por palavras como novidade, acolhida, respeito e uma nova etapa de muito trabalho e experiências que certamente nos servirão de base para lidarmos com as surpresas da vida. Resumo dizendo que começamos bem, que duas horas passam muito rápido e que tenho a certeza que no máximo mais duas atividades e já teremos um livro de experiência registrado em nossa memória e coração. Foi uma grande corrida, palhaço para todo lado, para não perder ninguém. Nossa euforia (adrenalina / ansiedade / alegria /

vontade / saudades...) estava tão grande que se pudéssemos fecharíamos o portão para que ninguém fugisse kkk. (MENIN, 2004, não publicado)<sup>25</sup>.

Outra questão importante a posicionar o leitor é que quando se fala em palhaço que atua em hospital, muitos remetem ao filme que conta a história do médico Patch Adams (outra observação que percebi ao longo da pesquisa). No entanto, é preciso distinguir que Patch Adams é um médico que luta pela humanização nos hospitais através da máscara do palhaço. Nós, voluntários do grupo, não somos médicos. Diferentemente, cada um tem a sua profissão e se apropria da linguagem do palhaço para visitar hospitais sem o objetivo de conceder cuidados médicos. Alias, já é grande a responsabilidade de atravessar as portas de um hospital com os sapatos grandes e coloridos.

É possível observar no relato acima que a palhaça inicia dizendo “nossa estreia”, que é um termo muito usado para se referir ao primeiro dia de um espetáculo artístico. Essa “estreia”, coincidentemente, foi no dia do médico, marcada com “novidade, acolhida, respeito...” Para Bakhtin (2011, p. 102): “É preciso sentir-se em casa no mundo dos outros para passar da confissão para a contemplação estética objetiva, das questões atinentes ao sentido e à busca do sentido para o dado maravilhoso do mundo”. O palhaço quer se sentir amado, aceito, visto. Ele quer ir ao encontro de, com, para... É nosso desejo mais íntimo sendo revelado na ponta do nariz. É a necessidade do outro que pulsa. O palhaço quer rir com o outro, quer estar com o outro.

No relato, a palhaça prossegue refletindo que é uma etapa de muito trabalho e experiências para lidar com as surpresas da vida e que mais duas atividades já dariam um livro. Após sete anos e incontáveis relatórios (incontáveis porque não contei, são muitos mesmo!), ainda repetimos como cada dia é um novo dia e um novo aprendizado. Kasper elucida que:

O trabalho com o palhaço, como estamos vendo, não comporta a prepotência, a arrogância de se pensar que já se aprendeu tudo. O palhaço, de fato, nunca está confortável, seguro de que tudo vai dar certo. Nessa perspectiva, ele sempre vai aprender mesmo. O aprender do palhaço não passa pelo momento em que se fecha algo definitivamente, em que algo se conclui. A abertura é perpétua. Mesmo que o artista que desenvolve esse trabalho passe por momentos conclusivos. (KASPER, 2004, p. 58).

---

<sup>25</sup> MENIN, R. **Primeiro relatório de visitas do grupo Especialistas da Alegria**. Curitiba, 18 de outubro de 2012. Compartilhado por *e-mail* em 2018. Não publicado.

Desde o início das atuações, o grupo tinha como prática encerrar suas visitas com a entrega de frases motivacionais impressas em pequenos bilhetes. Com os anos, os bilhetes se mantiveram, pois todo colaborador, ao nos ver, pede por essas mensagens, que viraram também um dos símbolos do grupo.

O grupo atualmente conta com 25 Voluntários. Suas atuações são exclusivas no Hospital Erasto Gaertner atendendo pacientes oncológicos adultos. Sua organização nas visitas dos palhaços é em forma de escala dos voluntários que revezam suas atuações nas terças à tarde, nas quartas e quintas à noite e nos sábados pela manhã. O grupo está presente em quatro dias da semana no HEG. Por conta desta relação próxima entre o grupo e o hospital, muitas vezes somos convidados a participar como doutores-palhaços em seus eventos e campanhas.

Já foram realizados três processos seletivos para ingresso no grupo e tem mais um em andamento desde maio/2019. A diferença do processo de 2018 para o atual é que ampliamos os estudos da linguagem do palhaço e incluímos outras atividades voltadas para o universo palhacesco.

FIGURA 22 - CAMPANHA DE PREVENÇÃO AO CÂNCER – CURITIBA-PR



FONTE: *Selfie* do grupo Especialistas da Alegria (2018).  
Campanha promovida pelo hospital Erasto Gaertner.

## 2.3 A ESFERA HOSPITALAR

FIGURA 23 - COM LICENÇA, PODEMOS ENTRAR? – CORREDORES DO HEG



FONTE: Denise Ramalho Photos (2019).

Quando questiono o que vem à mente ao pensarmos em hospital, recebo quase sempre como resposta palavras como dor, luto, tristeza, morte. Outros se arriscam e dizem vida. Sim, tudo isto constitui a esfera hospitalar, mas como nada é dual e sim plural, ao ampliarmos com lentes bakhtinianas, podemos aprofundar o cronotopo deste lugar. Focando no hospital no qual atuamos, o Erasto Gaertner, percebemos logo na entrada alguns jardins floridos e arborizados com bancos iguais a de uma praça. A praça é onde todos se cruzam, por onde todos passam. Local em que se transita todo riso e toda dor. Alguns gastam algum tempo nesta praça. Outros passam rapidamente.

Talvez essa entrada do hospital com este jardim nos diga que assim é a vida e a morte. Por ambas todos passam. Nesses entremeios acontecem os encontros, curtos ou demorados, mas significativos. Encontros que podem levar à cura, fazendo com que você siga um caminho, entre tantos que iniciam dessa praça. Encontros que podem levar à recepção do hospital.



FIGURA 24 - FLOR MAIS LINDA DO JARDIM – CORREDORES DO HEG



FONTE: Denise Ramalho Photos (2018).

As recepções estão sempre lotadas de pessoas que ocupam cadeiras e corredores. Mais os colaboradores atrás de balcões. Quem é que sabe a história de cada uma dessas pessoas? É a espera de um resultado ou a espera de alta? É manutenção do tratamento ou o seu início? É aguardando para visitar alguém ou para buscá-lo? É contando os dias para as férias ou primeiro dia de trabalho?

Se desejarmos saber a respeito de um homem, perguntamos “qual é sua história – sua história real, mais íntima?”, pois, cada um de nós é uma biografia, uma história. Cada um de nós é uma narrativa singular que, de um modo contínuo, inconsciente, é construída por nós, por meio de nós e em nós – por meio de nossas percepções, sentimentos, pensamentos, ações e, não menos importante, por nosso discurso, nossas narrativas faladas. Biologicamente, fisiologicamente, não somos muito diferentes uns dos outros; historicamente, como narrativas, cada um de nós é único. (SACKS, in: MASSETTI, 2008, p. 57).

As paredes pálidas e frias vão colecionando histórias. Passando pelos corredores, ouvem-se gemidos, choros contidos, preces e pressa, muita pressa dos profissionais que tilintam com seus sapatos o piso andando para lá e para cá. Bem, mas corredor é para isto mesmo, não? Ainda vemos cabeças baixas ou o olhar fixo no relógio, contando o tempo que resta, seja para cirurgia, ou, seja para sair do jejum.

Dentro dos quartos, as paredes parecem formar caixinhas. Continuam pálidas e frias, mas agora estão preenchidas de nomes, sobrenomes e tipos sanguíneos. O silêncio é quebrado pelos zumbidos de alguns aparelhos, que também

enfeitam o local com seus fios emaranhados. Há ausência... Ausência da saúde, ausência da família. Há presença... Presença de esperança, presença dos que amam. Há cumplicidade... Nesta caixa, ninguém mais é estranho: o Sr. José conta causos para D. Maria.

Tudo é rotineiro. Muitos andam com rapidez, mas é como se isso fosse algo natural. Muitos também são os rostos preocupados. Muitos os tristes. Alguns têm os olhos cheios de lágrimas. A vida que corre pelos corredores, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, não registra a emoção que vai por trás das faces. Ela ocorre ao fluxo dos diagnósticos registrados nas papeletas. (MASETTI, 2008, p. 48).

Descrevo o hospital com o olhar de pesquisadora. Com o olhar de quem já foi diversas vezes ao hospital à paisana (sem ser palhaça), apenas para observar o antes e o depois da visita dos palhaços. No entanto, quando estou no hospital como Dra. Catavento, algo modifica a mim e ao outro. Eu, enquanto palhaça, espreito a própria vida tanto quanto reflito um novo olhar que vem da minha máscara (BAKHTIN, 2018), o meu nariz vermelho, que produz visões de vida à minha maneira palhacesca.

A praça vira palco para disputa de abraços em árvores e gentes. Atenção! Abraçar gente vale mais pontos que abraçar árvores. O jogo envolve os que ali estão a tal ponto que alguns entram na disputa e saem abraçando as pessoas desconhecidas sentadas em outros bancos. Os risos soltos pegam embalo com o vento e aterrissam naqueles que só estão passando. O efeito? Mais riso, pois é muito contagioso. Na recepção, inspecionamos as cadeiras de roda e seus motoristas para ver se não têm nenhum documento vencido e averiguamos se são taxistas ou *ubers*.

São tantas cores nos figurinos que o pálido da parede nem é mais percebido. Há tanta quentura nesses encontros que a frieza vira beijos e piscadelas.

As senhorinhas são convidadas a bailar. As donzelas nos permitem pegar um pouco de beleza com um simples toque em seus ombros. Ao invés de pranchetas com diagnósticos, temos uma peteca que colocamos no jogo e a regra do jogo (e da vida) é não deixar a peteca cair. No balcão de informações fazemos pedido de pizza para as colaboradoras que respondem com seus sorrisos em meio a tantos papéis do dia-a-dia. Nos corredores, promovemos um desfile de moda. Nos quartos, medimos a pressão com fita métrica, analisamos o miolo mole com o



estetoscópio, entregamos a franga de plástico para o paciente aprender a soltar e damos alta subindo alguma palhaça na escada. É na subversão que o palhaço se conecta com o outro.

A surpresa da presença de um palhaço, como conceito aparentemente tão oposto à realidade hospitalar, tem a capacidade de brejar, ou suspender momentaneamente a lógica dos pensamentos e a dinâmica dos sentimentos vividos por pacientes, familiares e profissionais. Isso abre espaço para que essas pessoas percebam novos processos que acontecerão a partir da visão de mundo do palhaço. (MASETTI, 2008, p. 18).

FIGURA 25 - ABRAÇA AQUI, AMIGA – JARDIM DO HEG



FONTE: Denise Ramalho Photos (2018).

Abraço amigo para começar aquecido, no pátio do hospital Erasto Gaertner.

O palhaço tem a licença poético-artística de ressignificar o 'estar' no hospital, no entanto, atrás da máscara do palhaço, tem que ter um adulto responsável, pois na esfera hospitalar não pode haver o erro. O erro custa vida. Mas como que uma figura naturalmente errante não pode errar?

Embora muitas pessoas tenham boa vontade, não é permitido que elas simplesmente coloquem um nariz de palhaço e desfilem pelos corredores dos hospitais. Elas precisam saber o porquê de estar ali, compreender o

sentido e o papel do palhaço e ter noções do que pode e o que não pode ser feito no ambiente hospitalar. (BUCHOLDZ, 2017, p. 35).

O palhaço continuará em sua figura errante, ridícula e vulnerável – inclusive, sua vulnerabilidade é uma das motivações da identificação desses sujeitos com a figura do palhaço -, mas, é preciso compreender o cronotopo da esfera hospitalar. Neste local, a brincadeira toma forma séria quando se fala em higiene, barulhos extremos nos corredores, respeito... Diferente do circo ou do teatro, a ‘plateia’ do hospital não foi até o espetáculo dos palhaços. Ao contrário, os palhaços é que trouxeram seu espetáculo a esse local. Cabe ao palhaço pedir permissão para essa sua plateia nas suas entradas e saídas. O palhaço precisa estar cheio de si e do outro para transbordar vida, pois, de acordo com Bakhtin (2018, p. 217): “[...] a contemplação artística viva [...] abrange o cronotopo em toda sua integralidade e plenitude”. Bolognesi afirma que:

No oposto do improviso do palhaço o circo apresenta o mais alto rigor de treinamento e preparação. Na execução do sublimado triplo salto-mortal o artista jamais pode se entregar ao acaso. O treinamento milimetricamente projetado e executado pelo acrobata e o improviso dos palhaços trazem, de um lado, o esvaziamento da ideia de interpretação do ginasta e, de outro, a representação elevada ao seu mais alto grau de comunicabilidade, porque interage constantemente com a plateia. Nos dois palcos, contudo, o corpo humano coloca-se como fundamento, oscilando entre o sublime e o grotesco. (BOLOGNESI, 2003, p. 200).

O palhaço, nos circos, fazia paródia dos grandes artistas circenses. No hospital, a paródia é o médico, por isto o palhaço que atua em hospital se intitula ‘Doutor’. A tensão da entrada do médico, de seu diagnóstico e dos tratamentos sugeridos é quebrada no contraponto do doutor palhaço que entra já se atrapalhando na porta, receita uma vitamina de cócegas, doa uma bexiga (aquelas de festa) ao paciente. No hospital, o sublime está na medicina e o ridículo, no doutor-palhaço.

Cabe a vida com o que ela tem: momentos alegres e tristes, instantes de relacionamento, de brincar, de rir, de chorar. O hospital é mais que um contexto asséptico e profissional: é um lugar onde a vida acontece. (MASETTI, 2008, p. 67).

## 2.4 VOLUNTARIADO

Empatia.  
 Não é sentir pelo outro,  
 mas sentir com o outro.  
 É quando a gente lê o roteiro de outra vida.  
 É ser ator em outro palco.  
 É compreender.  
 É não dizer “eu sei como você se sente”.  
 É quando a gente não diminui a dor do outro.  
 É descer até o fundo do poço e fazer companhia para quem precisa.  
 Não é ser herói, é ser amigo.  
 É saber abraçar a alma.  
 Joao Doederlein

A palavra ‘voluntariado’ tem como significado ‘vontade própria’. Envolver-se em uma atividade voluntária pode ter alguns sentidos: ocupar um tempo ocioso, praticar o bem, comover-se com alguma causa, retribuir o que recebeu quando precisou ou simplesmente sentir um dia uma palpitação no coração quando pôde agir em prol do outro. Bakhtin afirma que:

A situação vital do sofredor, efetivamente vivenciada de dentro, pode me motivar para um ato ético: para a ajuda, a consolação, uma reflexão cognitiva, mas de qualquer modo a compenetração deve ser seguida de um retorno a mim mesmo, ao meu lugar fora do sofredor, e só deste lugar o material da compenetração pode ser assimilado em termos éticos, cognitivos ou estéticos; se não houvesse esse retorno, ocorreria o fenômeno patológico do vivenciamento do sofrimento alheio como meu próprio sofrimento, da contaminação pelo sofrimento alheio, e só. (BAKHTIN, 2011, p. 24).

Até por isso, alguns grupos de voluntários contratam um profissional da área da Psicologia para que todos sejam acompanhados ou recomenda-se acompanhamento particular. Entre os voluntários do Especialistas da Alegria, ouvia-se muito o relato de que achavam que não dariam conta das visitas hospitalares. No entanto, os mesmos também relatam que ao colocarem a máscara do palhaço, algo é transformado. Bakhtin prossegue:

Quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos dele, na categoria do outro, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda. (BAKHTIN, 2011, p. 24).

O palhaço que atua em hospital vivencia empaticamente o sofrimento do outro, percebendo o momento presente e responsivamente cria modos para

amenizar a dor pelo riso ou pela simples presença. Essa mediação exterior está no nariz do palhaço. É ele quem revela, quem toma a frente, quem transmuta.

Antes de ser um palhaço voluntário, primeiro é preciso encontrar o palhaço que habita em si. Ser para o outro é ser primeiro para si. Para Bakhtin (2011, p.25), “a atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre, quando enformamos e damos acabamento a matéria da compenetração [...]”. Aí entra o papel do palhaço como transgressor que desenforma, transforma e transmuta a dor.

Quando se fala em humanização no hospital, a figura do palhaço também é uma das mais lembradas, pois ganhou esse caráter em seu cronotopo atual. Afinal, o palhaço é a figura mais humana. Aquela que erra, cai, se machuca, levanta, cai de novo, não desiste, levanta mais uma vez, perde, ri, chora e no final, seu público, na torcida, ri e chora junto.

O palhaço virou ícone da humanização pelo fato de que é um personagem que questiona a própria existência e resgata o que existe de mais íntimo no ser humano. Ele mostra para as pessoas, de modo mais insistente, que no hospital existe amor. (BUCHOLDZ, 2017, p. 33).

Mesmo sendo um trabalho voluntário, o grupo Especialistas da Alegria possui um Estatuto a ser cumprido, com regras e prazos para melhor organização. Por exemplo, o voluntário precisa atuar no mínimo seis vezes no bimestre. Caso esteja escalado e precise se ausentar, o voluntário deverá apresentar um documento com a justificativa da ausência. Ao dialogar com os demais grupos de palhaços voluntários de Curitiba, todos afirmaram também terem criado algumas regras que se adequam com a realidade de cada grupo. Como afirma Larrosa:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2015, p.26).

Como a própria vida, o trabalho voluntário em um grupo tem o seu movimento dialógico. Como um casal que acaba de se conhecer, primeiro vem a paquera e o voluntário tem o desejo de se juntar ao grupo e estudar a linguagem do

palhaço. Depois, vem a lua-de-mel, o voluntário quer ir todos os dias ao hospital e ler tudo sobre palhaçaria. Aí vem a realidade, o voluntário se dá conta que tem outras atividades na vida além das visitas ao hospital e as oficinas de palhaçaria do calendário oficial do grupo.

Entretanto, se mesmo em dias chuvosos, com raios, relâmpagos, frio e trovões, o voluntário, a princípio meio contrariado, se dispõe a atuar e, chegando ao hospital é recebido com sorrisos que disparam da boca, dos olhos, do corpo todo dos que lá estão nos esperando, vai perceber que naquele dia cinza, aqueles sorrisos coloriram seu dia e tornaram sua realidade de voluntário mais leve.

E para quem acha que esse é um trabalho exclusivo de caridade, realizado por pessoas que abrem mãos de algumas horas de descanso para o trabalho voluntário, está enganado. Ser um Doutor Palhaço é uma ação de troca na qual, na maioria das vezes, o palhaço recebe muito mais do que dá. (BUCHOLDZ, 2017, p. 3).

Sabe quando dizem que saco vazio não para em pé? Muitas vezes chegamos ao hospital parecendo sacos vazios. É lá que nos preenchemos e viramos pacotes de bolacha recheada de traquinagem.

## 2.5 EXPERIMENTOS DA DRA. CATAVENTO

Nesta seção, vou compartilhar meus experimentos no processo de seleção do ano de 2018 do grupo Especialistas da Alegria. Como já contei, o grupo foi fundado por pessoas que não pertenciam à esfera artística, mas, queriam atuar como palhaços voluntários em hospital. A historicidade do grupo deixa marcas e reverbera na construção da própria identidade do grupo. No início, não havia a percepção de que para ser um doutor-palhaço seria necessário aprender a ser não só com a prática no hospital, como também com estudos adicionais: treinamentos, workshops, oficinas...

Justamente pela falta da compreensão da linguagem do palhaço, alguns pretendentes a voluntários do grupo ingressavam acreditando que colocar a máscara do nariz vermelho e imitar o outro a andar ou se fantasiar com roupas, acessórios e maquiagem exageradas era atuar como um doutor-palhaço. Outros, também por não compreender a seriedade de um trabalho voluntário – mais sério ainda quando se relaciona com a linguagem do palhaço! - acreditavam que por ser

um trabalho voluntário, não precisava de comprometimento, por isso, iam e se ausentavam sem avisar.

Outra questão é a dificuldade em encontrar literatura específica que fale da construção do palhaço que atua em esferas da saúde. Apesar da referência que temos do grupo Doutores da Alegria, faltam referências específicas para a construção da identidade de cada grupo, como o nosso, que difere por ter palhaços sem formação artística, que atende a um público adulto e de forma voluntária.

A partir de 2016, algumas experimentações foram acontecendo dentro do grupo Especialistas da Alegria e surge o primeiro processo seletivo, em um formato mais simplificado que o atual, mas já seguindo a concepção de unir a teoria e a prática da linguagem do palhaço com a teoria e a prática do trabalho voluntário hospitalar.

O processo consistia em: três oficinas presenciais, tarefas individuais respondidas virtualmente sobre a temática hospitalar e sobre a linguagem do palhaço, visitas ao hospital à paisana e visitas com o nariz de palhaço. Desse processo, tivemos cinco clowndidatos aprovados.

No ano de 2017 abrimos novo processo seletivo no mesmo formato anterior e oito clowndidatos foram aprovados. A aprovação ocorreu organicamente, pois como o processo é longo – seis meses – alguns clowndidatos iam pipocando, digo, desistindo no caminho.

Como dito anteriormente, em 2018, meti o nariz no processo seletivo elaborando material de estudo e prática da linguagem do doutor-palhaço, pois o grupo sentiu que este pilar ainda necessitava de aprofundamento. O grupo está lotado de virginianos, inclusive eu! Sim, leitor, as vozes astrológicas também me constituem, então, organizamos o processo da seguinte maneira (QUADRO 2).



QUADRO 2 - CRONOGRAMA PROCESSO SELETIVO

ETAPAS	DATA	TEMA	ESTUDALHAÇO
continua			
QUE PALHAÇA DA É ESSA	1 20/05/2019	Inscrição	Data limite para que os interessados em participar do Processo Seletivo enviassem seus dados por meio de um link
QUE PALHAÇA DA É ESSA	2 26/05/2018	Primeiro Encontro	Oficina ministrada por Catavento – Que palhaçada é essa? (conhecendo os clowndidados)
QUE PALHAÇA DA É ESSA	3 30/06/2018	Segundo Encontro	Oficina ministrada pelos coordenadores do grupo – Que palhaçada é essa (conhecendo os Especialistas da Alegria)
OBSERVALHAÇO	**03/07/2018 a 18/08/2018**	Observação	O clowndidato realiza duas visitas à paisana no hospital para observar a atuação dos doutores-palhaços do Especialistas da Alegria.
ESTUDALHAÇO ESFERA HOSPITALAR	5 07/07/2018	Empatia no século XXI	Video Empatia. Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=58aJdQMxhk">https://www.youtube.com/watch?v=58aJdQMxhk</a>



QUADRO 3 - CRONOGRAMA PROCESSO SELETIVO

ETAPAS	DATA	TEMA	ESTUDALHAÇO	continuação
ESTUDALHAÇO ESFERA HOSPITALAR	6 15/07/2018	A necessária atenção à família do paciente oncológico	Leitura do artigo: A necessária atenção à família do paciente oncológico. Autora: Célia da Silva Ulysses de Carvalho (Anexo... ao final da tese)	
ESTUDALHAÇO ESFERA HOSPITALAR	7 22/07/2018	O trabalhador da área da saúde	Leitura do capítulo 3 do livro: Humanização da Assistência Hospitalar no Brasil: conhecimentos básicos para estudantes e profissionais. Autora: Inaiá Monteiro Mello	
ESTUDALHAÇO ESFERA HOSPITALAR	8 30/07/2018	O paciente	Vídeo Janela para o Mundo. Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=_reH9OQIVKM">https://www.youtube.com/watch?v=_reH9OQIVKM</a>	
ESTUDALHAÇO ESFERA HOSPITALAR	9 05/08/2018	Infecção Hospitalar	Vídeo Reportagem. Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=pXk0H5K4eM">https://www.youtube.com/watch?v=pXk0H5K4eM</a>	
ESTUDALHAÇO ESFERA HOSPITALAR	**05/08/2018 a 10 14/09/2018 **	Sobre a Morte e o Morrer	Leitura de cinco capítulos do livro Sobre a Morte e o Morrer. Autora: Elisabeth Kübler-Ross	

QUADRO 4 - CRONOGRAMA PROCESSO SELETIVO

continuação

ETAPAS	DATA	TEMA	ESTUDALHAÇO
METENDO O NARIZ ONDE É CHAMADO			
11	15/09/2018	Terceiro Encontro	Oficina ministrada pela Catavento - Metendo o nariz onde é chamado (colocando seu primeiro nariz)
NARIZ EM TREINAMENTO			
12	**16/09/2018 a 27/10/2018	Nariz em Treinamento	O clowndidato realizará duas visitas ao hospital como doutor-palhaço-estagiário, onde estará treinando, com seu nariz vermelho, junto de um doutor-palhaço-Especialista da Alegria
	**		
ESTUDALHAÇO ESFERA ARTÍSTICA PALHAÇO			
13	22/09/2018	Um pouco do trabalho em hospital	Parte do documentário dos Doutores da Alegria. Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KNdw8WKzgZY">https://www.youtube.com/watch?v=KNdw8WKzgZY</a>
ESTUDALHAÇO ESFERA ARTÍSTICA PALHAÇO			
14	29/09/2018	O palhaço na hora da perda	Compilação de alguns textos sobre o palhaço de hospital e sua relação com a morte dos pacientes. (Anexo... ao final da tese)

QUADRO 5 - CRONOGRAMA PROCESSO SELETIVO

continuação			
ETAPAS	DATA	TEMA	ESTUDALHAÇO
ESTUDALHAÇO ESFERA ARTÍSTICA PALHAÇO			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capítulos 2, 4 e 5 do livro O Palhaço que existe em você. Autora: Caroline Dream;</li> <li>- Capítulo 8 do livro A arte de ator – da técnica à representação. Autor: Luís Otávio Burnier;</li> <li>- Artigo A linguagem secreta do clown. Autora: Ana Elvira Wuol</li> </ul>
	15	06/10/2018	<p>Mergulhando no universo do palhaço</p> <p>(Anexos... ao final da tese)</p> <p>- Vídeos de tipos diferentes de palhaços:</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=FJosiG1QzI&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=FJosiG1QzI&amp;feature=youtu.be</a></p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=Oconl6m06KM&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=Oconl6m06KM&amp;feature=youtu.be</a></p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=CwzJmBLfQ&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=CwzJmBLfQ&amp;feature=youtu.be</a></p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=MOOxkSZWtlk&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=MOOxkSZWtlk&amp;feature=youtu.be</a></p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=wRUG64WnsXM&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=wRUG64WnsXM&amp;feature=youtu.be</a></p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=Sfxe8DDymuY&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=Sfxe8DDymuY&amp;feature=youtu.be</a></p>
ESTUDALHAÇO ESFERA ARTÍSTICA PALHAÇO	16	14/10/2018	<p>Vamos falar sobre o medo?</p> <p>Leitura do capítulo 11 do livro O Palhaço que existe em você. Autora: Caroline Dream</p>
	17	20/10/2018	<p>O voluntariado</p> <p>Vídeo-reportagem: A busca da cura do câncer pelo olhar do acompanhante. Link: <a href="https://www.facebook.com/watch/?v=2142844485937599">https://www.facebook.com/watch/?v=2142844485937599</a></p>
ESTUDALHAÇO ESFERA ARTÍSTICA PALHAÇO			

QUADRO 6 - CRONOGRAMA PROCESSO SELETIVO

				conclusão
ETAPAS	DATA	TEMA	ESTUDALHAÇO	
ESSE NARIZ COLOU?	18 25/10/2018	A minha experiência na comunidade hospitalar e no processo seletivo	<p>Responder as seguintes questões:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Enquanto palhaço no hospital, qual interação/jogo mais lhe marcou?</li><li>2. Ao longo do processo seletivo você participou de várias etapas, acompanhou (visita à paisana), leu e refletiu sobre alguns materiais ligados ao nosso trabalho (hospital e palhaço) e já realizou visitas à comunidade hospitalar (Nariz em Treinamento). Descreva um breve relato sobre qual sua percepção, experiências e aprendizado no processo seletivo como um todo.</li><li>3. Quais os pontos positivos do processo seletivo?</li><li>4. Quais os pontos negativos do processo seletivo?</li><li>5. Quais suas sugestões para os próximos processos seletivos</li></ol>	
ESSE NARIZ COLOU?	19 Novembro	Des-formatura	Os clowndados ganham uma festa de desformatura onde recebem certificado, jaleco e o nariz vermelho	

FONTE: Adaptado de Especialistas da Alegria (2018).

### **Etapas 01 - Que palhaçada é essa?**

Esta etapa inclui os itens 1 a 3 do QUADRO 2 – CRONOGRAMA PROCESSO SELETIVO. Criamos um *link*<sup>26</sup> para a realização da inscrição que foi divulgado nas redes sociais do grupo e de seus doutores-palhaços. Ao abrir o *link*, o pretendente a Especialista da Alegria teve acesso ao edital do processo seletivo e à ficha de inscrição.

Na ficha de inscrição, além de dados pessoais da pessoa civil e não da pessoa palhaço, haviam questões a serem respondidas, que detalho no próximo capítulo.

Tivemos 36 inscritos. Analisamos ficha a ficha e entramos em contato com todos os clowndidatos convidando-os a participar de nosso *Primeiro encontro*, onde aconteceu a primeira oficina conduzida por mim, Dra. Catavento. A oficina tinha como objetivo ser um “quebra-gelo” para nos aproximarmos dos clowndidatos e observar outros discursos além da escrita, como seus discursos criativos nos jogos de improviso. Também observamos como cada clowndidato se relacionou com o outro e com as brincadeiras. Ainda nesta etapa aconteceu o *Segundo encontro*, onde os coordenadores do grupo apresentaram o Especialistas da Alegria aos clowndidatos.

Desta etapa, optei por **analisar os enunciados-discursivos em suas Fichas de Inscrição e descrever como foi o processo e os jogos desta primeira oficina** no capítulo 3 que intitulei como **O processo seletivo**.

### **Etapas 02 - Observação**

Nesta etapa, agendamos com cada clowndidato, entre o período de 03/07/2018 a 18/08/2018, o melhor dia para que ele fosse ao hospital, à paisana - como civil -, para observar a atuação dos palhaços que já atuam no grupo. O clowndidato não pôde interferir nas atuações. Alguns relataram a dificuldade em só observar sem poder entrar no jogo palhacesco. Durante esse período de visitas, aconteceu em paralelo a etapa do *Estudalhaço*, que descrevo a seguir. Do *Observação*, ao final da tese encontram-se **fotos** em anexo.

---

<sup>26</sup> Segundo o Mini Dicionário Aurélio, *link* é “em hipertextos e hiperímia, vínculo entre documentos ou pontos de documentos.” (FERREIRA, 2001, p. 428).

### **Etapa 03 – Estudalhaço esfera hospitalar**

Esta etapa compreende os itens 5 a 10 do cronograma em que descrevo todo o conteúdo compartilhado com os clowndidatos sobre a esfera hospitalar. As temáticas foram elaboradas pelo grupo Especialistas da Alegria. Os estudos teóricos foram acessados pela plataforma do programa *Qualtrics*. Como o foco desta etapa é o hospital - e não a esfera artística do palhaço -, optei por **não realizar** análise.

### **Etapa 04 – Metendo o nariz onde é chamado**

Nesta etapa aconteceu o terceiro *Encontrão* do grupo com os clowndidatos e a oficina chamada *Metendo o nariz onde é chamado*, ministrada pela Dra. Catavento. Aqui eles colocam pela primeira vez um nariz vermelho. Além dos jogos de improviso e de palhaço, também tivemos uma roda de clownversa, pois nessa etapa, os clowndidatos já haviam realizado suas visitas à paisana e estavam ansiosos pela etapa final: a de colocar o nariz, assumir o papel de ‘doutor-palhaço-residente’ e interagir no hospital. Propus nos aventurarmos nas ruas de Curitiba desfilando com nossos narizes e interagindo com e no espaço, deixando o palhaço de cada um fluir, brincar, dançar, cantar, conversar...

Desta etapa, trago para análise os discursos produzidos na **roda de clownversa** e os **discursos produzidos corporalmente nas interações dos clowndidatos nas ruas**, colocando tudo no **capítulo 4** que intitulo com o mesmo nome da etapa: **Metendo o nariz onde é chamado**.

### **Etapa 05 – Nariz em treinamento**

Esta etapa aconteceu no período entre 16/09/2018 a 27/10/2018 e foi o momento que os clowndidatos puderam usar seu nariz de clowndidatos ‘residentes’ no hospital. Dra. Catavento acompanhou cada clowndidato, formando dupla de palhaço com os novos, estimulando os jogos, propondo e aceitando propostas. Em paralelo a esta etapa acontecia o *Estudalhaço esfera artística do palhaço* que descrevo a seguir.

### **Etapa 06 – Estudalhaço esfera artística do palhaço**

Quando ingressei no grupo, em 2015, sentia necessidade de compreender a linguagem do palhaço que atua em hospital e percebi que para isto precisaria compreender principalmente a lógica – meio ilógica - da minha própria palhaça. Sem



saber quem era a Catavento e como era a sua lógica de doutora palhaça, jamais compreenderia o que é uma palhaça de hospital. Quanto mais me aprofundava nela, mas percebia que se aprofundar no palhaço é se aprofundar em si mesmo, em sua história, naquelas escondidinhas ou esquecidas. Precisava resgatá-las. E é esse procedimento que a Catavento faz com os novos voluntários: estimulá-los a resgatarem coisas de dentro de si, como a brincadeira preferida na infância, o apelido, os medos...

Dos itens 13 a 17 desta etapa, os exercícios foram elaborados em parceria minha e a coordenação do grupo. O item 15, cujo tema era *mergulhando no universo do palhaço*, colocou os clowndidatos em um mergulho profundo com a teoria e uma prática diferenciada: gravar um vídeo do seu palhaço.

Para cada material enviado para estudo, haviam questionários a serem respondidos pelos clowndidatos. A materialidade desta etapa que optei por analisar é um dos **vídeos produzidos por um dos clowndidatos** a partir de uma provocação da Catavento para que cada um colocasse seu nariz de palhaço e contasse um apelido e um mico. Esta análise estará no **capítulo 5** intitulado **Nariz em treinamento**, que apesar de ser o nome da etapa anterior, roubei para título, por uma licença-poética-palhacesca.

### **Etapa 07 – Esse nariz colou?**

Esta etapa final contou com um questionário de avaliação sobre todo processo seletivo do Especialistas da Alegria onde os clowndidatos puderam colaborar com suas opiniões para que possamos, juntos, deixar o processo com mais qualidade palhacesca. Desta etapa, faço dos **enunciados-discursivos das respostas dos clowndidatos** minhas conclusões que insiro no **capítulo 6** com o mesmo nome: **Esse nariz colou?**

FIGURA 26 - DES-FORMATURA DOUTORES-PALHAÇOS 2018! – AUDITÓRIO DO HEG



FONTE: Karina Rafaela Fotografia (2018).

O processo deste trabalho me afetou de tal maneira que está aqui, virado de banana e virado de feijão. Ah, virado em pesquisa também!

Não sou Sherlock Holmes, mas espionei plataformas de pesquisas científicas para sondar o que andam falando por aí sobre palhaçaria e olhe só o que descobri!

Seguem dos dados a seguir (QUADRO 3).

QUADRO 7 - REVISÃO DE PESQUISAS RELACIONADAS À PALHAÇARIA

TEMÁTICAS	QT	DETALHES
ANALISE DE ARTISTA / ESPETÁCULO	36	PESQUISAS QUE ANALISARAM ARTISTAS E ESPETÁCULOS DE PALHAÇARIA E CIRCO.
BUFAO	1	PESQUISA SOBRE BUFÃO.
CULTURA POPULAR	8	PESQUISAS QUE INCLUÍAM O ESTUDO DO PALHAÇO COM OUTRAS CULTURAS POPULARES.
HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR	15	PESQUISAS SOBRE GRUPOS DE PALHAÇOS QUE ATUAM EM HOSPITAIS E ASILOS, COM ÊNFASE NA HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR.
MASCARA	4	PESQUISAS SOBRE MÁSCARAS DO PALHAÇO E OUTRAS.
MULHERES PALHAÇAS	10	PESQUISAS SOBRE AS MULHERES PALHAÇAS.
PALHAÇO DE RUA	5	PESQUISAS SOBRE ARTISTAS E PALHAÇOS DE RUA.
PALHAÇO E AÇÃO SOCIAL	4	PESQUISAS SOBRE O PALHAÇO COMO FERRAMENTA DE AÇÃO SOCIAL.
PALHAÇO E CIRCO	11	PESQUISAS SOBRE AS ARTES CIRCENSES.
PALHAÇO E CONCEITO	3	PESQUISAS SOBRE OS CONCEITOS DE PALHAÇO.
PALHAÇO E ESCOLA	10	PESQUISAS SOBRE O ESTUDO DA PALHAÇARIA NA ESCOLA.
PALHAÇO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	3	PESQUISAS SOBRE O ESTUDO DA PALHAÇARIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.
PALHAÇO E MEIO AMBIENTE	1	PESQUISA SOBRE O PALHAÇO COMO FERRAMENTA PARA ESTUDO DO MEIO AMBIENTE.
PALHAÇO E PERFORMANCE	1	PESQUISA SOBRE A PERFORMANCE DO PALHAÇO.
PALHAÇO E TERAPIA	10	PESQUISAS QUE ENVOLVEM O ESTUDO DO PALHAÇO COM A PSICOLOGIA, TERAPIA E ARTE TERAPIA.
PALHAÇO E TREINAMENTO DO ATOR	1	PESQUISA QUE UTILIZA DA PEDAGOGIA DO PALHAÇO PARA O TREINAMENTO DO ATOR.
PALHAÇO E RITUAL KRAHÔ	4	PESQUISAS SOBRE O PALHAÇO E A RELAÇÃO COM OS RITUAIS DA TRIBO KRAHÔ.
RISO	5	PESQUISAS QUE ESTUDAM O RISO.
PEDAGOGIA DO PALHAÇO	4	PESQUISAS SOBRE A PEDAGOGIA DO PALHAÇO.
<b>PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO, PALHAÇARIA, PALHAÇO, PALHAÇA, HOSPITAL.</b>		

FONTE: O autor (2019).

Dentro desse molho de palavras-chave encontrei 136 pesquisas de mestrado e doutorado. As mais cotadas estão relacionadas com Análise de Espetáculos. Em seguida, vêm as pesquisas sobre Humanização Hospitalar, assunto bastante em voga nos últimos anos. Apesar de esta pesquisa estar também inserida na esfera hospitalar, seu foco é na preparação artístico-pedagógica, assim, encontrei 4 pesquisas que se aproximam da temática aqui abordada:

A Formação do Palhaço: técnica e pedagogia no trabalho de Ângela de Castro, Ésio Magalhães e Fernando Cavarozzi. Débora de Matos, 2009.

- A Arte da Palhaçaria no IFBA Camaçari: um relato sobre o despertar do palhaço. Nivea de Santana Cerqueira, 2016.

- O Clown como imagem arquetípica e processo de transformação de si. Renata Domingues Volpato, 2017.

- Escola de palhaços: estudo sobre a prática pedagógica do Programa de Formação de Palhaço para Jovens dos Doutores da Alegria. Maria Thais Lima Santos, 2018.

Toda pesquisa é inédita, pois mesmo que possuam o mesmo tema, sempre será a partir do horizonte do pesquisador, entretanto, em nenhuma pesquisa, até o momento (dezembro/2019), encontrei sobre preparação artístico-pedagógica em processo seletivo de grupo de palhaços voluntários, sendo esta a primeira da fila. Que resposta! Por isto, esta pesquisa pode colaborar para esta lacuna de se pensar as práticas palhacescas em uma esfera não-artística.

Como apontado anteriormente, dos grupos da região, todos preparam um processo seletivo específico de acordo com a identidade de cada grupo. Não há um padrão. Ainda bem! Já somos exigidos pela sociedade para caber nos quadrados, mesmo sendo redondos ou triangulares, o que nos faz muitas vezes não nos aceitar do jeito que somos, pois afinal, queremos pertencer a essa sociedade.

Ao mesmo tempo, percebe-se que esta lacuna em relação a um treinamento da linguagem do doutor-palhaço para os grupos voluntários pode levar a equívocos como os quais o próprio grupo já vivenciou: interações cruas. O que pode resultar em personagens, ao invés de palhaços, sem uma verdade, com maquiagens exageradas, com ausência do olhar para o outro, fazendo da linguagem palhacesca mera ferramenta.

Os experimentos aqui desenvolvidos e as análises desses experimentos podem servir de direção, câmbio e acelerador para outros grupos, da mesma

maneira como tem ajudado ao nosso próprio grupo a refletir, ou seja, ser flexível diante de uma experiência. Posso dizer que esta pesquisa não foi escrita por uma necessidade, mas por ver neste tema um conjunto de possibilidades.

Possibilidade e necessidade. Dificilmente se poderia falar de necessidade em ciências humanas. Em termos científicos, aqui só se podem descobrir as possibilidades e a realização de uma delas. O repetível e o não repetível. (BAKHTIN, 2017, p. 32).

Falo de material humano. De humanidade. Acredito no palhaço que habita em cada um e na potência que esse palhaço possa vir a ser em um trabalho voluntário a partir da preparação artístico-pedagógica.

Quanto ao meu jeito de escrever, em primeira pessoa, reconheço que a escrita não foi construída por apenas um sujeito, já que uma tese se tece por muitas vozes: o orientador, o grupo de pesquisa, os sujeitos-colaboradores da pesquisa... No entanto, opto ainda em utilizar a primeira pessoa por compreender que a minha experiência como autora de uma tese é singular. Quem fala aqui é a multiplicidade de vozes que me constituem, entretanto, sou eu, a doutora-palhaça-pesquisadora quem dá vida a essas vozes. Cada autor tem sua própria experiência, como a experiência de cada leitor que dialogará com este trabalho.

Arrisco-me, sem me ausentar nem me isentar de meu discurso, pois quem fala sou eu, Catavento, e meus moinhos de vento. Como diz Alves (2016, p. 34), “que recuperemos a coragem de falar na primeira pessoa, dizendo com honestidade o que vimos, ouvimos e pensamos. Escrever biograficamente, sem vergonha”. Dialogando com Bakhtin:

As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.) (BAKHTIN, 2011, p. 312).

A seguir, apresento as primeiras materialidades a serem analisadas: os discursos enunciativos nas fichas de inscrição dos clowndidatos. Quem são eles? Como vivem? De que se alimentam? Logo mais, respeitável público, nas cenas do próximo capítulo.

### 3 O PROCESSO SELETIVO

*Faço versos pro palhaço que na vida já foi tudo  
Foi soldado, carpinteiro, seresteiro e vagabundo  
Sem juízo e sem juízo fez feliz a todo mundo  
Mas no fundo não sabia que em seu rosto corria  
Todo encanto do sorriso que seu povo não sorria.  
(O Circo, Sidney Miller)*

FIGURA 27 - SALA DE ESPERA – CORREDORES DO HEG



FONTE: Página do Especialistas da Alegria no Facebook (2019).<sup>27</sup>

Foto (a partir do vídeo institucional): Daí comunicação integrada/O Homem Máquina vídeo produções.

Como já disse e re-disse, em 2018 fui convidada a rodar meus cataventos por aí: nas ruas, nas chuvas e nas fazendas. O grupo Especialistas da Alegria confiou a mim a des-formação dos clowndidatos do processo seletivo que aconteceu entre maio e novembro de 2018. O processo ocorre desde 2016, mas o diferencial deste para os anteriores foi dar maior ênfase na linguagem do palhaço. Penso que ensinar é também aprender a ser palhaço, é transbordar este movimento de ensino-aprendizagem. Para o mestre Lecoq:

É ensinando que posso continuar minha busca, no sentido de conhecer o movimento. É ensinando que compreendo melhor como tudo se movimenta. É ensinando que descobri que o corpo sabe coisas que a cabeça ainda não sabe! (LECOQ, 2014, p. 35).

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/especialistasdaalegria/videos/816332645483617/>>. Acesso em: 27 abril 2020 às 18h54.



Entrar no universo palhacesco é um mergulho sem volta. A gente até sobe à superfície para buscar um oxigênio de gente, mas mergulha novamente lá no fundo e profundo de si, para ir desvendando o oceano de nosso interior. Concordo com Lecoq (2014, p. 39) que devemos “[...] nunca se esquecer de que o objetivo da viagem... é a própria viagem!”

Gaulier (2016), que foi aluno de Lecoq, tem um pensamento um pouco diferente em relação à linguagem do palhaço. Ele acredita que nem todos podem ser palhaços, pois é preciso “dar à luz um personagem maravilhosamente estúpido. Isso não é para todo mundo. É para os poetas, somente os poetas” (Gaulier, 2016, p. 235). Sim, nem todos serão palhaços, mas acredito que todos tenham um palhaço morando e fazendo estripulias dentro de si. Nem todos desenvolverão o palhaço profissionalmente, mas, podem encontrar na linguagem do palhaço um estado de graça e transgressão que estava dormente. Em relação ao ensino da arte de teatrar e palhaçar, Gaulier afirma:

Desde quando comecei a ensinar (há 43 anos), eu o faço não com o que sei, mas com tudo aquilo que eu não sabia. Eu me lembro dos meus erros, falhas, fiascos, naufrágios. E me sinto feliz por ter sido ruim, por ter conhecido os recônditos do mau aluno, por ter sido expulso da escola” (GAULIER, 2016, p. 232).

No processo que adotei para a preparação artística, confesso que usei muito do que aprendi e um bocado daquilo que fracassei. Uma vez levei uma vela para o HEG para brincar de cantar parabéns, no entanto, a vela não era de aniversário. No primeiro momento em que tirei a vela do bolso para fazer a brincadeira, percebi que aquilo levaria a outros sentidos (velar um corpo), enfiei ela de novo no bolso e fiz cara de quem estava aprontando. Riram. A gente estuda, pratica e também erra. Errar é próprio do ser humano.

O palhaço é a transformação do fracasso em riso, então, não teria como não usar também minhas experiências frustrantes. Fiz um curso de Improvisação com o grupo Antropofocus<sup>28</sup>, em 2017, e a cada jogo, quando nossa mente bloqueava e a gente pensava que tinha ‘errado’, a facilitadora Anne Celli nos dizia para comemorar (Informação verbal)<sup>29</sup>. Em um outro curso de palhaço, com Edran Mariano – palhaço

<sup>28</sup> Grupo de teatro de Curitiba que trabalha com Improvisação Teatral. Disponível em: <<https://www.antropofocus.com.br/>>. Acesso em: 20 abril 2020 às 19h48.

<sup>29</sup> CELLI, A. **Curso improvisação**. Antropofocus, Curitiba, 2016. Informação verbal.

Marianinho -, que fiz em 2018, quando ‘errávamos’ um jogo, a gente dava uma volta correndo no palco, também comemorando (Informação verbal)<sup>30</sup>. A questão é que a cada fracasso na vida, a gente podia aprender a também comemorar, não é?! Aos clowndidatos, ensinei a comemorar, rir e se divertir cada vez que ‘errassem’ e permiti que burlassem algumas regras dos jogos à moda palhacesca.

Gaulier (2016, p. 234) afirma que “quando ensinamos, damos pistas ao aluno, para que ele descubra liberdades”. Em alguns exercícios, parti da provocação e deixei que fosse surgindo um estado de palhaço a partir de recordações e brincadeiras.

Neste capítulo, analiso os discursos produzidos na Ficha de Inscrição dos clowndidatos a Especialista da Alegria e a seguir descrevo como foi o Primeiro Encontro com os clowndidatos no qual ministrei nossa primeira oficina. Gonçalves (2019) diz que:

O homem é, antes de tudo, um ser falante, que se expressa e interage por meio da enunciação. Nessa perspectiva, tanto o pesquisador quanto o sujeito a ser pesquisado são produtores de enunciados, o que permite que a pesquisa aconteça por meio desse processo dialógico. (Gonçalves, 2019, p. 55).

Ora, o diálogo desta palhaça por vezes brinca com as palavras e outras fala sério, afinal, estamos dentro da discursividade acadêmica.

Falar de si é quase uma fofoca, pois é falar o que o outro falou de mim, com ou sem ‘mimimi’. Por exemplo (a modo palhacesco!), eu acredito nos estudos astrológicos e toda vez que leio algo sobre meu signo me identifico e saio por aí dizendo como eu sou. Melhor! Quando um amigo me diz que eu sou muito perfeccionista, eu passo a assumir a perfeccionista que há em mim.

Nos discursos dos clowndidatos foi possível clown-observar algumas motivações que eles trouxeram para ‘justificar’ o desejo de ser um doutor-palhaço-voluntário em hospital.

Como afirma Amorim:

Todo enunciado, mesmo o mais simples, é um acontecimento; uma espécie de drama cujos papéis mínimos são o locutor, o objeto e o ouvinte. O objeto é entendido aqui como o assunto de que trata o texto (...). (AMORIM, 2004, p. 121).

<sup>30</sup> MARIANO, E. **Oficina improvisação no teatro**. Gente Arteira, Curitiba, 2018. Informação verbal.

A opção em incluir no campo empírico os enunciados vem de encontro com minha trajetória de pesquisa e a perspectiva teórica que venho trabalhando, onde compreendo que:

[...] o enunciado é uma unidade real da comunicação discursiva indissociável do sujeito que o produz e intrinsecamente ligado ao processo de interação social. Ele é constituído pelo seu autor tal como por seus interlocutores e, em uma análise, devem ser considerados todos os seus aspectos históricos-sociais-culturais, pontos de vista e visões de mundo. (PLUSCHKAT, 2015, p.17).

Como já expliquei, na primeira etapa do processo seletivo, criamos um *link* de inscrição divulgado nas redes sociais do grupo e de seus doutores-palhaços. Ao acessar o *link*, os clowndidatos não entravam na toca do coelho e nem iam parar no País das Maravilhas, mas abriam uma Ficha de Inscrição no qual preenchiam seus dados pessoais (nome completo, idade...) e respondiam algumas questões. São elas:

1. Descreva em poucas linhas o que te motiva a ser um voluntário no Especialistas da Alegria.
2. Fale um pouco sobre você, suas qualidades/habilidades.
3. Você está ou esteve comprometido com alguma ação social?
4. Se escolhido, você realmente terá comprometimento e disponibilidade para assumir um compromisso semanal? Fale sobre.
5. Por que você deve ser um dos 15 selecionados para participar do processo seletivo 2018?

Foram 36 inscritos. Esta etapa teve como intuito conhecer melhor cada clowndidato, sem ter o peso de classificá-los como aptos ou não a participar do processo. É importante destacar que no edital, o grupo não exigiu experiência em trabalhos voluntários nem que o clowndidato tivesse conhecimento da linguagem do palhaço.

Entretanto, o termo 'processo seletivo' dá arrepio nos cabelos e uma baita dor de barriga, pois carrega os sentidos da exigência de uma seleção pelo mais apto, aquele que tenha melhores qualidades e habilidades, o 'perfeito'. Por isto, os discursos produzidos pelos clowndidatos, mesmo sendo para um processo palhacesco, aproximaram-se de discursos 'seriescos' – sérios demais - à conquista

de um ‘cargo’. Pudera! Como deixar este termo mais leve em um processo para um grupo de palhaços voluntários e ao mesmo tempo dar seriedade a esse trabalho?

As habilidades palhacescas quase não apareceram nos discursos, como, por exemplo, colocar a língua na ponta do nariz, que é a minha especialidade. No entanto, surgiram habilidades como ‘boa articuladora’, ‘dedicado e esforçado’, ‘responsável’, ‘organizada’, ‘pró-ativa’, ‘comprometida’, ‘competente’, ‘facilidade de trabalhar em equipe’. Não que um doutor-palhaço que atua em hospital não possa ter tudo isto, mas, ele certamente tem potencial para muito mais, como ser dedicado na piada, organizado na besteira, comprometido com gargalhadas...

As habilidades ditas pelos clowndidatos tiveram um ar mais sério, entretanto, a palavra mais mencionada pelos clowndidatos foi ALEGRIA. Para eles, a alegria está intrinsecamente ligada ao palhaço. Ser alegre ou ouvirem que são alegres ou terem a intenção de levarem alegria os motivam a serem doutores-palhaços-voluntários. Eu provoco: o palhaço é alegre? Tem o objetivo de levar alegria a algum lugar? O palhaço é a verdade. A sua verdade a partir do seu estado. O seu estado se dá pela relação com o outro. Segundo Dream (2018):

O clown vem para isso, para criar uma relação afetiva com o público. Diferentes estudos confirmam que o riso é um fenômeno social e contagiante. Quando as pessoas estão sozinhas quase não riem, se ri com muita facilidade quando existe um vínculo afetivo. (DREAM, p. 63, 2018)

Assistir um filme de comédia sozinho é diferente de assistir o mesmo filme acompanhado de alguém que muito ri ou ainda em uma sala de cinema, cheia de gente. O riso é contagioso. A relação com um palhaço pode provocar o riso, mas mais que isso, o palhaço é aquele que te afeta: seja com o riso, a identificação, a emoção, o medo.

No hospital, percebo pela minha experiência e pelos relatos dos doutores-palhaços-voluntários que o riso é a válvula de escape que mais ecoa pelos corredores ao encontrar os palhaços, pois o palhaço está lá inteiro e não para disfarçar a esfera estéril que se encontra. Há coca e mentos: uma explosão! Digo, sentimentos. O palhaço permite a diversão com o quase nada e o riso é livre do silêncio da esfera pálida do hospital dando cor por onde ecoa.

Durante as visitas dos palhaços no hospital, os pacientes se tornam pacientes de doutores-palhaços e tudo vira desordem: injeção é de riso e

estetoscópio escuta pensamentos. Quando nos retiramos, a ordem volta, mas tudo é modificado, o ambiente é alterado. O riso permite ao homem se reintegrar com o sagrado, para depois retornarem ao mundo humano modificados. (MINOIS, 2003).

Ainda sobre o palhaço que atua em hospital, Masseti afirma:

Ele ajuda a lembrar a vulnerabilidade da condição humana em um ambiente onde se exige perfeição. O palhaço nos leva diretamente ao sentimento, sem análises. Desse modo, aumenta nossa capacidade de nos emocionarmos, estimula que se aceitem muitas possibilidades e diferentes reações expandindo limites de comportamento. (MASETTI, 2015, p. 33).

Apesar do riso que o palhaço provoca e de sua figura ter um sentido de alegria, o palhaço que atua no hospital pratica a sensibilidade em embarcar no universo do outro, trazendo à tona a essência humana. A resposta do outro é a generosidade, seja com o riso, o abraço, as lágrimas, o agradecimento...

[...] a profissão de palhaço não é tão fácil de definir como a de veterinário, cantor, jogador de futebol. A gente pode até dizer que ele é uma pessoa que faz os outros darem risada, e vai estar certo, certíssimo. O problema é que não é só isso que ele faz. Eu conheço muita gente que, quando vê um palhaço, fica tão emocionada que, em vez de rir, começa a chorar. (THEBAS, 2009, p. 11).

A presença do doutor-palhaço no hospital transpassa o riso. Ela é um suspiro, uma vírgula, uma pausa. Mas é inegável que a alegria através do riso seja o sentimento mais próximo a esta figura, afinal o riso é libertador. Como afirma Bakhtin (2017, p. 25), “o riso aproxima e familiariza”.

Na seção a seguir, vamos desvendar um pouco mais sobre nossos clowndidatos.

### 3.1 CLOWNDIDATOS

*Não preciso saber a tua idade, nem onde mora, ou com o que trabalha.  
Quero saber da tua relação com as estrelas, o quanto de cura tem no teu  
sorriso e se há amor em tua fala.  
Autor desconhecido*

Ah, eu adoro um céu estrelado, uma lua cheia e um pão com melado. Eu sou ciumenta, fria, friorenta.<sup>31</sup> Sou ser humano. Sou inexato.<sup>32</sup> Por que é que nos pré-ocupamos tanto em saber idade, endereço e o trabalho das pessoas com que nos relacionamos? Desde quando isso é mais interessante que saber se elas cantam no chuveiro, abraçam árvores, falam palavrinhas e palavrões, têm pavor de baratas e todas as coisas estúpidas e simples que somos e fazemos?

Uma criança, ao falar de si, é espontânea, mas quando a gente vira adulto, aprendemos que temos que nos comportar – caber num pote. Alves explica que:

Com o advento do utilitarismo, entretanto, tudo se alterou. A pessoa passou a ser definida pela sua produção: a identidade é engolida pela função. E isso se tornou tão arraigado que, quando alguém nos pergunta o que somos, respondemos inevitavelmente dizendo o que fazemos. [...]. A pessoa praticamente desaparece, reduzindo-se a um ponto imaginário em que várias funções são amarradas. (ALVES, 2016, p. 17).

Mas o quê que o palhaço tem a ver com tudo isso? Existem diversos cursos livres de palhaço para não-atores em Curitiba que enunciam que é um curso para a vida! Veja o anúncio deste, por exemplo, do profissional Rafael Barreiros, o palhaço Alípio:

FIGURA 28 - ANÚNCIO CURSO DE PALHAÇO

**Você acha que CURSO DE PALHAÇO é só pra quem quer ser palhaço profissional?**

Errrrrouuuu!!! (leia imaginando a voz do Faustão pra ficar melhor!)

Uma aula leve, doce, divertida e que toca a alma. Siiiiim, o curso de palhaço tem o poder, de mexer lá no fundo. É uma introdução a linguagem poética do Palhaço, construído através de jogos, exercícios lúdicos e MUITO divertidos!

Neste curso vamos trabalhar:

- + Autoconhecimento para ter uma identidade própria;
- + Oratória para falar em público;
- + Imaginação para soluções criativas;
- + Improvisação para resolver problemas;
- + Coragem para aprender com os erros.

Essa são algumas habilidades que a arte de ser palhaço pode ensinar para você usar em seu dia a dia, transformando sua mente em um terreno fértil para ideias e se preparando para lidar com qualquer situação – seja em casa, na faculdade, no trabalho ou entre amigos.

FONTE: Página do Rafael Barreiros na *Internet*<sup>33</sup> (2020).

<sup>31</sup> Paráfrase da canção De Toda Cor, autoria Renato Luciano. Ouça no volume máximo! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FTU5NYUxZ14>> Acesso em: 01 fevereiro 2020 às 13h07.

<sup>32</sup> Poesia de Elisa Lucinda, inserida na canção De Toda Cor, de Renato Luciano.

<sup>33</sup> Disponível em <<https://cursodepalhaco.com/>>. Acesso em: 05 fevereiro 2020 às 19h36.



Também acredito que para desenvolver seu palhaço não precisa ser necessariamente com o intuito de se tornar um profissional, mas conhecer esse ser sapeca que habita em você já pode te fazer sair por aí cantarolando na chuva sem medo de ser feliz.

Em uma das oficinas de palhaçaria que participei, ministrada por Paula Ramos, em 2019, ela propôs o exercício de em duplas conversarmos para depois um apresentar o outro. Com apenas uma exceção, todos apresentavam o colega falando de sua profissão: esse é o fulano, ele é psicólogo... A fulana é professora... A exceção foi uma menina que descreveu sua colega como uma pessoa que adorava subir em árvores.

Nas fichas de inscrições, como dito na seção anterior, a palavra mais enunciada foi ALEGRIA, mencionada 47 vezes ao todo. O enunciado campeão é '*LEVAR ALEGRIA*'. Entre outros como: '*sou alegre*', '*alegrar a vida*', '*ser alegria*', '*alegrando o espaço*', '*precisa de alegria*', '*falta de alegria*', '*transmitir alegria*', '*através da alegria*', '*fonte de alegria*', '*retribuir alegria*'. Ufa! Será que o poeta Vinicius de Moraes<sup>34</sup> tem razão ao dizer que é melhor ser alegre que ser triste? Bem, o próprio nome do grupo é Especialistas da ALEGRIA.

Do latim, alegria é *alacritas* ou *alacer*<sup>35</sup>, que tem entre seus significados a palavra 'animado' ou 'ânimo leve'. Ânimo, aqui, desdobrando no sentido de ter alma, podemos dizer que ter alma é ter alegria. Para Bakhtin (2011, p. 121), "a alma é uma dádiva do meu espírito ao outro". A alma está na interioridade, já, a alegria, para o autor, tem sua existência a partir do outro. Mesmo a alma sendo singular ela se alimenta do externo. Seria a alma alimentada pela alegria?

A alegria só é possível para mim em Deus e no mundo, isto é, só onde me familiarizo de forma justificada com a existência através do outro e para o outro, onde sou passivo e aceito a dádiva. Minha alteridade se alegra em mim, mas não o eu para mim. (BAKHTIN, 2011, p. 124).

Voluntariar-se é estar para o outro de corpo e alma. Alves (2016, p. 37) complementa que "o corpo é entrada da alma, a dor e o prazer, os fundamentos do pensamento". Somos mais do que alegria e tristeza, somos sujeitos complexos de

<sup>34</sup> Poeta e compositor brasileiro que teve como uma de suas principais obra a canção Garota de Ipanema, em parceria com Tom Jobim. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/vinicius\\_de\\_moraes/](https://www.ebiografia.com/vinicius_de_moraes/)>. Acesso em: 20 abril 2020 às 15h51.

<sup>35</sup> Disponível em <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/alegria/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2019 às 22.30.

sentidos e sentimentos. Ora alegre, ora triste, ora egoísta, ora altruísta, ora tudo junto e misturado. Somos ridículos de tão complexos.

É preciso ter coragem para assumir que somos ridículos. Ser ridículo provoca: ‘o que o outro vai pensar de mim?’. Ser palhaço é botar a língua para fora e expor esse ridículo. O outro, ao ver seu ridículo e se reconhecendo também ridículo, ri. Bergson afirma:

Vários definiram o homem como um animal que sabe rir. Poderiam também tê-lo definido como um animal que faz rir, pois, se algum outro animal ou um objeto inanimado consegue fazer rir, é devido a uma semelhança com o homem, à marca que o homem lhe imprime ou ao uso que o homem lhe dá. (BERGSON, 2011, p. 3).

Desenvolver uma preparação artística para o estudo da linguagem do palhaço pode dar consciência das nossas relações dialógicas, pois o riso também dialoga - ou seriam relações risológicas? - já que a palavra estabelece uma ordem enquanto o riso liberta-nos da ordem.

‘Levar alegria’ também pode remeter à necessidade que temos do outro. Bakhtin explica:

Porque só o outro podemos abraçar, envolver de todos os lados, apalpar todos os seus limites: a frágil finitude, o acabamento do outro, sua existência - aqui-e-agora são apreendidos por mim e parecem enformar-se com um abraço; nesse ato o ser exterior do outro começa uma vida nova, adquire algum sentido novo, nasce em um novo plano da existência. (BAKHTIN, 2011, p. 38-39).

Enformar-se com um abraço, porque é o outro que nos dá formas, como somos nós que damos formas às nuvens. Para o autor, empatizar não é concordar com o outro. Relacionar-se não é isentar-se de conflito. Aliás, o palhaço nos põe em conflito, primeiramente consigo mesmo. Se a alegria está no nariz vermelho do palhaço, ela está nas possibilidades de re-existir na alteridade.

Apesar desta ‘ALEGRIA’ repetida nos enunciados estar ligada à figura do palhaço, apenas oito clowndidatos mencionaram a palavra ‘palhaço’ ou ‘palhaçada’ em seus enunciados-discursivos. Alguns, revelando suas experiências de trabalho com a linguagem do palhaço, como:

*Treinado em palhaçada. Foram 6 anos de estudos de teatro quando pequeno, com foco em fazer as pessoas rirem [...]. Muita disposição para aprender tudo que ensinarem ao meu palhaço.*

*[...] além de já ter experienciado algumas formações na área da palhaçaria [...], estou sentindo que este é o momento certo pra mim de assumir um compromisso com esta ação social tão importante e recheada de palhaços maravilhosos.*

*Já realizei algumas atividades como palhaço em projetos de voluntariado.*

*Na infância animava festas infantis de palhaço.*

*Fiz um momento curto de curso de palhaço e foi simplesmente maravilhoso.*

O palhaço aqui não é tratado como profissão, no entanto, os sujeitos o compreendem a partir de treinamento/formação para sua atuação, utilizando as palavras ‘treinado’, ‘formações’, ‘atividades’, ‘curso’, ‘aprender’.

Outros discursos apontaram que o palhaçar está relacionado com um desejo ou um sonho antigo, como:

*[...] sempre tive muita vontade em me voluntariar para aplicar estas palhaçadas [...]. Sempre fui muito curioso em aprender coisas diferentes, desde danças, instrumentos, até mesmo as palhaçadas [...].*

*Trabalhar como um palhaço é um sonho de criança. De uns meses para cá esse mundo foi reaberto a mim e cada vez mais estou encantado com tudo que o nosso palhaço pode nos oferecer e oferecer ao nosso próximo.*

O que me motiva ser um voluntário no Especialistas da Alegria, é justamente poder trabalhar com pessoas em um hospital, e transmitir a alegria que apenas um palhaço pode fazê-lo, pois, um palhaço é um ser muito singular, que provoca o riso quando faz coisas que, internamente, todos gostariam de experimentar, e de fazer um dia. Além de que, se vestir de palhaço, parece ser um caminho sem volta, pois

*incita a não ter medo de agir, e a sentir uma liberdade estranha, uma liberdade que afaga o peito e acalma o coração, principalmente quando se tem a oportunidade de transmitir a alegria pra alguém que realmente está precisando, que é o caso do Especialistas da Alegria. Resumindo, quero ser voluntário desta organização para ser o meio de transmissão de alegria, sem receber nada em troca, apenas sorrisos e gargalhadas.*

*[...] que amo os palhaços de hospital*

*Porque eu sempre tive medo de palhaços kkkk E ... Por ser algo tão lindo e libertador.*

Novamente os discursos incidem para a alegria que é o ser palhaço, para si e para o outro. Seria esta alegria a motivação do sonho de nata de ser um palhaço? Ou a própria forma de se reconhecer alegre? Tenho mais perguntas que respostas neste tecer de ideias, mas pudera, estou falando sobre a linguagem do palhaço e o próprio palhaço não se define nem se limita.

É possível notar o quanto a arte do palhaço está inserida na vida desses clowndidatos, Como diz Bakhtin:

A arte me dá a possibilidade de vivenciar, em vez de uma, várias vidas, e assim enriquecer a experiência de minha vida real, comungar de dentro com outra vida em prol desta, em prol de sua significação vital [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 74).

O palhaço e sua máscara permite a possibilidade de experimentar outros eu's sem se pré-ocupar com o julgamento da sociedade que nos exige o andar correto, o andar na linha. O palhaço se desalinha. Os sonhos, - sejam de nata, creme, doce de leite ou goiabada -, remetem aos sabores que a vida pode proporcionar. Alguns são realizáveis, outros ficam na utopia. Os realizáveis a gente se joga. Sonhar em ser palhaço e ir atrás desse sonho é se lambuzar. Quanto ao palhaço, para Ana Wuolff:

Ele é, a cada instante, uma folha de papel em branco que vai sendo escrita de forma criativa, poética, alegre e irreverente. Ele nasce a cada minuto conforme os elementos do exterior, os fatos e as pessoas com quem ele se relaciona. (WUOLFF, 2016, p. 20).

Os discursos produzidos nas fichas de inscrição foram mais sérios, mas, em alguns momentos, pode-se observar escorregadelas palhacescas em alguns clowndidatos, libertando seus enunciados e enfim, mostrando suas facetas do ‘levar alegria’:

*Gosto de dançar, fazer caretas, imitar o Greca (não que eu faça isso com competência, mas eu tento), em meio a minha família tenho meu lado bem brincalhona.*

*Sou um pouco tímido, mas conto histórias muito bem, tenho uma imaginação grande e fértil, pois sempre tive a oportunidade de ler, e inventar histórias, e sou bom com palhaçadas, afinal, sou muito desastrado. Isso não é lá uma qualidade, mas a espontaneidade dos meus atos provoca o riso de muita gente desconhecida, então imagino que isso seja bom, quando me despir de (nome do clowndidato), e tornar-me o ‘Palhaço Creyton’.*

*Ninguém é perfeito, às vezes sou um pouco atrapalhada.*

*Habilidades não tenho muitas.*

*Gosto de fazer brincadeiras.*

Sabe aquele lado diferente de ser? Agarre esse lado para encontrar seu palhaço. Alves (2016, p. 249) diz que o tolo “é uma pessoa que ousa pensar pensamentos diferentes daqueles que a maioria pensa e repete. [...]. Os tolos são aqueles que andam na direção contrária”.

Alguns clowndidatos, em seus enunciados, se permitem não serem perfeitos. Como é isto em uma sociedade que nos exige a perfeição? Não burlo a perfeição só com figurino e maquiagem. Não é só colocar um nariz vermelho. É aceitar seus ‘erros’ e comemorar, se reinventar. É alcançar um estado de graça - que é diferente de ‘fazer gracinhas’, - a partir do que você é.

Outros mostraram habilidades que envolvem a esfera artística: ‘contadora de histórias’, ‘me arrisco no chocalho’, ‘dava treinamentos de futebol’, ‘habilidades para dança’, ‘professora arteira’, ‘aproximação com o canto e a música’, ‘trabalho com

fotografia', 'fazer origamis', 'aprendendo a tocar piano', 'trabalhos manuais', 'instrumentista violonista', 'mímico e mágico', 'artista plástica', 'habilidades para o desenho'.

Como já disse, tudo é bagagem para construção do palhaço! Mas novamente questiono por que os clowndidatos falaram tão pouco de suas habilidades palhacescas. Nas oficinas que descreverei em outros capítulos, é possível observar as cascas da cebola se abrindo para encontrarmos seu sabor mais apurado. Às vezes, tirar as cascas faz chorar, se emocionar, limpar...

Agora, leitor, apresento nossos clowndidatos dos quais, por meio de seus enunciados-discursivos e para facilitar a análise, categorizei em: a) Pierrot e Colombina – clowndidatos com discursos apaixonados; b) Augustos e Augustas – clowndidatos cujo discurso valorativo está no riso; c) Virtuoses – clowndidatos que enunciam enfaticamente seus talentos; d) Heróis e Heroínas – clowndidatos com discursos altruístas.

[...] para Bakhtin, os elementos históricos, sociais e linguísticos atuam de forma decisiva no cerne da personalidade do indivíduo e se manifestam de forma dialógica em seus discursos. [...]. E é essa justamente a fala que, por não estar apoiada no conhecido, permanece aberta, capaz de, em cada novo contexto dialógico, revelar novas possibilidades semânticas. (BRAIT in BARROS & FIORIN, 2011, p 25).

### 3.1.1 *Pierrot* e Colombina

Sou entre flor e nuvem. Por que havemos de ser unicamente humanos?  
Não encontro caminhos fáceis de andar. E por isso levito.  
É bom deixar um pouco de ternura em cada lugar.  
Cecília Meireles

Nesta seção identifico os clowndidatos que possuem em seu discurso um tom apaixonado. Dei o nome de *Pierrot* e Colombina remetendo aos personagens da *Commedia Dell'Arte* em que *Pierrot* era platonicamente apaixonado por Colombina que, por sua vez, era apaixonada por Arlequim que, apesar de ser um personagem que personifica a malandragem, também correspondia Colombina. Em uma das versões desse triângulo amoroso, Colombina foge com Arlequim, entretanto, descobre uma carta de *Pierrot* declarando seu amor por ela. É nos braços de *Pierrot* que ela encontra seu amor verdadeiro, mas, em todo Carnaval, ela volta a se encontrar com Arlequim.



A palavra paixão provém do latim, *passionis*, que traz sentido de passividade e sofrimento. Alves exalta:

Ah! Como a paixão é doce. Somente os apaixonados sabem viver e morrer. Somente os apaixonados como D. Quixote, vislumbram batalhas e se entregam a elas. A paixão é o segredo do sentido da vida. E que outra questão mais importante poderá haver? Dizia Camus que o único problema filosófico realmente sério é “julgar se a vida é digna ou não de ser vivida”. (ALVES, p. 22, 2016).

FIGURA 29 - AH, O AMOR... – CORREDORES DO HEG



FONTE: Cléo Sales/Especialistas (2018).

Os ‘enunciaxonados’ – enunciados apaixonados – a serem analisados são:

1. *O que me motiva é o amor! Porque o meu desejo é muito grande em doar amor neste projeto.*
2. *Amo o trabalho que vocês fazem! [...] Personagem que amo os palhaços de hospital.*

3. *Estou em fase da vida com disposição de tempo e de amor para servir ao próximo. [...] gostaria de fazer parte deste trabalho, para levar amor e esperança aos que sofrem.*

O primeiro enunciado diz: *O que me motiva é o amor! Porque o meu desejo é muito grande em doar amor neste projeto.* Motivar é o ato de mover-se a uma ação. Como sujeitos em alteridade, dialógicos e risológicos, estamos em constante movimento. Aqui, a ação que se movimenta é o sentimento do amor. Coincidência ou não a música que mais cantamos no HEG é a do cantor Roberto Carlos<sup>36</sup>: ‘eu tenho tanto pra lhe falar, mas com palavras não sei dizer como é grande o meu amor por você!’ Bakhtin (2011, p. 318) afirma “em relação ao homem, o amor, a compaixão, o enternecimento e quaisquer outras emoções sempre são dialógicas nesse ou naquele grau”. Nós, sujeitos e palhaços, queremos ser aceitos, amados, notados. Queremos nosso nariz vermelho exposto para que o outro veja nossos tombos e os afete para sermos afetados pelo que o outro também reconheceu em seus próprios tombos. Em Bakhtin encontramos que:

Eu experimento uma necessidade absoluta de amor, que só o outro pode realizar interiormente a partir de seu lugar singular fora de mim; é verdade que essa necessidade fragmenta de dentro a minha autonomia, mas ainda não me enforma afirmativamente de fora. (BAKHTIN, 2011, p 47).

Não estamos presos ao outro, mas o que fazemos é através e pelo outro. O clowndidato pierrot-colombina afirma que é um desejo seu doar amor. Etimologicamente a palavra desejo tem um significado poético. Ela se origina do latim *desiderium*, onde ‘de’ indicaria movimento e ‘siderium’ estrela. Juntando, seria algo como estrela cadente. Segundo o professor de idiomas Lucas de Lima Goulart, citado em um *blog*<sup>37</sup>, “desejar é fruto dessa nossa eterna inquietude que nos move sempre na direção da próxima estrela cadente”. Somos sujeitos inquietos. Novamente, o movimento! E desta vez, com direito a um pedido feito às estrelas cadentes. Somos tão constituídos pelo outro que até nossos desejos se constituem pelo outro, nesse caso, a estrela cadente. Bakhtin reitera:

<sup>36</sup> Cantor e compositor brasileiro que iniciou sua carreira na década de 1960. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto\\_Carlos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Carlos)>. Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 14h00.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.robsonsampai.com.br/desejo/>>. Acesso em: 20 abril 2020 às 16h41.

Os valores de uma pessoa qualitativamente definida são inerentes apenas ao outro. Só com ele é possível para mim a alegria do encontro, a permanência com ele, a tristeza da separação, a dor da perda, posso encontrar-me com ele no tempo e no tempo mesmo separar-me dele, só ele pode ser e não ser para mim. Eu estou sempre comigo, não pode haver vida para mim sem mim. (BAKHTIN, 2011, p. 96).

Não à toa a linguagem do palhaço acontece pela relação com o outro. É o outro quem vai motivar meus gestos, principalmente na esfera hospitalar. Palhaço é todo ouvidos e olhos. Tem um verso de uma canção do cantor e compositor Arnaldo Antunes<sup>38</sup> que diz “o seu olhar melhora o meu”. Tem verso que fale tanto de alteridade como este? Masetti complementa:

A potência se repete nos encontros, manifestando sua intensidade, dando um brilho próprio e único a cada acontecimento. Os corpos misturam-se em relação permanente, sempre produzindo encontros. Tudo o que existe então são os corpos compostos de qualidade de afetar e serem afetados por outros corpos. (MASETTI, 2015, p. 33).

É no encontro do olhar e da escuta que há o afeto entre o palhaço e o outro, despertando sentidos e sentimentos.

O enunciado seguinte diz: *Amo o trabalho que vocês fazem! [...] Personagem que amo os palhaços de hospital*. Este pierrot-colombina confessa seu sentimento pela figura do palhaço. O que esse palhaço lhe traz para despertar esse sentimento? Ou melhor, o que o doutor-palhaço traz? Talvez remeta à alegria, palavra tão dita nas fichas de inscrição.

Todo início contém um evento mágico, um encontro de amor, um deslumbramento no olhar... É aí que nascem as grandes paixões, a dedicação às causas, a disciplina que põe asas na imaginação e faz os corpos voarem. (ALVES, p. 171, 2016).

Cada palhaço tem sua lógica e a esfera em que atua dialoga com essa lógica. Para Masetti (2015, p.46), “o palhaço constrói sua atuação artística por onde se movimenta: corredores, elevadores, balcões de prescrição, entre outros. Cada encontro poderá se transformar em espetáculo”. O doutor-palhaço tem atuação com especificidades diferentes do palhaço no circo, no teatro ou na rua, considerando a esfera hospitalar. Ainda assim, está inserido na esfera artística.

<sup>38</sup> Músico, compositor, poeta e artista plástico. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/arnaldo\\_antunes/](https://www.ebiografia.com/arnaldo_antunes/)>. Acesso em: 20 abril 2020 às 16h47.

O trabalho do doutor-palhaço tem um diferencial. Estamos em território onde não fomos chamados para apresentar um espetáculo, por isso, aqui pedimos a permissão não só para a interação como para a nossa entrada. Talvez isso faça com que o doutor-palhaço não tenha o mesmo ímpeto do que o que atua em outras esferas, causando um vendaval. A presença do palhaço que atua em hospital é uma suave brisa.

O clowndidato mostra conhecer o trabalho do palhaço que atua em hospital, Seu encanto pelo trabalho do grupo o faz querer estar junto dele, como *Pierrot* junto à Colombina. Alves (2016, p. 172) fala sobre o amor: “primeiro amar, depois conhecer. Conhecer para poder amar. Porque, se se ama, os olhos e os pensamentos envolvem o objeto, como se fossem mãos, para colhê-lo”.

Ainda no mesmo enunciado, o clowndidato fala que ama o personagem palhaço de hospital. Talvez por não conhecer a fundo a linguagem do palhaço em sua teoria e prática e nem tê-la vivenciado, o clowndidato acredita no palhaço enquanto personagem. Bem, eu sempre quis ser paqueta<sup>39</sup> ou princesa, mas a vida me presenteou comigo mesma! Talvez o palhaço possa ser considerado o personagem de si mesmo. Tê-lo como personagem é limitá-lo a um estereótipo, entretanto o palhaço é único e exclusivo, sendo muitos em um só. Ah, como ele é humano e sujeito bakhtiniano! O palhaço não usa um texto nem uma quarta parede como o personagem. Sua relação é no aqui e agora. Sobre a potência das interações do palhaço no hospital, Masetti afirma:

Esse atributo acontece na atuação do personagem do palhaço, pela forma como percebe a realidade e se relaciona com o mundo à sua volta. Ele é movido pela curiosidade e flexibilidade, pela capacidade de aceitar erros e transformá-los em recursos, pela postura de enobrecer a atitude do outro, por mais absurda que pareça ao olhar racional. (MASETTI, 2015, p. 33).

No grupo Especialistas da Alegria, o doutor-palhaço tem como prática exaltar o outro: tanto paciente, acompanhante ou colaborador do hospital. O paciente está em estado de vulnerabilidade devido à doença, que além da dor causa baixa auto-estima. Quem passa pelos doutores-palhaços são chamados de ‘bonitas e bonitos’ que não andam, desfilam. São flores que causam inveja a outras flores. São os melhores cantores e encantadores da rádio (radioterapia), reis e rainhas do

<sup>39</sup> Assistente de palco do extinto programa Xou da Xuxa. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Paquitas>>. Acesso em: 20 maio 2020 às 16h55.

baile, etc. Praticamos o que diria em Bakhtin o excedente de visão. Vemos no outro o que o outro não pode ver em si mesmo.

Ainda sobre a diferença entre o palhaço e o personagem, afirma Dream (2017, p. 182): “ao contrário de um ator que pode se “esconder” atrás de seu personagem, seu texto e a quarta parede, o clown tem que olhar para o público e permanecer aberto ao que ocorre ali”. E complementa Masetti (2015, p. 51): “um corpo preenchido de emoções que podem reagir livremente, a aceitação da fragilidade e a qualificação da ação como forma expressiva colocam o palhaço em nova dimensão”.

O último ‘enunciado’ fala: *Estou em fase da vida com disposição de tempo e de amor para servir ao próximo. [...] gostaria de fazer parte deste trabalho, para levar amor e esperança aos que sofrem.*

Provoco: seria levar ou buscar amor e esperança? Como a figura do *Pierrot* que busca o tempo todo o amor da Colombina e a Colombina do Arlequim. Compreendo que há uma troca de afetos – no sentido de afetar – mútuos.

O verbo servir é muito usado na esfera cristã e está relacionado ao amor incondicional de Cristo. Bakhtin discute a impossibilidade de se amar ao próximo como se ama a si mesmo:

Posso experimentar o amor do outro por mim, posso desejar ser amado, posso imaginar e prever o amor do outro por mim, mas não posso amar a mim mesmo como se amasse o outro, de forma imediata. [...]. Não posso amar o próximo como amo a mim mesmo, ou melhor, não posso amar a mim mesmo como amo o próximo, posso apenas transferir para ele todo o conjunto de ações que costumo realizar para mim mesmo. (BAKHTIN, 2011, p. 44-45).

A começar, ainda no ventre de nossa mãe, vivenciamos a palavra do outro, o que o outro sente por nós. Já nos primeiros dias de vida, é o outro que nos diz sobre nós, nos ensina cada parte do nosso corpo. É o outro que vai dizer “ela é boazinha, quase não chora” ou “ela tem uma personalidade forte”... O outro nos define “ele é um palhaço”. Somos o que somos através do discurso do outro. Recebemos a palavra do outro e queremos dar nossa palavra ao outro, mas não estamos assujeitados.

Esse *servir ao próximo*, se doar ao outro, podemos relacionar com exotopia em Bakhtin. Não posso sentir o que o outro sente, pois estou externo a ele, como o outro não pode vivenciar o que sinto. Posso tentar compreendê-lo, indo ao encontro

de sua dor, estabelecendo uma relação, mas retornando a mim. Não tenho como amar a mim como amo ao outro, pois sou responsável pelos meus atos e não ao ato do outro. Que os santos palhacescos me guardem! A gente não dá conta nem da gente, quanto menos do ato do outro.

O palhaço vive no presente, por isso segue o fluxo do aqui e agora, independente do amanhã. Como diria o mestre Shifu, do filme Kung Fu Panda (2008): “o ontem é história, o amanhã é um mistério, mas o hoje é uma dádiva. É por isso que se chama presente”.

Para Masetti (2015, p. 54), “o palhaço vive e morre a cada instante”. O *levar amor e esperança* é a atitude responsiva no trabalho voluntário. Eu não nego a fragilidade do momento e a respondo com o que tenho para o outro. O que fica potencializada é a relação.

### 3.1.2 Augustos e Augustas

*Quando eu vejo que eu estou me levando excessivamente a sério, o palhaço que eu tenho dentro de mim dá uma cambalhota.*  
Ariano Suassuna

Nesta seção, vamos cambalhotear na bobeira sem perder a cabeça. Eu a denomino de Augustos e Augustas por seus discursos cujo sentido valorativo seja o riso. No mundo palhacesco, os augustos são os mais tolos e inocentes que provocam a identificação do espectador causando cumplicidade e riso por suas tolices. Para Burnier:

O agosto (no Brasil, tony ou tony-excêntrico) é o bobo, o eterno perdedor, o ingênuo de boa-fé, o emocional. Ele está sempre sujeito ao domínio do branco, mas, geralmente, supera-o, fazendo triunfar a pureza sobre a malícia, o bem sobre o mal. [...] isso provoca a identificação do público com o menos favorecido, o agosto. (BURNIER, 2001, p. 206).



FIGURA 30 - BOBICES – VESTIÁRIO HEG



FONTE: Denise Ramalho Photos(2018).

Os enunciados-cambalhotas a serem analisados são:

1. *Sempre acreditei no riso como o melhor remédio.*
2. *Não há recompensa maior que ver o sorriso de uma pessoa.*
3. *Provocar o riso leve e solto.*

A primeira cambalhota a ser analisada é: *Sempre acreditei no riso como o melhor remédio.* Acho que o riso é o melhor Remédio mesmo! Este é um famoso ditado popular que contém provas científicas dos benefícios do riso. O Dr. Caramujo, personagem do escritor Monteiro Lobato<sup>40</sup>, deu uma pílula falante para a boneca Emília que a tornou uma tagarela. Nós, doutores-palhaços, doamos nossas

<sup>40</sup> Escritor brasileiro cuja obra de maior destaque é O Sítio do Pica-pau Amarelo. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/monteiro\\_lobato/](https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/)>. Acesso em: 19 abril 2020 às 19h47.

pílulas da bobice às pessoas para que elas se tornem umas risorelas. Efeito colateral? Cócegas na barriga.

O riso é tão contagioso que não resistimos a uma boa gargalhada alheia que já começamos também a gargalhar até perder o ar. É tão potente quanto começar a se coçar e sentir a coceira aumentar até não conseguir mais parar. Minois (2003, p. 26) afirma que “o riso está associado ao retorno a uma vida ‘normal’. (...) Por ser divino, o próprio riso é inquietante”.

Novamente podemos perceber a relação do riso com a figura do doutor-palhaço, pois é acreditar nesse riso como remédio que a clowndidata Augusta tem a motivação para entrar no grupo. Vamos combinar e concordar com Alves (2016, p. 183), pois “uma boa risada vale mais que muitos argumentos”.

O enunciado a seguir: *Não há recompensa maior que ver o sorriso de uma pessoa*, nos coloca a pensar que o que move o doutor-palhaço-voluntário é a gratificação do sorriso do outro. Tirar, mesmo que por instantes, o outro do seu estado frágil pela dor e arrancar um sorriso ou provocar outras emoções. Bergson (2001, p. 6) afirma que: “para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social”.

Essa relação risológica - e contagiosa – nos coloca em diálogo com o outro em uma relação social. Uma vez no hospital, ao me aproximar de uma paciente que estava em uma das recepções esperando para ser atendida, ela soltou um risinho. A correspon-di com outro risinho. À medida que me aproximava mais ela ria e mais eu ria junto com ela. Chegou um momento em que sentei ao lado dela e nós duas quase choramos de tanto rir. Sem falarmos nada! Ao final, quando já estava de barriga dolorida, agradei pelo risólogo que criamos e ela continuou com seu riso. Rir, segundo Wuo (1999, p. 24) é ver-me “por meio do riso do outro, então sei que estou atingindo o outro e ele a mim; ele ri de mim e para mim. Penetro nele e provoco o riso. Por quê? Rir é uma experiência corporal positiva”.

A última cambalhota desta seção diz: *Provocar o riso leve e solto*. O riso realmente afrouxa o corpo, pois o liberta. O palhaço pode provocar este riso assim como outras emoções. Entretanto, ao provocar o riso, relaxa a dor (seja física ou psicológica). O riso é sustento para o corpo, tal qual a água e o pão. Alves provoca:

O riso é o lado de trás e de baixo, escondido, vergonha das máscaras sérias: nádegas desnudas de faces solenes.

[...] O riso obriga o corpo à honestidade. Rimos sem querer, contra a vontade. Ele nos possui e faz o corpo inteiro sacudir de honestidade, como demônio brincalhão, Exu... (ALVES, 2016, p. 10).

### 3.1.3 Virtuoses

*Fofa é a sua almofada. Eu sou é incrível!*  
Meme de Rede Social

Esta seção até tem fofura, mas também tem mágica, mímica e gostosuras. Os discursos dos clowndidatos exaltam seus talentos. Afinal, estamos falando de um processo seletivo e nada mais coerente que contarem suas virtudes para o grupo.

Os enunciados-fantásticos a serem analisados são:

1. *Sempre com um toque bem-humorado, mas nunca levei a sério mesmo. Alguns amigos sempre me incentivando a levar. Nunca me vi como um artista, mas de alguma forma tinha a percepção de que levava certo jeito.*
2. *Não tenho vergonha de me aproximar de pessoas que não conheço e sou divertida, acredito que para ser uma Especialista da Alegria esses sejam os dois principais pontos e eu domino bem eles hahaha.*
3. *Porque sou única!!! Não encontrarão ninguém com o meu perfil, essa capacidade de viver no mundo da lua, procurando como trazer o brilho do Sol, para quem está sentindo que não tem a luz no fim do túnel!!! Porque eu preciso continuar aprendendo com o ser humano.*

No primeiro enunciado temos: *Sempre com um toque bem-humorado, mas nunca levei a sério mesmo. Alguns amigos sempre me incentivando a levar. Nunca me vi como um artista, mas de alguma forma tinha a percepção de que levava certo jeito.* Observo novamente como o outro afeta nossa vida e nos constitui enquanto sujeitos. O virtuose afirma que os amigos o incentivaram. Se não fosse o discurso dos amigos, talvez ele não se percebesse engraçado e com 'jeito' para a área artística. Bakhtin afirma:

Partindo de dentro de si mesmo, sem nenhuma mediação do outro que ama, o homem nunca conseguiria falar a seu próprio respeito na forma e nos tons hipocorísticos, em todo caso estes não exprimiriam, de modo algum, o efetivo tom volitivo-emocional do meu autovivenciamento, da minha relação interior imediata comigo mesmo [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 47).

Será que o bom-humor não deve ser levado a sério? A arte do palhaço, às vezes, pode ganhar uma relevância menor em relação a outras artes. No entanto, a arte da palhaçaria tem história, teorias, técnicas e profissionais que atuam e discutem sobre a linguagem do palhaço com destreza. O riso merece ser levado a sério.

Como o clowndidato percebia que levava ‘certo jeito’ para o cômico? Todos nós temos esse jeito cômico e ridículo. Alguns o profissionalizam. Outros usam para aliviar a seriedade do dia-a-dia. Outros apenas não percebem ou têm medo de se assumirem ridículos. Até os que se dizem ‘sérios’ trazem a sua comicidade nesse corpo rígido. O palhaço permite sair do padrão e visitar outros lugares. Dar maleabilidade ao corpo, ao pensamento, à palavra.

O enunciado a seguir diz: *Não tenho vergonha de me aproximar de pessoas que não conheço e sou divertida, acredito que para ser uma Especialista da Alegria esses sejam os dois principais pontos e eu domino bem eles hahaha*. A timidez não impede alguém de se tornar um doutor-palhaço, até porque, é possível brincar com a sua própria timidez. O ‘divertido’ também é relativo, a potência está na relação e não em fazer graça. O engraçado virá da quão verdadeira for a presença do palhaço. Masetti afirma:

A graça é construída não pela tentativa de fazer coisas engraçadas, mas na procura da maneira ímpar de cada um fazê-lo. É um trabalho que demanda a troca do esforço racional da conduta socialmente adequada pelo abandono à reação transparente que o fato suscita (MASETTI, 2015, p. 48).

A virtuose exalta ser divertida provavelmente porque, como no enunciado anterior, foi constituída por vozes que disseram esta qualidade dela. Ao fim de seu discurso, coloca a onomatopeia de risada ‘hahaha’ para afirmar o seu ‘*divertida, extrovertida e confiante*’.

No enunciado: *Porque sou única!!! Não encontrarão ninguém com o meu perfil, essa capacidade de viver no mundo da lua, procurando como trazer o brilho do Sol, para quem está sentindo que não tem a luz no fim do túnel!!! Porque eu preciso continuar aprendendo com o ser humano*, a clowndidata também se mostra

confiante de seus talentos para doutora-palhaça. A propósito de ser única, Bakhtin (2011) diz que somos sujeitos únicos, singulares. Temos nossa própria história, entretanto, essa história foi construída por nossos encontros, pois somos alteritários. A *virtuose* também afirma que precisa '*continuar aprendendo*'. Nós, como palhaços, também somos únicos e exclusivos. Não vai haver um palhaço igual ao outro. Estamos em constante aprendizado, pois o meu palhaço de hoje não é igual ao meu palhaço de ontem nem será como meu palhaço de amanhã. Nossos encontros nos afetam e tudo pode mudar.

Minha relação com os objetos do meu horizonte nunca é concluída, mas sugerida, pois o acontecimento da existência é aberto em seu todo; minha situação deve mudar a todo momento, e não posso demorar ou ficar em repouso. (BAKHTIN, 2011, p. 89).

O palhaço pode falar sobre o que quer que esteja em seu universo: o coração partido, o assalto, o seu aniversário... De coisas corriqueiras a mais internas, desde que essa seja a sua verdade. O que lhe afetou ontem pode ser expurgado em uma cena, em um encontro, em um diálogo, em um abraço, em um sorriso. Se hoje eu vivo no mundo da Lua e lá da Lua eu tento alcançar o brilho do Sol para iluminar o outro, que assim seja, cada um com sua lógica palhacesca.

### 3.1.4 Heróis e Heroínas

*Grandes poderes trazem grandes responsabilidades.  
Homem-Aranha*

Pelos poderes de *Grayskull*, não somos *He-Man*<sup>41</sup>, mas temos nossa força! Nesta seção, que chamo de Heróis e Heroínas, optei por analisar um enunciado com discurso altruísta, pois os demais se aproximavam em sentidos. Altruísta porque veem na figura do doutor-palhaço uma forma de ajudar o próximo.

Eu inicio com um enunciado do Homem-Aranha no qual achei pertinente ao nosso tema: grandes poderes trazem grandes responsabilidades. O 'poder' que falo aqui nesta pesquisa não é o sobrenatural, mas, sim, aquele do verbo: e u posso, tu podes, ele pode... Nós podemos ajudar. Dar 'aquela força' para o outro requer responsabilidade. Amplio este termo, pensando nele bakhtinianamente, onde o

<sup>41</sup> Personagem de série animada caracterizado por sua forma sobre-humana. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/He-Man>> Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 20h00.

sentido também é o de resposta ao outro. Nossa força vem de encontro com a relação com o outro.

O doutor-palhaço carrega uma maleta de alguns socorros com instrumentos besteirológicos para amenizar a realidade do paciente e acompanhante. Nesta maleta pode conter desde objetos ressignificados: 'estetoscopiofone' 'molde de sorriso', 'medidor de miolo mole', como objetos reais: violão, flauta, canto, dança...

FIGURA 31 - MENINA-MARAVILHA – QUINTAL DE CASA



FONTE: Álbum de família (1983).

Cabe responsabilidade nesta maleta. Não a de um Batman ou de uma Mulher-Maravilha, pois eles têm o intuito de salvar o mundo, diferente do nosso que é dar uma mão - ou uma manga. Por caber essa responsabilidade é que o grupo incentiva o que chamamos de estudalhaço no processo seletivo, dando continuidade após o ingresso do doutor-palhaço.



Há pesquisas<sup>42</sup> que comprovam bons resultados na doença após a passagem do doutor-palhaço no hospital. Aliviamos a tristeza e temperamos o coração com orégano e açafrão, mas, estejamos atentos, nunca é demais repetir: poder é responsabilidade. Cada super-herói tem o seu super-poder, como cada profissional tem sua função. O papel do médico é o de tratar doenças e o papel do doutor-palhaço é o desenhado, dobrado e perfumado.

Esse encontro dialógico entre o doutor-palhaço e o corpo clínico do hospital é fundamental para ambos os trabalhos. Todos saem ganhando, inclusive, abraços apertados. Sobre o diálogo entre culturas distintas, aqui, o artista e o profissional da saúde, Bakhtin (2011, p. 19) afirma que: “Nesse encontro dialógico de duas culturas, elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade aberta, mas elas se enriquecem mutuamente”. O doutor-palhaço pode abrir outras perspectivas na esfera hospitalar.

O enunciado a seguir foi escolhido pela potência de seu discurso:

*Ser para o outro é muito bom. Ser exemplo não só de mãe, mas de ser humano para minha filha.*

A voz que nos fala é uma voz de uma mãe. As figuras de mãe e de pai são as que mais se aproximam do arquétipo de super-heróis para os filhos. A clownidada, como mãe, já está em diferente momento de sua vida. Sabe quando dizem que só quando você for mãe vai entender isto ou aquilo? Porque sendo mãe, não será apenas a filha, mas terá outro sob a sua responsabilidade, esse serzinho que lhe constituirá desde o momento em que necessita de você dentro da barriga. (A propósito, eu ainda não sou mãe! Mas, ouço de todas as mães que eu só vou entender algumas questões quando for mãe. Concordo com elas!).

Este ‘ser para o outro’ é o que ela já faz por sua filha, como, por exemplo, o que ouço de outras mães: deixar de usar brincos grandes para a criança não puxar; desapegar da maquiagem para deixar a criança se lambuzar dela; ir ao banheiro e deixar a porta aberta para que possa olhar a criança; nunca mais ter o mesmo sono;

---

<sup>42</sup> Uma das pesquisas sobre os benefícios dos doutores-palhaços em hospitais se encontra no livro Soluções de palhaços de Morgana Masetti, Primeira edição: 1998. Uma das opiniões médicas que está no livro é que: “O sorriso pode ser o indicador de uma melhora no estado clínico. O médico que valoriza isso dá um melhor tratamento”. (MASETTI, 2008, P. 70).

entre outras coisas que se abre mão para o resto da vida, mesmo quando a criança deixa de ser criança, pois será sempre o filho. Ao final de tudo, dizem, vale a pena.

Como é 'ser para o outro' sendo esse outro um estranho? No caso do voluntário é: deixar a família em casa enquanto se está com outras famílias; deixar de pensar em seus problemas para ajudar o outro a também deixar de focar nos problemas dele; ter os dias de folga para estar em treinamento; usar seu dinheiro para comprar figurino, maquiagem e acessórios... E, ao final, sentir, também, que vale a pena.

O sujeito bakhtiniano é um ser para o outro. Não no sentido de ser voluntário. Quando nos arrumamos em frente ao espelho, nos arrumamos para o outro, primeiro porque é o outro que nos verá por completo, segundo porque o que vemos de nós é diferente do que o outro vê. A partir desse exemplo simples do espelho, Bakhtin (2011) nos aprofunda sobre a concepção de alteridade. Faraco nos ajuda na compreensão dizendo que:

O que fazemos, então, quando em frente ao espelho, à falta dessa efetiva possibilidade (de nos vermos a nós mesmos inteiramente abarcados pelo nosso exterior) é nos projetarmos num possível outro peculiarmente indeterminado, com a ajuda de quem tentamos encontrar em uma posição axiológica em relação a nós mesmos. (FARACO in BRAIT, 2017, P. 43).

FIGURA 32 - ESPELHO, ESPELHO MEU – QUARTO DA MAMÃE



FONTE: Álbum de família (1983).

Eu me construo a partir do que sou para o outro. O trabalho de voluntário é um exercício de alteridade. O trabalho de doutor-palhaço também. Inclusive, a

alteridade do doutor-palhaço pode acontecer a partir da sua relação consigo mesmo e começa nas primeiras pinceladas da maquiagem em frente ao espelho, aonde vou revelando esse outro de mim.

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro. (FARACO in BRAIT, 2017, P. 43).

Para alguns voluntários, eles ‘sentem’ que seu doutor-palhaço está a caminho quando descem do ônibus e entram no acesso ao HEG. Para outros, uma música os remete aos seus palhaços. De qualquer forma, o palhaço precisa ir ao encontro desse outro de si para colorir seu nariz de vermelho – não só figurativamente - e, aí sim, ir ao encontro de outros, no super modo ‘ativar’. Kasper (2004, p. 57) complementa: “Ele precisa do outro para atuar, precisa da cumplicidade do outro, do olhar do outro, atua em relação com o público”.

Voltando para o enunciado da clowndidata, ela afirma querer ser um exemplo de ser humano para sua filha. Exemplo é tirar para fora o que tem dentro e, no caso, expor o melhor de si que, para ela, é o ser humano. O que é ser humano? É, parafraseando o dicionário Aurélio, a espécie animal mais complexa da escala evolutiva. Para Bakhtin, também somos sujeitos complexos. A começar por nossas relações!

Um gato ou um cachorro, quando cismam com algo ou com alguém, não gostam e pronto. Arranham, latem, mordem. Um homem, por mais que fale que é sincero, que não sabe esconder o que sente, precisa, dentro da sociedade, conviver socialmente gostando ou não de algo ou de alguém. Ser humano é tentar compreender essa complexidade de si. Morson diz:

Humanidade demanda um cronotopo que permita agenciamento efetivo e garanta que, a cada momento, o seguinte possa ser mais do que uma coisa. É a vida que importa, nada além da vida – o processo da descoberta, o processo eterno e perene, e não a descoberta em si, afinal. (MORSON in BEMONG et al, 2015, p. 140).

O que a clowndidata quer para sua filha é que ela possa olhar o melhor de sua mãe e seguir seu processo de vida sabendo que existem possibilidades de demonstrar humanidade, como o trabalho voluntário.

E não posso estar antes do meu nascimento nem depois de minha morte. O que faz Bakhtin dizer que “ninguém é herói de sua própria vida”. Somente posso me constituir como herói no discurso do outro, na criação do outro. O outro que está de fora é quem pode dar uma imagem acabada de mim e o acabamento, para Bakhtin, é uma espécie de dom do artista para seu retratado. O acabamento aqui não tem sentido de aprisionamento, ao contrário, é um ato generoso de quem dá de si. Dar de sua posição, dar aquilo que somente sua posição permite ver e entender (AMORIM in BRAIT, 2016, p. 97).

### **\*\* MEDINDO A PRESSÃO \*\***

Sem conclusões ou respostas - não quero resolver nenhum problema, quero mais é instigá-lo. Observo que os clowndidatos, a princípio, foram tímidos em discursos palhacescos, mas, em alguns momentos deram brechas para seus palhaços aparecerem. Cada um mostrou suas primeiras motivações, sendo ‘levar a alegria’ a maior delas. Através da prática artístico-pedagógica do grupo, eles podem compreender um pouco mais sobre o doutor-palhaço e podem aprender a soltarem a franga em seus discursos – e ações. Tivemos nosso primeiro encontro físico por meio de uma oficina que descrevo a seguir.

### **3.2 PRIMEIRO ENCONTRÃO – OFICINA QUE PALHAÇADA É ESSA**

O primeiro encontrão a gente nunca esquece! Esta etapa foi constituída por uma oficina de jogos e improvisos para conhecermos os clowndidatos pessoalmente. Dos trinta e seis inscritos, dezoito compareceram para o encontro. A oficina teve a duração de quatro horas e aconteceu no espaço do Grupo Educacional Itecne, Polo Curitiba-Centro.

FIGURA 33 – PRIMEIRA OFICINA – CURITIBA-PR



FONTE: Jefferson Bertoldi/Especialistas (2004).

No primeiro jogo, pedi que fizessem uma roda redonda e aí já vi quantos palhaços estavam por ali: a roda não ficou redonda, ainda bem! Pedi para que cada um se apresentasse com seu nome e/ou apelido que gostasse de ser chamado e com a primeira letra de seu nome adicionasse uma qualidade boba, - que fugisse daquelas rígidas ditas na ficha de inscrição -, junto de um gesto que o representasse. Surgiu V. de Viada, D. de Doida, C. de Cagada, A. de Atrapalhado, R. de Ridículo, L. de Louca, entre outros que explorarei no próximo capítulo.

Falar dessas qualidades causou riso e foi um quebra-gelo inicial para os próximos jogos e brincadeiras. Foi essencial quebrar a Frozen<sup>43</sup> que existe dentro de cada um... Afinal, estavam participando de um processo seletivo e como disse anteriormente, com toda carga que este termo carrega. Também precisávamos ver a disponibilidade para o jogo de cada um. Seriam escolhidos 15 clowndidatos para a próxima etapa.

Ao fim desta primeira oficina, a Coordenação do grupo, o Conselho e eu nos reunimos para a difícil tarefa de optar pelos quinze que continuariam as demais etapas do processo. No entanto, o processo por si só, acabou sendo seletivo, visto que após conhecerem melhor a rotina do nosso grupo voluntário e todas as responsabilidades, alguns clowndidatos comunicaram que não continuariam no processo. Tivemos, catorze clowndidatos que continuaram a partir dali.

<sup>43</sup> Filme de animação musical estadunidense produzido e distribuído pela Walt Disney. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Frozen\\_\(filme\\_de\\_2013\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frozen_(filme_de_2013))>. Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 20h00.



O palhaço exercita a compreensão de seus muitos eu's. Quem se permite compreender a si pode se permitir compreender melhor o outro? O palhaço amplia seus sentidos de olhar, ouvir e sentir. Amplia para si e amplia para o outro. A experiência palhacesca provoca seus experimentadores a lembrar-nos que somos humanos. Reconhecemos os seres humanos que somos quando nos relacionamos e palhaço é relação. Com si, com o outro, com o mundo. Estudar o palhaço nos oferece no mínimo uma experiência sensível.

Neste primeiro momento seria impossível dizer que transformaria alguém em um palhaço profissional e ninguém usou o nariz de palhaço, mas foi dado o gostinho do brincar. Alves (2016, p. 150) afirma que “[...] para educar bem-te-vi é preciso gostar de bem-te-vi, respeitar o seu gosto, não ter projeto de transformá-lo em urubu”.

Para as práticas, bebi água, sucos e chás... Ah, e bebi das fontes teóricas sobre Jogos de Improviso<sup>44</sup>, Jogos Dramáticos<sup>45</sup>, Jogos Teatrais<sup>46</sup> e Brincadeiras de Infância. Todos adaptados de autores como Viola Spolin<sup>47</sup>, Peter Slade<sup>48</sup>, Ingrid Koudela<sup>49</sup>, Keith Johnstone<sup>50</sup> e/ou de oficinas das quais participei.

O palhaço é por sua natureza um ser improvisador, que constrói uma cena a partir da relação com o outro. Também transforma objetos comuns dando outras

<sup>44</sup> “Os Jogos de Improvisação teatral, ou jogos improvisacionais, constituem-se em exercício teatrais em que um ou mais jogadores-atores executam uma cena de maneira improvisada, ou seja, sem ensaio. A cena pode ser improvisada a partir de breve combinação estabelecida pelos jogadores-atores, ou mesmo sem combinação prévia, partindo-se de uma proposta dada pelo coordenador do processo.” (DESGRANGES, 2011, p. 87).

<sup>45</sup> “O Jogo Dramático, por se tratar de prática largamente difundida em vários países, não se constitui em um sistema rígido, fechado, já que vem sendo, ao longo do anos, experimentado e refeito a partir da experiência de cada professor, em cada país, em função dos seus grupos e de seus objetivos.” (DESGRANGES, 2011, p. 92).

<sup>46</sup> Spolin, tomando por base os jogos de regras, cria um sistema de exercício para o treinamento do teatro, com o objetivo inicial de libertar a atuação de crianças e amadores de comportamentos rígidos e mecânicos em cena. (DESGRANGES, 2011, p. 110).

<sup>47</sup> Spolin sistematiza os Jogos Teatrais (Theater Games), metodologia de atuação e conhecimento da prática teatral, que está presente em todos os fundamentos da atual comédia norte-americana, inclusive no Stand-up comedy. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Viola\\_Spolin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Viola_Spolin)>. Acesso em: 26 de outubro de 2019 às 22h00.

<sup>48</sup> Foi um escritor e dramaterapeuta inglês e um dos pioneiros no estudo do teatro para crianças. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter\\_Slade](https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Slade)>. Acesso em: 26 de outubro de 2019 às 22h00.

<sup>49</sup> É uma escritora, tradutora e professora universitária brasileira, uma das figuras centrais no estudo da didática do teatro e principal desenvolvedora do sistema de jogos teatrais e do pensamento de Viola Spolin em seu país, tendo traduzido toda sua obra ao português. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ingrid\\_Koudela](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ingrid_Koudela)>. Acesso em: 26 de outubro de 2019 às 22h00.

<sup>50</sup> É um encenador cujos ensinamentos e livros concentram-se no chamado Teatro de improvisação e tem uma grande influência na arte da improvisação. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Keith\\_Johnstone](https://pt.wikipedia.org/wiki/Keith_Johnstone)>. Acesso em: 26 de outubro de 2019 às 22h00.



funções a ele, por exemplo, um funil pode servir para ouvir as batidas de um coração, um grampo de roupa pode virar um grampo de cabelo, um penico pode virar um chapéu. Fica um tanto poético! Como diz Alves (2016, p. 239), “a gente fica poeta quando olha pra uma coisa e vê outra. É isso que tem o nome de metáfora”.

As análises desta seção serão a partir dos exercícios propostos por mim aos clowndidatos tendo como premissas o caminhar, o brincar, o olhar, o dançar e o improvisar.

### 3.2.1 O caminhar

O caminhar é uma prática muito comum em oficinas. Caminho é o lugar de passagem! Passagem, aqui, da pessoa civil para a pessoa palhaça. Sem pressa. Com orientação. Uma trajetória na qual descalçamos nossos pés e pisamos em outros planos, de outros jeitos, com outros ritmos. É como se dissesse para seu corpo: chega de inércia, agora vamos mexer e acordar. Seguimos para uma caminhada pelo espaço com um alongamento, para despertar todas as partes do corpo, do mindinho ao fio de cabelo. Pisamos de formas variadas em locais imaginários (areia, pedras quentes, água...), mudamos nossas direções e em seguida, partimos para um jogo no qual eu dizia um número que correspondia a uma ação e cada vez que eu repetia esse número, o clowndidato fazia a ação, sem parar a caminhada. No número 1, todos deveriam falar ‘uhuuuu’ junto do gesto de comemoração. No número 2, todos ririam com gesto de tocar a barriga. No número 3, todos abraçariam o primeiro colega que encontrasse pela frente. Eu, como palhaça que sou, embaralhei bem esses três números até dar nó na cabeça e nos corpos para que a lógica cotidiana fosse aos poucos sendo substituída pela lógica do palhaço de cada um. Após esse exercício, fizemos a velocidade do caminhar de 1 a 5. Como é a caminhada nível 1 e a caminhada nível 5? Quais as diferenças? Quais as sensações? Ao fim, água!

### 3.2.2 O brincar e jogar

Concordo com Alves (2016, p. 258) quando ele diz que “o mundo é para ser brincado”. E neste dia, os clowndidatos brincaram e se esbaldaram. Brincar<sup>51</sup>, etimologicamente, tem origem latina de *vinculum* que tem o sentido de laço. Brincar e criar laços! Por sua vez, *vinculum* é derivada de *vincire* que tem os sentidos de seduzir, encantar. Brincar é encantar.

A brincadeira permite coisas incríveis e maravilhosas! Não sentimentos! Divirta-se convencendo alguém de que você sente alguma coisa sem realmente estar sentindo. O prazer de mentir dará à sua mentira ares de verdade. Todos acreditarão em você. O teatro vive dessa verdadeira mentira. Por que não sentir nada? Para dar liberdade à alegria de fingir, para que não seja embosteada com a verdade. (GAULIER, 2016, p 70).

Sendo assim, partiu criarmos laços encantados entre nós. Iniciamos o brincar com Seu Mestre Mandou, em que eu dizia a frase *a Catavento mandou* junto de uma ação e todos deveriam repetir a ação. No entanto, sem a frase *a Catavento mandou*, ninguém poderia repetir a ação. Essa brincadeira antiga foi mexendo na cachola dos clowndidatos trazendo mais risos, despertando aos poucos a criança que tá lá dentro adormecida. Alves (2016, p. 257) fala: “nossa cabeça, baú entulhado com memórias de felicidades que tivemos. [...] Mas, vez por outra, uma imagem inesperada faz acordar os objetos adormecidos”.

Brincamos de Estátua com músicas dos anos 80 e 90 (faixa etária da infância e adolescência dos clowndidatos). Ao parar a música, o corpo também deveria parar da forma que estava. Separei em duas turmas, uma que ficava como estátua e outra que moldava sutilmente as estátuas e a partir desta nova moldura contavam uma história da cena formada por aquelas estátuas emolduradas.

A próxima brincadeira foi Gato e Rato onde o gato deveria pegar o rato, mas o rato poderia se salvar se encaixasse em outra pessoa. Formavam-se duplas enganchadas e quando o rato enganchasse em uma dessas duplas, o outro, automaticamente virava o gato e quem era gato virava o novo rato. A regra da inversão também valia se o gato pegasse o rato: o rato virava o novo gato. Como somos palhaços, o principal não era pegar ou fugir, mas sim, curtir ser gato e curtir ser rato, o quanto mais tempo pudesse. O palhaço não quer perder o jogo e quer

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/brincar/>>. Acesso em: 03 fevereiro 2020 às 12h00.

ficar em cena o máximo que puder. Ah, claro, os clowndidatos gatos deviam brincar de serem gatos com seus miados e os clowndidatos ratos brincavam de serem ratos com seus chiados. Cada um era o gato e o rato que quisesse.

Brincamos também de Detetive. A brincadeira é todos ficarem em roda de olhos fechados e eu escolhia com um toque o detetive e dois toques o ladrão. O ladrão tem o poder de eliminar um dos colegas com uma piscada de um olho só. O detetive tem o poder de prender o ladrão e então acabar o jogo. Ao abrirem os olhos, caminhavam pelo espaço e eu pedia para que não tivessem medo de se olharem. A regra também era a de que se fosse eliminado, deveria morrer com categoria de palhaço, imaginando que a sala estivesse cheia de câmeras de Hollywood. A cada morte, todos paravam para dar 'luz' à cena de quem estava a morrer, e depois retiravam o jogador.

Os jogos brincantes promoveram o despertar da criança dentro de si e o aflorar do nariz vermelho que mora dentro da gente. Concordo com Alves que afirma que:

Brinquedo não serve para nada. [...] Nada se produziu, nenhuma mercadoria que pudesse ser vendida, não se ganhou dinheiro, não se ficou mais rico. Pelo contrário: perdeu-se. Perdeu-se tempo, perdeu-se energia. É por isso que os adultos práticos e sérios não gostam de brincar. O brinquedo é uma atividade inútil. E, NO ENTANTO, o corpo quer sempre voltar a ele. Por quê? Porque o brinquedo, sem produzir qualquer utilidade, produz alegria. Felicidade é brincar. E sabem por quê? Porque no brinquedo nos encontramos com aquilo que amamos. No brinquedo o corpo faz amor com objetos do seu desejo. Pode ser qualquer coisa: ler um poema, escutar uma música, cozinhar, jogar xadrez, cultivar uma flor, conversa fiada, tocar flauta, empinar papagaio, nadar, ficar de barriga para o ar olhando as nuvens que navegam, acariciar o corpo da pessoa amada – coisas que não levam a nada. Amar é brincar. Não levar a nada. Porque não é para levar a nada. Quem brinca já chegou. (ALVES, 2016, p. 259).

Após a brincadeira do Detetive, coloquei música para que continuassem a caminhada mexendo o corpo e ao parar a música, pedia que se juntassem em grupos (de 3,4, 5 pessoas...) encostando partes do corpo (cabeça com cabeça, cotovelo com cotovelo...). Quem sobrasse, saía do jogo. Com a lógica do palhaço desperta, cada clowndidato 'aprontava' uma artimanha para que não saísse do jogo, afinal, como disse, o palhaço quer jogar. Mais água!

Para um descanso do andar e do correr, fomos para a roda. Ensinei a eles a formarem um elefante, uma girafa e um coelho com o próprio corpo e com o complemento do corpo dos colegas do lado direito e esquerdo. Ao apontar para

alguém e falar elefante, o mesmo deveria fazer a tromba com os braços e os colegas ao lado montarem a orelha do elefante. Ao apontar e falar girafa, o mesmo deveria erguer os dois braços em alusão ao pescoço da girafa e os colegas do lado faziam a perna. E enfim, o coelho, a pessoa deveria fazer os dentinhos e as patinhas do coelho enquanto os colegas complementavam as orelhas.

Ainda em roda, o novo jogo consistia bastante atenção. No entanto, estamos falando de palhaço, por isso, quem errasse não deveria ficar frustrado, ao contrário, deveria sair correndo em volta da roda em comemoração e voltar ao jogo. Lembrando também que o palhaço é 'sincerão', então, se na sua vez titubeou, considere e aceite o erro.

O jogo era: cada um falava um número, iniciando pelo 1 e indo até o 7. Entretanto, quem fosse o número 7 não falava o número, fazia apenas um gesto que significava pular o próximo colega e o posterior voltava com o número 1. Aqui, meu momento malvadeza bateu forte e eu me diverti vendo os clowndidatos correndo sem parar na dificuldade de contarem até 7.

### 3.2.3 O olhar

Lecoq (2010, p. 91) afirma que “a formação do olhar é tão importante quanto a formação da criatividade”. O doutor-palhaço precisa estar com seu olhar apurado. No hospital, cada detalhe pode virar um jogo: o sobrenome do paciente, o tipo sanguíneo, uma camisa de time de futebol... O olhar do palhaço permite ver as coisas por outros ângulos, losangos e quadriláteros. Para Lecoq (2010, p. 217), “Diferentemente de outros personagens do teatro, o clown tem um contato direto e imediato com o público, só pode viver com e sob o olhar dos outros. Não se representa um clown diante de um público, joga-se com ele”.

Pensando nesta premissa, fiz alguns jogos que poderiam trabalhar o olhar. No primeiro, pedi que formassem duas filas, em pares. Um de frente para o outro olhava atentamente para seu colega. Depois, um de costas para o outro. Cada um fazia três alterações em si mesmos. Ao virarem de frente novamente, um tentava notar essas alterações feitas pelo outro, como se fosse um daqueles jogos de achar os sete erros.

Ainda com foco no olhar, em roda, um olhava para alguém da roda e ‘pedia permissão’ de forma sutil, através do olhar, para trocar de lugar com o mesmo. O

que foi convidado a trocar de olhar aceitava o jogo do colega e se retirava, fazendo depois o mesmo com outra pessoa da roda. Aos poucos fui inserindo mais troca de olhares na roda até o jogo requerer cada vez mais atenção com quem nos olha.

### 3.2.4 O dançar

Já dizia o poeta Dorival Caymmi<sup>52</sup>: “quem não gosta de samba bom sujeito não é. É ruim da cabeça ou doente do pé”. Expando aqui para a dança: você pode até não saber dançar (ou até mesmo não gostar), mas, certamente sabe e deve aprender a mexer o corpo. O palhaço quer estar no jogo, seja o jogo de pular cordas, peteca ou dançar a sua dança.

Coloquei várias músicas para tocar e todos dançar. Aquele que sentisse que aquela música era sua vinha para o meio da roda fazer os seus passos e os demais que estavam na roda repetiam a coreografia. Acontecia, às vezes, da música ser identificada por mais de um clowndidato e formava-se um grupo de dançarinos soltando seus quadris. Bakhtin fala que:

Na dança, minha imagem externa, que só os outros veem e só existe para eles, funde-se com o meu ativismo interior orgânico que sente a si mesmo; na dança, tudo o que em mim é interior procura exteriorizar-se, coincidir com a imagem externa; na dança eu me condenso mais na existência, familiarizo-me com a existência dos outros; em mim dança a minha presença (ratificada axiologicamente de fora), a minha sofanidade, o outro dança em mim. Vive-se nitidamente na dança um momento de possessão, de possessão pela existência. (BAKHTIN, 2011, p. 125).

---

<sup>52</sup> “Cantor e compositor brasileiro que cantava os costumes e tradições da Bahia”. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/dorival\\_caymmi/](https://www.ebiografia.com/dorival_caymmi/)>. Acesso em: 19 abril 2020 às 11h37.

FIGURA 34 - PRIMEIRA VALSA – SALA DE CASA



FONTE: Álbum de família (1993).  
Valsa de 15 anos com o papai (*in memoriam*).

O palhaço está no momento presente, vivo e latente. Dançar é entrar na roda da vida, provar de sua existência. O nosso caminhar nos corredores do hospital é uma dança como palhaços. Quando vestimos o nariz nós existimos e r-existimos, ainda mais se o público retribui o olhar, o gesto, o riso, a dança. O palhaço só existe graças a essa relação, a essa dança de olhares, sorrisos, afeto...



FIGURA 35 - BAILA COMIGO – SALA DE ESPERA RADIOTERAPIA HEG



FONTE: Página do Especialistas da Alegria no *Facebook* (2019).<sup>53</sup>

Foto (a partir do vídeo institucional): Daí comunicação integrada/O Homem Máquina vídeo produções.

### 3.2.5 O improvisar

Antes, preciso alertar sobre o que é Improviso. Já ouvi muita gente me dizer: ‘ah, não sabe o que fazer, então improvisa’. Viro um vendaval! Não é nada disso! Improvisação, ao menos no Teatro, requer técnica, treino. Existem grupos que se dedicam exclusivamente às técnicas de Improviso produzindo espetáculos de Improvisação como Os Barbixas<sup>54</sup> e Antropofocus, este último, já citado em capítulo anterior. Ferracini (2003, p. 220) afirma: “O clown improvisa porque deve estar aberto para a relação”.

No primeiro jogo, pedi que formassem grupos de 4 ou 5 pessoas e vendessem para mim um copo de plástico – não que eu fosse comprar, prefiro copos reaproveitáveis! - onde cada um diria uma palavra da frase COMPRE ESTE COPO... Eles continuariam a frase dizendo as vantagens de se comprar o copo, mas ainda com cada um dizendo apenas uma palavra. O divertido do jogo é cada um criar uma palavra esperando que o outro vá completar com o quê você pensou, mas o outro acaba surpreendendo. A ideia era que saíssem mesmo da lógica e pusessem o palhaço para funcionar. Ferracini explica sobre a lógica do palhaço:

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/especialistasdaalegria/videos/816332645483617/>>. Acesso em: 27 abril 2020 às 18h54.

<sup>54</sup> Grupo humorístico conhecido por seu espetáculo de improvisação Improvável, em cartaz nos teatros desde 2007. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cia.\\_Barbixas\\_de\\_Humor](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cia._Barbixas_de_Humor)>. Acesso em: 20 abril 2020 às 19h50.

[...] ele tem uma outra lógica de resolução dos problemas nos quais se envolve. A construção dessa outra lógica cria uma construção de sentido, de jogo, em que ambas as partes se envolvem. Então, o público ri do clown e de si mesmo, pois entrou nesse jogo. E também porque percebe que todas as ações vividas pelo clown podem acontecer com qualquer um. (FERRACINI, 2003, p. 224).

Todos erravam e se divertiam com o erro fazendo com que a plateia também vibrasse e torcesse para que errassem mais. Eu, principalmente! Não é isso uma cena de palhaço? Ninguém quer ir a um espetáculo de palhaços para ver tudo dar certo. A gente quer ver o palhaço cair e se ferrar mesmo, porque a nossa vida real não é capa de revista.

O outro jogo é o Stop / Transforma, em que uma pessoa entra em cena e faz uma ação, - sem falar nada -, e outro entra na mesma cena complementando esta ação. Neste jogo é possível trabalhar a relação com o outro, em que necessita o olhar, a escuta e, principalmente, a aceitação da proposta do outro. Não há jogo se não há aceitação.

É importante dizer novamente que o palhaço não usa a quarta parede, como no teatro. Trabalhamos a triangulação, ou seja, o compartilhar com o público o que está acontecendo, o que está sentindo. O doutor-palhaço fica frente à frente com seu público!

## **\*\* MEDINDO A FEBRE \*\***

Neste primeiro encontro, os palhaços saltaram do papel daquelas fichas sérias de inscrição e brincaram, riram, causaram risadas, mesmo sem o uso do nariz vermelho. Este foi o *start* para a preparação artístico-pedagógica! Os clowndidatos estavam com os fornos pré-aquecidos, agora era só assar.

É imoral tratar outra pessoa como se ela fosse inteiramente conhecida e previsível. Se Bakhtin tivesse um equivalente para o imperativo categórico kantiano, ele seria: trate sempre outra pessoa como “infinalizável”, como excedendo não apenas o que você, de fato, sabe sobre ela, mas também o que qualquer outro poderia saber. (MORSON in BEMONG et al, 2015, p. 130).

Ainda nesta etapa do processo, os clowndidatos tiveram um segundo encontro, mas, desta vez com o Coordenador e o Conselho do grupo para falarem mais sobre o Especialistas a Alegria, por isso, não o coloco em análise. A próxima etapa do processo seletivo chamamos de ESTUDALHAÇO – estudos teóricos, que

aconteceu em paralelo com o OBSERVALHAÇO – visitas à paisana no HEG. Após essas duas etapas, tivemos nosso terceiro encontro, na oficina chamada Metendo o Nariz onde é Chamado, na qual, analiso na próxima gag, digo, no próximo capítulo.

FIGURA 36 - COMO PODE UM PEIXE VIVO VIVER FORA DA ÁGUA FRIA – PÁTIO HEG



FONTE: Regiane Menin/Especialistas (2018).

#### 4 METENDO O NARIZ ONDE É CHAMADO

*Saúde não é ausência de doença,  
assim como alegria não é ausência de conflito.  
É, sim, nossa conexão com nossa potência para olhar o conflito, a doença  
ou o desafio nos olhos e falar:  
Vamos brincar? Vamos encarar?  
Wellington Nogueira*

Nesta seção, analiso a etapa do processo seletivo que denominamos de Metendo o Nariz onde é Chamado, pois é nesta fase que nossos clowndidatos colocam pela primeira vez o nariz vermelho trazendo o nascimento do doutor-palhaço de cada um.

O nosso nariz humano fica vermelho por diversos fatores: embriaguez, alergia, batida no local, choro, timidez, resfriado... É quando estamos vulneráveis e frágeis. Para Ésio Magalhães<sup>55</sup>, palhaço Zabobrim, “o palhaço é aquele que quer acertar, mas erra, porque é tolo, idiota... Tal tolice o faz cair, acertar a cara no chão, chorar, se embriagar, por isso o nariz vermelho”. (Informação verbal)<sup>56</sup>

Também é pelo nariz que respiramos. Respirar é vida! Viver é estar exposto à morte. Morte, para algumas sociedades, ainda denota a fragilidade humana.

Utilizo de dois conceitos bakhtinianos para falar sobre o nariz vermelho e a figura do palhaço. Nariz vermelho é o cronotopo do palhaço, enquanto a figura do palhaço é a exotopia.

Vou iniciar falando da máscara do palhaço. Há algo de mágico quando colocamos essa máscara sagrada. Descubro de forma inesgotável algo de mim que ainda não sabia que podia.

Quando colocamos o nariz vermelho, assumimos o que há de mais frágil e ao mesmo tempo corajoso em nós. Cada nariz é constituído de histórias que se enlaçam e que no espaço-tempo se transformam, surgindo um novo homem: o palhaço. É o outro, dentro de nosso próprio mundo que dialoga com suas tolices num embate que altera a si mesmo, desbravando novas lógicas. (AMORIM, 2004).

Não tem como negar também o cronotopo da história do surgimento do nariz vermelho do palhaço. Existem duas versões e em ambas trata-se de alguém bêbado

<sup>55</sup> Ator, Palhaço e Pesquisador Teatral - sócio fundador do Barracão Teatro. Participou das pesquisas Dramaturgia da Máscara e Dramaturgias Contemporâneas. Disponível em: <<http://barracaoteatro.com.br/>>. Acesso em: 19 junho 2020 às 14h15.

<sup>56</sup> MAGALHÃES, E. **Curso mergulho na menor máscara do mundo**. Barracão Teatro, Campinas, 2018. Informação verbal.

que tropeça e cai. Beber deixa em um estado de embriaguez, em que no sentido figurado tem como um dos significados a alegria, o êxtase. Alguns ébrios parecem ganhar força e poder através da bebida, outros ficam emotivos em demasia, uns se encorajam, outros passam a amar a tudo e a todos. O bêbado cai. O palhaço cai. O palhaço se diverte com sua própria queda. Colocar o nariz vermelho nos faz rir do nosso estado de embriaguez.

O clown não existe fora do ator que o interpreta. Somos todos clowns. Achamos que somos belos, inteligentes e fortes, mas temos nossas fraquezas, nosso derrisório, que, quando se expressa, faz rir. [...] Essa descoberta, da transformação de uma fraqueza pessoal em força teatral, foi de tanta importância para a definição de uma abordagem personalizada dos clowns, para uma pesquisa “de seu próprio clown”, que se tornou um princípio fundamental. (LECOQ, 1997, p. 214).

Quando descobrimos o nosso palhaço, percebemos exotopicamente nossos ridículos, nossas fragilidades e os potencializamos. Por exemplo, se sou tímido, não deixarei de ser tímido por ser palhaço, mas posso brincar com essa timidez elevando ela ‘ao cubo’ materializando no corpo: fala, gesto, olhar, rubor da face. Se sou desastrado, quando palhaço posso exagerar nos tombos, no derrubar de objetos. Se sou bobo ou boba, como eu, me torno ainda mais bobo nas bobices. O palhaço é o espaço para experimentações, aceitações, sem a preocupação de não se enquadrar na sociedade. É aquela parte sua que não se enquadra mesmo. Quanto a esse espaço bakhtiniano, Amorim explica:

O espaço é a dimensão que permite fixar, inscrever o movimento ou, dito de outra forma, a dimensão em que o movimento pode se escrever e deixar suas marcas. A fixação é o resultado de todo trabalho de objetivação, seja científico ou artístico, pois esse trabalho distingue dois sujeitos e duplica seus respectivos lugares: o daquele que vive no instante e no puro devir e o daquele que lhe empresta um suplemento de visão por estar justamente de fora. (AMORIM, 2006, p. 101).

Meu jeito de andar torto, na figura do palhaço, é exposto. Meu tique nervoso de piscadelas, no palhaço, vira charme. O palhaço, por meio de seu jeito, vai deixando sua marca. É o seu olhar puro e ingênuo das coisas que o rodeiam e que alimentam o universo de cada palhaço. Para mim, um rolo de papel higiênico pode ser um véu de noiva. Para outro palhaço, o mesmo rolo de papel higiênico vira um peso de musculação. As coisas se transformam de acordo com minha própria

história. Cada palhaço vê de fora tudo o que é e potencializa a partir de sua vivência.

Puccetti afirma:

Assim, o palhaço não tem uma forma fixa e definida, ele é um conjunto de impulsos vivos e pulsantes, prontos a se transformarem em ação no espaço e no tempo. Esses impulsos se concretizam ou se manifestam sempre obedecendo três parâmetros: a lógica do palhaço, entendida como sua maneira de “pensar” (o agir e o reagir com seu corpo); a interação com cada indivíduo do público e o jogo estabelecido entre palhaço e público. Entendo jogo como as pequenas idéias, as micro-situações e relações criadas entre palhaço e público a partir da interação do repertório do palhaço com as reações do público. Essas pequenas relações permitem que o palhaço traga o público para o seu universo, conduzindo-o através de sua atuação. (PUCETTI, 2012, p. 122).

O homem é espreitador e refletidor. Calma, eu explico: o palhaço espreita a vida de seu autor tanto quanto reflete um novo olhar que vem de sua máscara e produz visões de vida à sua maneira. É a assinatura do palhaço. Para Amorim (2006, p. 101), “[...] assinatura em Bakhtin é algo que designa a singularidade do autor na relação de alteridade colocada por um dado contexto social. Ela é, ao mesmo tempo, originalidade e responsabilidade. [...]”.

A seguir, analiso a roda de clownversa que aconteceu na oficina Metendo o Nariz onde é Chamado em que todos deram voz à pergunta: *Por que quer ser voluntário no hospital como palhaço?* Adiante, analiso o experimento de colocar o nariz vermelho pela primeira vez e exibi-lo nas ruas de Curitiba. Vamos lá?

#### 4.1 RODA DE CLOWNVERSA

Bakhtin (2018) observou em sua análise literária que um dos motivos que constituem o enredo em diversos gêneros e diversas épocas é o motivo do encontro, no que ele considerou o mais importante.

Em qualquer encontro [...], a definição do tempo (“num mesmo tempo”) é inseparável da definição do espaço (“num mesmo lugar”). [...]. A unidade indissolúvel (mas sem fusão) das definições de tempo e espaço tem no cronotopo do encontro um caráter elementar, preciso, formal e quase matemático. [...] (BAKHTIN, 2018, p. 28).

Neste encontro que chamo de roda de clownversa, compartilhamos mais do que respostas. Partilhamos reflexões acerca do doutor-palhaço voluntário de hospital.



Por uma questão de dinâmica do diálogo, descrevo a clownversa interferindo nos enunciados com a Análise Dialógica do Discurso.

A linguagem é essencialmente cronotópica como um acervo de imagens. É cronotópica a forma interna do discurso, ou seja, aquele sinal mediador por meio do qual os primevos significados espaciais se transferem para as relações temporais (no sentido mais amplo). (BAKHTIN, 2018, p. 228).

Optei por colocar os discursos na íntegra por compreender que aqui na pesquisa também é um espaço de diálogo. Esses discursos podem dialogar com você, leitor, em diversos sentidos, não se esgotando por minha análise. Também intitulei cada discurso com a primeira letra do nome deles mais a qualidade ridícula que trouxeram na primeira oficina ministrada por mim no processo seletivo a partir de um jogo de apresentações explicitado em capítulo anterior nesta pesquisa.

A tensão em Bakhtin não é algo negativo nem algo a ser superado. Ao contrário, ela é constitutiva da criação humana, porque ela é o que atesta a presença do outro, daquele que não se identifica comigo, daquele que me escapa e a quem minha palavra se dirige. (AMORIM in BRAIT, 2016, p. 111).

É importante lembrar que a roda de clownversa aconteceu no início da terceira oficina que ministrei durante o processo de seleção, ou seja, o meu cronotopo de Dra. Catavento era o da palhaça preparadora artística, que já está no hospital atuando como doutora há alguns anos e tem algumas experiências a compartilhar, enquanto o cronotopo dos clowndidatos ainda estava sob nossa ótica, sendo avaliados e cientes dessa avaliação, por isso, cada um contou sua experiência com a linguagem do palhaço e com o voluntariado a partir deste cronotopo, o que possibilita diversos sentidos trazendo à pergunta norteadora um universo de respostas (MORSON in BEMONG et al, 2015, p. 76).

A maioria dos clowndidatos já havia passado pela etapa de Observação, realizando a visita no hospital à paisana – sem o nariz de palhaço – e já haviam cumprido algumas das atividades que lhes foram encaminhadas via aplicativo *on-line*.

Sem mais pernalongas, digo, delongas, vamos aos enunciados.

#### 4.1.1 M de Maluca

*É assim... no meu caso, eu escolhi. Escolhi não! Eu queria ser voluntária de qualquer maneira, de qualquer jeito, assim, e eu procurei... procurei... e o palhaço, acho que tá dentro de mim. Assim, uma coisa que... assim... assim... Ah, eu não sei explicar, mas, é... a gente é meio palhaço. Eu sou um pouquinho mais, então eu queria fazer um trabalho com isso, queria aproveitar isso que tenho, um pouco de palhaço, para ajudar as outras pessoas. E uma coisa que pensei um pouco na sua pergunta é que será que a gente não tá se escondendo um pouco atrás da roupa e nariz de palhaço? E eu penso que não, no meu caso, não, eu não tô me escondendo, eu quero mais é aparecer pra ajudar alguém, mais ou menos isso.*

A *M de Maluca* preferiu aprender a ser louca, uma maluca total na loucura geral, tal qual a música *Maluco Beleza* de Raul Seixas<sup>57</sup>: “enquanto você se esforça pra ser um sujeito normal e fazer tudo igual...”, afinal ela não apenas escolheu ser uma palhaça voluntária, mas, mais que isso, ela quis. O querer foi mais forte que o escolher. Mais do que a opção, veio a busca, a procura por. Mais do que respostas, são as dúvidas. Mais do que a chegada, é o caminho. E esse caminho, assim como o poeta Raulzito, ela mesmo escolheu.

Mas por que o palhaço lhe escolheu? Ela sente que há um palhaço que habita nela de forma latente e ela o acolhe. Para Dunker & Thebas (2019, p. 32), “o palhaço acolhe a vida como ela é, em toda a extensão de sua miséria e com toda a ficção que ela comporta”. É algo inexplicável. Há coisas que não precisam fazer sentido, mas precisam ser verdadeiras, afinal a bagagem do palhaço é a sua própria vida.

Ela enxerga na figura do palhaço uma figura humanizada, para ajudar o próximo. De fato, Dunker & Thebas (2019, p. 31) sugerem que “palhaços têm uma espécie de função social”, afinal a linguagem do palhaço tem o poder da imaginação, criação e re-criação a partir do que lhes é dado. Nada mais humano que soltar a franga, tirar o pé do chão, viajar na maionese, sacudir a poeira e deixar a vida te levar.

---

<sup>57</sup> Raul Seixas é um cantor, compositor considerado pioneiro do rock brasileiro. Um de seus hits de sucesso dos anos 70 e 80 foi *Maluco Beleza*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Raul\\_Seixas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Raul_Seixas)>. Acesso em: 10 outubro 2019 às 20h09.

No entanto, ao nos adultermos, nos colocam dentro de caixinhas e esquecemos dessa nossa humanidade. O nariz vermelho vem para nos lembrar de que ao soltarmos a franga ela pode cair em cima de nós; ao tirarmos os pés do chão, podemos levar um tombo; ao viajarmos na maionese, podemos nos afogar com a batata; ao sacudir a poeira, podemos pegar uma rinite; ao deixarmos a vida nos levar, nos daremos conta que ela tem um fim e, no entanto, estamos vivos, presentes e em movimento. Está tudo bem se tudo isto acontecer, pois a vida é dialógica! Quem ri por último, pode até rir melhor, mas quem ri do início ao fim, encontra sentidos da tão desejada alegria. Nós, palhaços, podemos provocar a alegria no outro, seja pelo outro ou por nós mesmos. Masetti afirma:

[...] só a alegria nos aproxima da ação. A capacidade de exercitar essa potência interna é, em si, um importante indicador de saúde. Por meio dela buscamos bons encontros que favoreçam a ampliação de nossa potência e liberdade. (MASETTI, 2015, p. 34).

A *M de Maluca* também acredita que todos têm um pouco de palhaço dentro de si. De médico, louco e palhaço todo mundo tem um pouco. Todo mundo tem uma receitinha básica para uma dor de barriga, todo mundo dá uma surtadinha de vez em quando e todo mundo, às vezes – ou sempre –, é meio ridículo. Algumas pessoas conseguem se manter a salvo do processo de adulteramento – se tornar adulto condicionado – aí, essas têm um palhaço por inteiro. Não digo se isentar de ser uma pessoa responsável, isto é necessário, mas não precisamos ser quadrados. Não temos como ser perfeitos, os erros acontecem, os cabelos se descabelam.

Controlar em si não é algo que possamos nem devamos evitar. Existem formas de controle que são necessárias para o bom funcionamento da sociedade, mas inclusive a sociedade reconhece a necessidade do carnaval, a importância de perder o controle, a farra desenfreada, o caos e a loucura. (DREAM, 2018, p. 193).

Só precisamos nos lembrar de que somos vulneráveis. A morte nos mostra isto. Como tenho dito, há um palhaço dentro de nós, talvez escondido na Ilha da Bobeira, que insistimos em tentar derrubá-la ou escondê-la, já que não nos permitimos errar ou sair dos padrões. Alex Navarro nos lembra de que:

Então... todo mundo pode ser um clown? Não, se pensarmos em termos profissionais. [...]. Muitos empreendem essa viagem até o seu clown para viver uma experiência insólita, superar medos, melhorar seu sentido de

humor, ou simplesmente, para de desinibir e se divertir. (NAVARRO in DREAM, 2018, p. 19).

No caso dos doutores-palhaços do Especialistas da Alegria, vale enfatizar que somos voluntários e não profissionais remunerados, entretanto, há uma responsabilidade com a esfera artística e com a arte do palhaço, principalmente porque estamos atuando na esfera hospitalar.

A clowndidata questiona a si mesmo se ao usar o nariz vermelho e as roupas de palhaço não estaria se ‘escondendo’ e ela mesma afirma que em seu caso, estaria se expondo, pois seu intuito é ajudar o próximo com sua exposição. Ao se esconder, podemos dizer que não é o palhaço que está ali, mas um personagem. O palhaço expõe toda sua vulnerabilidade. Expor esta vulnerabilidade no hospital, como um tolo doutor-palhaço, gera conexão com os pacientes que estão também em condição vulnerável.

#### 4.1.2 S de Sem-vergonha

*Então, eu quando descobri o ser palhaço de hospital, né, foi por causa do filme lá do Patch Adams, né, e aí depois de um tempo fiz um curso, um curso não, um mapeamento de talentos. Aí, daí nesse mapeamento saía mil coisas assim, né, e daí lendo ali: ‘credo, isso não, isso não, isso não, isso também não, isso menos, né...’ Aí, de repente, chegou uma parte lá que apareceu voluntariado, palhaço de hospital, essas coisas assim, né. Aí eu falei: ‘credo, né!’ Mas, como eu tava fazendo aquilo pra... procurando o quê que eu ia ser quando crescesse, né, falei: ‘credo, quem que ganha dinheiro sendo palhaço, né?!’ Essa foi a minha... o meu primeiro pensamento naquela hora. Assim... aí eu deixei aquilo, né, mas ficou aquela... aquela coisinha lá, piscando lá atrás, né, Aí, depois quando eu vi o filme e tal, eu falei assim: ‘ai que legal, né?!’ Aí, comecei a entender como era um pouquinho o trabalho e tal, daí eu falei assim: ‘mas, poxa, aqui no Brasil, né’, eu só conhecia na época o Doutores da Alegria e os Doutores têm formação cênica... eu falei: ‘mas eu não tenho isso, então, não dá pra ser...’ Aí, tá, aí ficou guardadinho lá numa gaveta, né... Aí, tá, aí... Em 2012 que daí eu conheci, né, não lembro... porque não lembro o quê tava procurando na internet... Na verdade, não tava procurando nada na internet... tava fazendo um outro curso de coach... aí, um dos coachs era super sério assim, né... É uma pessoa que parecia uma paisagem assim, né e aí, um dia,*

*agreguei ele no Face, daí ele com nariz de palhaço, aí, assim, como né? Da onde? O quê que ele tá fazendo com esse nariz? E daí, eu vi que ele tava... Ele era um voluntário de doutor-palhaço no México, aí eu comecei procurar lá no Face dele... Aí, eu vi o doutor-palhaço lá no México e, daí, me inscrevi pra ser voluntária e é uma das coisas que eu mais gosto de fazer. Assim... eu acho muito bonito, porque não é se esconder atrás de um personagem. É como a companheirinha tinha falado mesmo, a gente já tem isso dentro, né, então, é só deixar sair, deixar exagerar mais, né. E, às vezes, a gente vai, né, pro hospital achando que vai fazer um bem pra pessoa... A gente acaba sendo beneficiado, né. Às vezes, a gente que trabalhava muito com criança, lá, às vezes, achava que ia fazer o bem pra criança, acabava fazendo o bem pra família, né, então, é uma maneira diferente de ajudar e é muito produtivo e é muito gratificante.*

Já dizia alguém por aí que ‘vergonha é algo que dá e que passa’ ou ainda ‘vergonha é roubar e não poder carregar’. Com a vergonha em alteridade e roubando podendo tudo carregar, a *S de Sem-vergonha* vem para mostrar como o sujeito não precisa se avexar na hora que tudo mudar. Ela teve como principal referência para palhaço que atua em hospital, o filme do Patch Adams – o amor é contagioso. O filme é de 1998 e conta a história de um estudante de medicina que utiliza de métodos diferenciados para atender os pacientes. Um desses métodos é colocar o nariz vermelho. Aqui precisamos diferenciar o Patch Adams do grupo Doutores da Alegria. O primeiro está na esfera da saúde e é pioneiro na discussão da humanização na mesma. O segundo é um grupo que está na esfera artística e que é pioneiro, no Brasil, em levar a linguagem do palhaço na esfera hospitalar. Patch Adams é um médico que usa da linguagem do palhaço. Doutores da Alegria é um grupo de palhaços que brincam – responsavelmente - com a linguagem médica. Vale dizer que esta clowdidata tem formação na área da saúde.

Ela conta que fez um teste profissional e que entre tantas opções de profissão, das quais ela respondeu negativamente, surgiu a opção de trabalho como palhaça voluntária no hospital, o que também causou estranhamento. Esse estranhamento é demonstrado no discurso por diversas vezes a partir da interjeição ‘credo’. A expressão provém de outra expressão, a ‘cruz credo’, que seria uma invocação de proteção, descendida de termos católicos, mas usada não só por católicos.

Em 2018, surgiram alguns *memes* nas redes sociais que bombaram nos *posts* dos usuários: ‘*Deus me livre, mas quem me dera!*’, ‘*Credo que delícia!*’ - aliás, Credo que Delícia virou título de uma música gravada pelo cantor e compositor brasileiro Mc Kevinho – e o ‘*Deus me livre, mas quem me dera inclusive quero, porém depende*’. Viva a alteridade que habita na *Internet*! Coloco esses exemplos, pois eles mostram o quanto somos uma mistura de sentimentos. A clowndidata ficou surpresa com o resultado do teste pedindo inclusive uma ‘proteção’ em seu Credo, mas ao mesmo tempo afirma que isto ficou guardado em sua memória e que ela cogitou ser palhaça de hospital, principalmente após assistir o filme.

Entretanto, outra surpresa é pensar no lado financeiro desta profissão. A profissionalização do doutor-palhaço ainda é recente se comparada a outras profissões. Tanto que a clowndidata, na época, só conhecia o grupo Doutores da Alegria.

Ansiar por uma profissão é comum. Desde crianças ouvimos ‘o que você vai ser quando crescer?’. Se a resposta então for ‘palhaço’, é possível ouvir um ‘cruz credo’ que pode ser acompanhado de um ‘que delícia, só que não’.

Adiante, acontece um encontro na vida da *S de Sem-vergonha* que muda o seu rumo e o seu ‘credo’ em relação aos doutores-palhaços de hospital. Masetti fala dos encontros que nos modificam:

Se pensarmos em nossas vidas como estradas que formamos ao caminhar, nos lembraremos de encontros, alguns agitados, outros silenciosos, que mudaram direções, construíram novos caminhos e nos tornaram os seres humanos que hoje somos. (MASETTI, 2008 p. 13).

E de cruz credo e credo em cruces, o palhaço se tornou a reza da *S de Sem-vergonha*. Morson (in Bemong et al, 2015, p 120), em seus estudos sobre o cronotopo de Bakhtin afirma que: “a natureza das coisas está sempre mudando, mesmo que levemente, de momento a momento, de maneiras, em princípio, imprevisíveis, até mesmo para a Mente Divina”.

#### 4.1.3 A de Aloprada

*Eu... eu quis ser palhaço, porque, assim, na verdade, o palhaço desde criança sempre me remete à alegria, então, sempre amei ir no circo. Eu sempre ri do*



*chute na bunda do palhaço, então, o palhaço, sempre, mas, sempre me trouxe alegria. Mas eu fiz a pedagogia hospitalar e na pedagogia hospitalar no Hospital do Trabalhador todo mundo também se vestia de palhaço, daí meu filho teve meningite e quando fiquei no Pequeno Príncipe eu resolvi ser voluntária no Pequeno Príncipe. Eu não vi palhaço no Pequeno Príncipe e daí, eu fui! Eu sou professora, pedagoga, psicopedagoga, o quê que eu posso ajudar? Vamos fazer Contação de História! Eu não sei tocar violão, não sei música, e fiquei quatro anos no Pequeno Príncipe como contadora de história e nas contações de história, palhaça né, que era um jeito de transmitir alegria. Sempre palhaço me lembra de alegria. Quando a gente fez observação agora, que eu estava com doutor Pequeno e com você, né, foi você? Mas, tinha, tinha uns estudantes estagiários... Eles eram estudantes, acho que da faculdade Dom Bosco, enfim, chegou lá uma menina, olhou pra gente, se... o rosto dela se... desesperou! Chegaram duas estagiárias na frente dela: “para de olhar”, “não olha”. Ela tinha pânico do palhaço e eu falei assim: gente, eu nunca parei pra pensar... que o palhaço me transmite tanta alegria que como que o palhaço pode causar pânico em alguém! Ela não queria ver o palhaço, ela falava “sai daqui”, “sai daqui” e as meninas na frente dela “para de olhar”. Só que eles estavam dando atenção para uma senhorinha que estava sentada do lado que tava amando, que tava rindo, que tava amando, conversando, que tava pedindo que conversassem com ela, então, eles, né, os palhaços originais, eles nem se tocaram e eu muito observadora atrás olhando aquele desespero daquela menina e querendo fazer alguma coisa, mas não dava porque eles estavam bem entretidos e a senhorinha estava amando aquilo e ela encolhida, assim, eu falei: gente, tem gente que tem pânico! Então, calma aí, e vamos repensar, esse negócio traz alegria pra mim, né, pode ser que, né... aí veio umas coisas assim, né, e eu sempre escolhi palhaço por causa da alegria. Eu amo palhaço e não consigo entender, vou ter q estudar sobre isso como que alguém não gosta e tem medo de...*

Aqui, a maluquice é caminhar ‘contra o vento, sem lenço, sem documento’, só na Alegria, Alegria<sup>58</sup>, tal qual a canção de Caetano Veloso<sup>59</sup>. Caminhar contra o vento é caminhar ao contrário de padrões, como o palhaço. Estar sem lenço é estar

<sup>58</sup> Música de Caetano Veloso. Você pode ouvir em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WL8l8olaMml>>. Acesso em: 19 abril 2020 às 12h11.

<sup>59</sup> “Músico brasileiro, um dos criadores do Movimento Tropicalista no Brasil”. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/caetano\\_veloso/](https://www.ebiografia.com/caetano_veloso/)>. Acesso em: 19 abril 2020 às 12h11.

em liberdade, como é o estado do palhaço. Estar sem documento é não estar identificado com uma sociedade que te rotula. Essa alegria é libertadora. *A de Aloprada* vê no palhaço o maior símbolo da alegria.

Alegria traz o riso. O riso mexe com nosso corpo como cócegas no estômago. Sacudimos, fazemos barulho, careta, perdemos o ar. São quantos músculos que mexemos para um sorriso? Nosso rosto cria marcas do riso. Marcas essas realçadas na maquiagem do palhaço (claro que outras marcas, inclusive a tristeza, também podem ser realçadas na maquiagem! Cada palhaço escolhe sua marca, sua história).

*A de Aloprada* diz que sempre riu com o chute na bunda do palhaço. Quando um homem, em público, tropeça e cai, gera o riso aos que estão ao seu redor e viram a cena. (BERGSON, 2001).

Segundo Bergson (2001, p 7), “riem porque ele sentou no chão involuntariamente. Portanto, não é sua mudança brusca de atitude que provoca o riso, é o que há de involuntário na mudança, é o mau jeito”.

No caso, um chute na bunda, não foi uma queda involuntária, mas certamente (apesar de ser uma *gag* ensaiada e combinada) ninguém quer levar um chute. Ver alguém ingênuo e idiota levando esse chute - ainda mais na bunda! -, como se ele fosse, na expressão popular, um bunda-mole, faz rirmos maliciosamente. Talvez haja um fundinho de maldade ou talvez nos reconheçamos com o bunda-mole que se deixa levar o chute ou talvez nos reconheçamos com quem se aproveita da bobice alheia e dá um belo de um pontapé. De qualquer forma, o riso vem quando vemos aquele corpo cair.

O que a vida e a sociedade exigem de cada um de nós é uma atenção constantemente vigilante, a discernir os contornos da situação presente, é também certa elasticidade do corpo e do espírito, que nos dê condições de adaptar-nos a ela. (BERGSON, 2001, p. 13).

A bunda é a parte do corpo menos exposta no cotidiano. Quando exposta, causa furor, crítica, censura. Exceto no Carnaval, onde musas desfilam suas fantasias brilhantes e suas bundas exuberantes. Seria uma afronta um chute na bunda de uma passista de Escola de Samba. Por que na bunda do palhaço pode? Porque o próprio palhaço se permite, se joga, expõe sua bunda à tapa e ao chão.

Chico Buarque<sup>60</sup>, na canção Piruetas, poetiza vários tombos do palhaço e o público pedindo bis, como neste verso: “sobe ao céu, fura a calota e tomba de bumbum, que a patota grita: mais um!” Vemos no palhaço toda fragilidade humana e nos identificamos. Do palhaço rimos, porque talvez saibamos que ele é aquele que se levanta desse tombo-tapa-chute como se nada tivesse acontecido e está pronto para mais um tombo. Assim como tantos tombos que a humanidade leva, mas esperançosamente se levanta. Só ninguém ouse tocar no nariz do palhaço. Ele é o curativo das dores humanas. O nariz do palhaço é sagrado como a bunda da passista.

E, no hospital, o que causa o riso do paciente ao ver o doutor-palhaço? Como *A de Alopada*, muitos veem no palhaço o sentido de alegria. É ridículo ver um doutor, com roupas e maquiagem estrambólicas, usando trocadilhos de termos médicos e propondo exames nada convencionais. Atitudes essas que fogem do cotidiano de um médico de verdade. Aqui, o chute na bunda pode ser substituído pela injeção falsa no miolo mole do outro palhaço. De qualquer forma, ver o outro (palhaço) ‘se ferrar’ é prazeroso. É como se o meu estado no hospital fosse amenizado pela falsa dor do outro. Talvez, para o paciente, seria como se, por instantes, sua dor também fosse de mentirinha.

*A de Alopada*, a partir de uma experiência pessoal, começou a fazer um trabalho de voluntariado. Ao perceber que sua figura predileta estava ausente no hospital, tratou de ela mesma ser a palhaça. Para Bakhtin (2017, p. 58), “o indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio”. Por isso, ela escolhe a figura do palhaço, que é o seu símbolo de alegria, para doar o que sabe fazer: contações de história. No seu entendimento, um hospital precisa da alegria do palhaço.

A personagem cômica muitas vezes é uma personagem com a qual começamos simpatizando materialmente. Quero dizer que por curtíssimo tempo os pomos em seu lugar, adotamos seus gestos, suas palavras e seus atos, e, se nos divertimos com aquilo que nela há de risível, também a convidamos, em imaginação, a divertir-se conosco: começamos por tratá-la de companheira. (BERGSON, 2001, p.144).

---

<sup>60</sup> Músico, dramaturgo e escritor brasileiro. O cantor e compositor participou ativamente contra a repressão do regime militar. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/chico\\_buarque/](https://www.ebiografia.com/chico_buarque/)>. Acesso em: 20 abril 2020 às 21h38.

Em uma de suas visitas na etapa Observação, ela presenciou uma cena de coulrofobia – palavra estranha para denominar pessoas com medo de palhaço. Nesses quatro anos de atuação, só presenciei uma única paciente com esse medo. No entanto, a coulrofobia em si não é rara. Para *A de Alopada* é algo a se tentar compreender, visto que seu horizonte não é o mesmo que o da pessoa que mostrou pânico da figura do palhaço. É interessante notar que os doutores-palhaços não perceberam o medo já que interagiam com uma senhorinha que estava adorando a visita. Entretanto, o olhar do palhaço deve ser o olhar de algumas espécies de aranhas: oito olhos! Não têm bola de cristal, mas tudo veem. Eu, Catavento, não estava presente neste dia, mas compreendo que às vezes estamos em imersão com um paciente e podemos, sim, nos deixar escapar algumas situações. Por isso, de tempos em tempos, refazemos a etapa do Observação para quem já atua como doutor-palhaço no grupo, para podermos ver no outro o que podemos melhorar em si.

Voltando ao caso de medo *versus* alegria podemos refletir sobre o sujeito bakhtiniano, de acordo com Renfrew (2017, p. 160): “sujeito encarnado na eventicidade do seu ser, agindo e falando a partir do seu lugar (e momento) próprio no ser, único e irreiterável”. Em seu cronotopo! Renfrew (2017, p. 160) continua: “o indivíduo pode ocupar apenas este espaço e este tempo, enfatizando, portanto, a qualidade única, irreiterável de seu enunciado”.

A própria clowndidata pôde, a partir de seu observação, repensar sua identificação do palhaço com o sentimento de alegria. Por isso, o palhaço de cada um também possui seu próprio horizonte e suas formas próprias de agir, pensar e fazer rir... Ou não! De acordo com Achcar:

Um palhaço de hospital também atua quando não faz rir e nós compreendemos isso quando estamos numa situação como esta. Quando um palhaço, no contexto hospitalar, se coloca dessa forma no seu trabalho, ele está trazendo para alguém toda a beleza e toda a esperança, mas também toda a fragilidade e toda a inconstância de ser humano. Não há nada a fazer, mas podemos esperar juntos por um momento em que as coisas estejam melhores. É isso que quer dizer a atitude silenciosa do palhaço. (ACHCAR, 2007, p. 16).

#### 4.1.4 V de Viada

*Tem alguns palhaços que eu não gosto do perfil do palhaço... isso, eu não gosto dessa ridicularização... eu não gosto assim, eu acho muito agressivo e nunca fui... é demais assim, não? Eu gosto, assim, palhaço palhaço, sabe? Inocente! Ah aquele... então, o que me remete o palhaço dentro do hospital, mais ainda pra quem não teve a oportunidade de ir, que a gente foi ali no Hospital do Idoso, mais ainda essa linha, mais ainda... Eu já tinha uma vertente de fazer, de estar dentro do hospital, porque eu tive uns problemas meus pessoais. Eu queria transformar isso. Quando nós conversamos, há muito tempo atrás, ela falou: V., você tem essa energia, vamos mudar essa energia, achar o palhaço da tua energia, do teu palhaço. Aí, quando voltei pra dentro do hospital eu falei assim: ai, eu não vou aguentar... Gente, tranquilo! Daí eu consegui enxergar tudo isso e mais ainda com os idosos, que é a minha paixão, então ali casou pra mim. Casou de uma tal forma e até eu comentei com você a respeito de fazer meu TCC da minha pós e eu quero nessa... nesse... nesse meio, mas é alegria também que me remete, só que agora... agora eu já tenho o palhaço pra mostrar... o que é aquela outra coisa que é o que eu quero, daí, eu como eu estou olhando... isso... tranquilidade! Sabe aquele negócio, aí é outra vibe, mas admiro muito o palhaço que tem energia que tem, acho que cada um tem bem certinho um jeitinho de fazer e como fazer e, daí, sempre cai nessa questão: não expor o outro, não ridicularizar... Tudo isso eu não gosto e eu acho, às vezes, que tem uns palhaços que são, sabe, sisudos... palhaços mais antigos... Não sei o nome daqueles palhaços antigos, bem mais antigos. [...]. É isso, eles são mais sisudos, sabe, eu gosto de coisas mais leves, mais suaves e tal, então é isso, quero leveza, suavidade, conforto, essa questão visual... me apaixonei pela questão de como as pessoas idosas veem os palhaços do... daquela outra forma... então, eu sou do lúdico, sabe, daquela tranquilidade. O palhaço tem isso: não precisa sair pulando, fazendo palhaçada, não é isso, gente, não é isso. É talvez a pessoa olhar pra você, enxergar em você, na tua forma de olhar, na tua forma de... sabe, você, assim, na simplicidade, assim, não é isso... É o que a Figurinha (uma das doutoras-palhaça veterana do grupo) é, cara, a Figurinha não tem tudo assim, mas ela é! Lembra o relato dela quando ela fala como que ela tava? Então, é isso, eu vejo essa doçura... essa... e cada um tem a sua vibe... É a mesma coisa que a energia e que a vibe que o Jefferson (coordenador do grupo) tem. Ele é maravilhoso.*

*Ele é muito ligeiro. Ele é muito... muito... é muito... ele é muito muito mesmo! Então, é isso, sabe, eu acho que é demais, é demais eu queria um... só um pedacinho, mas eu vou achar o meu , tenho certeza.*

V de Viada chegou abalando com sua qualidade viada de ser, apontando, segundo ela, que é porque gosta de coisas extravagantes. Ela inicia sua fala emendando com a fala da amiga A de Alopada, dizendo que tem alguns tipos de palhaços dos quais ela não se identifica e não gosta. Um desses tipos é aquele que aponta o ridículo do outro, de alguém da sua plateia. Eu acredito que esse não seja o melhor exemplo de palhaço. Thebas confirma:

Os comediantes e os humoristas nos fazer rir com eles. De uma piada que eles contam, de um personagem que interpretam. Já os palhaços nos fazem rir deles. De como eles são tontos, de como são ridículos, de como são palhaços. (DUNKER & THEBAS, 2019, p. 68).

Os palhaços apontam seus próprios ridículos e seu público ri ao se identificar. O doutor-palhaço do Especialistas da Alegria gosta mesmo é de exaltar seu público, que é um público diferenciado do de teatro, circo ou rua. Público esse, vítimas do câncer, que muitas vezes se encontra com além da dor física uma auto-estima baixa por consequência do tratamento.

Não precisamos usar o outro para rir do seu ridículo quando já somos ridículos o suficiente para rirmos – e fazermos o outro rir - dos nossos próprios ridículos. A preparação artística também pode fazer nos encontrar com essas nossas ‘ridiculezas’ – sutilezas ridículas, como por exemplo: um pescoço muito comprido, umas pernas de saracura, uma voz fina demais. Essa é a abordagem da técnica da Escola de Lecoq. Wu (2019, p. 89) descreve que: “essa descoberta de como fraquezas pessoais podem ser transformadas em força dramática foi a chave para o aperfeiçoamento de uma abordagem clownesca pessoal relacionada ao encontro com o próprio clown”.

Vale lembrar que estamos falando de não-atores e profissionais de diversas áreas, uma das coisas que nos difere da Escola de Lecoq. Concordo com suas técnicas, mas também, por essas diferenças, fizemos algumas abordagens de formas diferenciadas.



V de Viada sente que a *vibe* de sua palhaça é diferente da *vibe* de outros palhaços e confessa querer logo encontrar o seu 'jeitinho'.

[...] os caminhos não aparecem se não houver um aprendizado como forma de compreender que existe um meio para se chegar na qualidade clownesca que é apreendida pelo aprendiz, não delineado como porta de saída, mas como porta de passagem expressiva para adentrar o estado liminar do território cômico. (WUO, 2019, p 88).

Ainda que a clowndidata não tenha praticado, observar a ação dos palhaços à fez refletir sobre sua própria palhaça. O 'jeitinho' aparecerá com a prática. É interessante que ela chega, no primeiro encontro, afirmando gostar da extravagância, por isso se chama de Viada, mas, acaba se reconhecendo mais (ou querendo ser reconhecida) com a leveza. Relembrando do salto que tivemos do primeiro encontro, onde cada um falou dessa qualidade ridícula, e deste novo encontro após vários estudos teóricos sobre o doutor-palhaço que atua em hospital, a clowndidata pode ter compreendido que certas extravagâncias, no hospital, talvez não caibam.

Ela diz que palhaço não é sair por aí fazendo palhaçada, talvez por ter visto tanto chute na bunda do palhaço no Circo, como a outra colega, e não ter visto essa *gag* no hospital. De fato, a abordagem palhacesca no hospital é diferente, mas cabe a palhaçada, a goiabada, a marmelada. Só que com umas pitadas de açúcar demerara ao invés do açúcar branco, já que é um público específico. Claro que também não vamos plantar bananeira em cima de uma maca! WuO afirma que:

No mundo dos clowns, não existem fronteiras nem nacionalidades porque eles não vêm de parte alguma, mas de todas as partes, falando todas e nenhuma língua. Quando aparece o riso, todas as características que constituem a armadura da situação comunicativa desfazem-se: fundamentalmente, a unidade entre o falante, sua situação e sua linguagem. Então, o clown, provocando o riso, dialoga, ao produzir uma comunicação criativa. (WUO, 2019. P. 101).

Isto não quer dizer que o palhaço não tenha seu cronotopo, mas sim, que tenha vários cronotopos, o que faz com que cada um tenha seu jeito, que não é fixo, já que também está em alteridade. Castro aponta a singularidade de cada palhaço:

Existem palhaços de aparências e procederes inúmeros, o que estabelece um desafio conceitual. Trata-se de um objeto amplo demais para ser cristalizado em um procedimento hermético. Como definir uma figura que

esteve presente em tantas épocas e culturas, assumindo diferentes nomes e aspectos em cada uma delas? Como dizer de onde vem um personagem que atua em espaços tão diversos quanto circo, teatro, rua, hospitais, cinema, festas populares, aldeias indígenas e escolas infantis? Como especificar o que é típico de um atuante que pode utilizar-se de música, malabares, interpretação teatral, acrobacia, mímica, mágica, dança, manipulação de objetos, teatro de bonecos, equilibristismo ou qualquer outro tipo de habilidade que lhe apeteça? Ao que tudo indica, uma figura que abarca tamanha multiplicidade não se presta a uma definição única ou rigorosa. (CASTRO, 2019, p. 22).

A linguagem do riso é universal, pois vindo de lugar nenhum e de vários lugares, o palhaço tem a façanha de se comunicar com tudo e todos. Lembro-me de uma cena em que me encontrei no corredor do Hospital com uma senhorinha que estava com *Alzheimer*. Era dia de Natal e eu estava com um chifre de rena. Ao olhar para mim, ela abriu um sorriso. Eu sorri também e resolvi mugir. Até hoje não descobri como as renas falam, mas naquele momento, a minha rena mugia. Para minha surpresa, não arranquei somente risos como também mugidos e ficamos um bom tempo mugindo e rindo juntas. Até que a senhorinha resolveu falar a língua humana e contar vários causos. Estava tudo normal, palhacisticamente falando, até uma enfermeira passar por nós e contar que a senhorinha estava apática antes de nossa visita, sem se comunicar a semanas. Milagres de um mugido!?

Emendando no discurso da *V de Viada*, concordo que é incrível o quanto as pessoas crianças há mais tempo - o que a sociedade chama de idosos - realmente parecem ter um fascínio maior pelos doutores-palhaços. As senhorinhas amam bailar com os meninos doutores-palhaços e sempre nos acham 'bonitinhas'. Os senhorzinhos amam cantar uma moda, mesmo sem viola, para as meninas doutoras-palhaças. Talvez esses sujeitos tenham sua criança interior mais viva e latente a cada dia que passa.

#### 4.1.5 C de Cagada

*Eu acho que eu escolhi primeiro o palhaço, depois o voluntariado... ou o voluntariado me escolheu! O palhaço vem junto, não sei explicar muito bem, mas eu também já fiz um trabalho no hospital, a gente ia pra contar história, era pra criança. O meu pai já fez um trabalho em hospital, então ele tem essa pegada do cômico e eu comecei a fazer Arteterapia com a professora Cléo (doutora-palhaça veterana do grupo) e com a professora Edna (diretora artística do grupo) e eu ficava ali:*

*Especialistas... Especialistas... E aquilo começou a me seduzir, assim, parece que ia me levando pra perto disso e eu perdi as inscrições várias vezes e agora eu consegui, então, eu não sei explicar, entendeu. Eu acredito muito que a gente tem... tá na hora que tá, porque era com vocês, então, não sei se eu escolhi o palhaço ou se o palhaço me escolheu. Ontem, eu falei assim: não, gente, eu não posso sair amanhã, eu tenho que estar lá na oficina e tal, não sei o quê... Aí, minhas amigas: mas, meu Deus, o quê que você tá fazendo? (risos) Eu falei: gente, eu não sei... Agora tava vindo, assim, meio atrasada, sinal tudo aberto, eu falei: nossa, era pra eu estar lá no Especialistas com os palhaços. Abre sinal, abre sinal! Entendeu? Então, não sei quem me escolheu. Eu sei que esse nariz já tá em mim, né. Esse sorriso eu também acho que é alegria... é o brilho no olho, o olho das pessoas brilham e o olho dos Especialistas brilham... então, eu acho que é isso, entendeu? Então, a gente vai nesse caminhar aí, e quem não entrar, se eu entrar ou não entrar, eu vou estar junto com vocês (risos) de alguma forma, né. [...]. Então, não sei quem me escolheu, quem escolhi e tô aqui, entendeu? Muito contente e falando pra minhas amigas: eu vou! É no voluntariado, é puxado, tem tarefa pra fazer e me perdi tudo nas tarefas, mas (risos), tô fazendo. E quando falo pras pessoas: 'é muito legal!' Assim que eles falam: 'nossa, nunca imaginei que tinha que fazer tudo isso pra ser voluntário no Hospital!' Eu falei: 'pois é! É um trabalho sério, né, importante!' Então, é nesse sentido que eu tô aqui e tudo foi se escolhendo e tira isso senão não paro mais de falar.*

Quando cometemos uma grande bobagem, costumamos dizer que fizemos uma 'cagada'. Mas o que é cometer bobagens? Isto é muito pessoal, mas vamos pensar naquelas simples: procurar aquele *crush* que não te dá bola, comprar algo supérfluo, comer uma panelada de brigadeiro sozinha... De qualquer forma, cometer uma bobagem pode ser tão libertador quanto evacuar. O palhaço é um fazedor de bobagens. Escolher ser palhaço pode ser uma das grandes cagadas da vida, mas, uma daquelas cagadas libertadoras. E difícil cometer bobagens sem nos culpar, Wuol fala sobre nosso conflito em aceitarmos o fracasso ao nos depararmos na iniciação palhacesca:

A dificuldade, muitas vezes, está relacionada à lógica social, preestabelecida a todos, em que somos ensinados, desde que nascemos, a fazer o certo dentro de um meio de convívio em sociedade. E, na maioria

das vezes, tudo em nossa vida está direcionado ao acerto, ao sucesso e à inteligência [...]. (WUO, 2019, p. 102).

Inclusive, fazer o certo, não cometer erros, está tão arraigado em nós que, algumas pessoas, têm dificuldade em evacuar! Não querem cometer ‘bobagens’.

*C de Cagada* não sabe dizer se escolheu a arte da palhaçaria ou se a arte da palhaçaria lhe escolheu. Bobagem? Talvez! Mas, daquelas que se quer mais, como o brigadeiro da panela. Destino? Para Bakhtin, não somos assujeitados. Como explica Renfrew:

O sujeito bakhtiniano é uma pessoa “concreta”, encarnada, que pensa e age no fluxo dos eventos singulares contra o pano de fundo de uma série de contextos em constante mudança. [...]. O sujeito bakhtiniano não faz simplesmente a mediação entre mente e mundo, ou pelo menos o faz de modo muito particular: o sujeito age, realiza um ato e, ao fazê-lo, concretiza e atribui valor a toda forma particular de conhecimento. (RENFREW, 2017, p. 48).

*C de Cagada* fez escolhas! Escolhas essas tomadas por sua história e tudo que nela se constitui: o pai, a vivência de contadora de histórias, a Arteterapia... A vida não é um evento fechado no qual estamos destinados a isso ou aquilo. A vida é um processo em aberto: hoje estou no voluntariado como palhaça, amanhã já não sei, pois posso ter novos objetivos, caminhar por outras estradas e escolher cometer novas cagadas, digo, bobagens. De acordo com Morson (in Bemong et al, 2015, p. 133): “para que a vida tenha sentido, nossos esforços fazem diferença. O mundo deve depender, em parte, do que escolhemos fazer”.

A arte da palhaçaria seduziu *C de Cagada* e talvez seja contagioso esse negócio de ser palhaço, tal qual o bocejar do outro que inevitavelmente também nos faz bocejar. Ela passou a meter o nariz no grupo, deixando de participar de algumas atividades pessoais em prol do processo seletivo. No circo, os saberes eram transmitidos oralmente e o palhaço aprendia a palhaçaria observando e praticando as *gags* dos palhaços mais antigos. Havia assiduidade e comprometimento. (FO, 2004).

Parecem coisas opostas: o palhaço comete bobagens, é o rei do fracasso, mas tem comprometimento com sua arte. Entretanto, são processos complementares. O palhaço que atua em hospital, assim como nós sujeitos, tem suas responsabilidades: respondem por seus atos e respondem ao outro. Por isto, o grupo sentiu a necessidade de aprofundar teorias e práticas na arte da palhaçaria

desde o seu processo seletivo. A preparação artística, aqui, também pode ser um meio de descortinar bloqueios que nos adulteraram no decorrer do tempo. Wuó afirma, em suas experiências como iniciadora da arte da palhaçaria:

É preciso permissão de si mesmo para desejar colocar a máscara que poderá expor as coisas mais opressivas, doloridas, faladas em segredo, no silêncio da exposição da comicidade do corpo. A permissão também está na condução do processo pelo iniciador. Muitas vezes, o neófito precisa atravessar o abismo misterioso do ser clownesco segurando nas mãos do outro, do iniciador, como no caso da corda bamba. (WUÓ, 2019, p 136).

O nariz de *C de Cagada* estava ali querendo saltar e palhaçar, só precisava de um empurrãozinho. Ela deu sua permissão para sua palhaça vir / estar com ela e compreendeu a necessidade de se dedicar aos estudos da palhaçaria.

Estudar a linguagem do palhaço é cuidar com carinho do caos que é não termos o controle de tudo. Talvez, você leitor, esteja se perguntando: “mas, Catavento, você disse logo acima que temos escolhas!” Sim, nós temos escolhas, mas nem tudo sai de acordo com ou como queremos, pois a vida está em movimento e tem suas imprevisibilidades, como a própria morte, da qual não sabemos sua programação.

A gente até que se esforça para acreditar que tudo vai acontecer conforme o programado, que “está tudo sob controle”. Mas vamos falar a verdade... isso é uma mentira que a gente conta para a gente mesmo, para sermos capazes de suportar o caos que nos cerca. E o caos não se suporta com a insustentável tentativa de controle, mas com abertura, hospitalidade e cuidado. Cuidar nos torna agentes ativos de nosso caminho, enquanto o desejo por controle nos torna reféns de nós mesmos. Caos não se controla. Caos se escuta. (DUNKER & THEBAS, 2019, p. 123).

Mesmo com toda imprevisibilidade do processo seletivo, *C de Cagada*, plena de seus sentidos, seguiu em frente, enfrente! Ver os sinais de trânsito abertos fez com que ela os relacionasse com sinais abertos de sua própria caminhada palhacesca, os interpretando como bom presságio para seu ingresso no grupo Especialistas da Alegria.

Ela encerra dizendo que independente de ser aprovada ou não no processo seletivo, estará de alguma forma ainda junto ao grupo e o grupo a ela. Sua imersão no processo alterou seu olhar e seu horizonte. Não importa se um encontro dura um segundo, um ano ou uma década, ele pode, como nos sinais do trânsito, nos incentivar a seguir adiante ou pode nos mudar a direção. Certo é que a *C de Cagada*

que iniciou na primeira oficina não é a mesma desta outra oficina e compreende que independente do resultado, o meio já lhe transformou.

Sobral (in BRAIT, 2017, p. 21) explica que “os atos e experiências que vivo são momentos constituintes de minha vida, que é assim uma sucessão ininterrupta de atos”. O ato de querer ser palhaça voluntária no hospital, constituída por toda experiência que ela relatou, a faz persistir. Sobral acrescenta:

Assim, a experiência no mundo humano é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, que lhe confere sentido a partir do mundo dado, o mundo como materialidade concreta. Como o mostra a obra de Bakhtin, não se trata porém de propor a relatividade dos valores, mas, pelo contrário, o fato de que o valor é sempre valor para sujeitos, entre sujeitos, numa dada situação. (SOBRAL in BRAIT, 2017, p. 22).

#### 4.1.6 L de Louca

*Então, tá. Ai, eu tô me vendo vocês falando, né, dessa forma, tô quase que repetindo... que eu vim hoje, no carro, tudo entusiasmada, no Uber, coitado, ele veio com as orelhas desse tamanho me escutando (risos), porque eu tava muito ansiosa. Eu falei: ‘ai, eu tô ansiosa, eu tô num curso seletivo. Minha barriga tá gelada’. Aí: ‘o quê que você vai fazer é de palhaço?’ (risos) ‘Palhaço! Aí eu fiz (barulho com a garganta), palhaço tipo voluntário de hospital, tipo um palhaço terapia, cê tá entendendo, moço?’ Aí deu toda aquela explicação pra ele, a gente já tava na metade do percurso, mas é porque eu tava muito, é, como você falou, eu tenho essa... ‘Por que que você tá indo lá no sábado? Por que você tá fazendo isso?’ Eu também já me fiz essa pergunta: por quê? Por quê? Que nem você falou, o palhaço aquele que assusta, existe mesmo o palhaço aquele que assusta. Eu conheci uns mesmo que também não gosto e eu tenho uma palhaça dentro de mim já construída faz... ela deve ter uns 28 anos, o nome dela se chama Dida e ela era estilo Patati Patatá: ‘oi crianças lindas!’ Mas, assim, essa palhaça ela é para as crianças, sabe, aquela alegria, aquela ingenuidade, mais assim: bagunceira. Só que chegou um momento que eu disse assim: ‘mas, hum, sei lá essa palhaça... eu queria outra coisa... enjoiei! Acho que já vou me aposentar’. E dei todas minhas roupas de palhaço, eu tinha roupas lindas, dei tudo, aí, depois que eu dei minhas roupas de palhaça, aí, um dia, uma pessoa falou assim: ‘L., vai ter um evento lá e eu gostaria muito que você fosse e lalalá’. E eu com vontade de dizer não pra ela, daí, eu olhei*



pra ela, assim, mas eu não consigo dizer não, a palhaça voltou dentro de mim. Eu disse: 'ah, tá bom, eu vou!' Peguei uma roupa aqui, uma roupa ali, sabe, toda esquisita, quando fui me vestindo, nossa, essa palhaça tá muito diferente, mas, eu também não tenho parceiro, porque antes, pra mim, palhaço tem que ser parceria, sem parceria você não é ninguém, né, você tem que ter uma parceria... aí, eu pensei: 'ai, mas eu vou sozinha, meu Deus, que triste... eu sou muito solitária, meu Deus do céu... ai, como eu sou solitária, me abandonaram'. Só que daí, gente, eu falei assim: 'esse mundo palhaço não existe mais pra mim, não existe!' De repente, eu encontrei lá, porque tudo quanto é coisa de palhaço eu clicava, eu clicava, e fui encontrando alguns grupos de palhaço onde eu comecei a fazer oficinas, mas eu não me identificava com aquele grupo. Eu ia lá, escutava e tudo, mas não é isso que eu quero, mas, de repente, nesse caminhar, eu fui encontrando pessoas, né. Aí, eu fui encontrando pessoas, eu falei: 'gente, é isso que eu quero!' E aquela construção daquela palhaça fui desconstruindo, entendeu. Então, eu tenho uma formação também artística e eu fui desconstruindo aquela palhaça que eu tinha: 'ai, bom dia criançada, a Dida tá aqui!' Hoje, a Dida não, a Dida tem duas Didas, na verdade. Agora não é mais Dida, a Dida tá lá ainda, continua lá na hora que precisa ela vem, só que eu tô construindo a Dra. Lindinha. Nossa, essa clown é linda, maravilhosa. Gente, ela é toda linda. Eu chego com meus amigos, meus amigos pensam que eu tô em outro planeta, porque meus amigos chegam, eu digo: 'oi, tudo bem? Meu nome é Dra. Lindinha!' Sabe, então, eu faço isso na maior cara de pau e as pessoas pensam q eu tô viajando na maionese, mas eu tô trabalhando a Dra. Lindinha. Já coloquei ela como Dra. Loló, mas acho que não tem nada a ver, porque parece uma droga, né (risos) Loló, hã, meu Deus, eu tinha que falar Lelé e eu falei Lóló [...], mas, aí, eu sempre quis fazer voluntariado, gente. Já fui, eu sou voluntariada em várias coisas e eu tô chegando um momento que eu tenho que focar numa coisa só, então, como eu estou me aposentando, né, também tem dessa, porque eu sou véia já, aí, assim, eu quero focar, eu quero fazer algo diferente. Eu acho que a gente passa nessa vida, a gente tem que deixar uma marca e eu encontrei que a minha marca é o palhaço, porque os meus amigos me olham assim: 'oi, Dida!' Eles não me chamam pelo meu nome, ou é Lindinha ou é Dra. Lindinha ou é a Dida. A Dida tá quase em todos os lugares, então eu já tenho essa marca, não tem porque ficar focando em outras coisas, né, e eu vou utilizar essa coisa que eu amo que é a palhaçaria. Eu, quando vou assistir a um espetáculo de palhaço, gente, eu fico igual uma tonga. Eu

*fico assim ó 'Ah!' Eu fui assistir Deslady e fiquei assim 'Ah!' (suspiro). Eu fui ver o Olivier e fiquei assim: 'Ah!' Gente, olha, é o meu mundo. Eu quero isso pra mim. Eu quero isso. Então, gente, é isso, eu acho que é essa a vibe que eu quero pra mim. É o que eu tô focando e tô me fortalecendo. Se eu não passar no teste seletivo (risos), tudo bem, não?! Olha que terapia! Gente, tem uma terapia, sabe, porque, olha, pra eu ler um texto, gente, pra eu ler um livro (risos). Vocês acham que eu nunca fiz uma faculdade, uma pós-graduação, por quê, por quê? Eu tenho dificuldade em ficar lendo, gente, eu consegui ler, eu consegui escrever... eu fiz dois textos, um diferente do outro, e te mandei (risos). Sim! De tanto que eu gostei. Pra não prolongar mais, eu fico aqui senão eu fico o dia inteiro, porque eu adoro palhaçaria.*

Dizem que a *L de Louca* é louca por pensar assim e assado, por fazer frito e cozido e por não levar a vida em banho-maria. Lelé da cuca e de miolo mole, o louco, assim como as crianças e os velhos, está em um estado vulnerável. Como já dito, o palhaço também está em vulnerabilidade. Dunker & Thebas afirmam:

Os “loucos” são os que acreditam em si mesmos, que amam seus personagens mais do que a si mesmos, pois eles se transformaram, sem saber, em personagens de si próprios.  
O palhaço é um louco sábio que sabe que toda vida é uma loucura e tenta tirar as pessoas das suas próprias loucuras loucas. (DUNKER & THEBAS, 2019, p. 65).

*L de Louca* encontra no caminho da palhaçaria o abrigo da sua ‘loucura’, identificando-se com outros clowndidatos da roda. Ela acessa sua bem-vinda loucura com um gelo na barriga. Não é no conforto que ficamos ‘loucos’, é no confronto.

Sua conversa com o motorista do aplicativo *Uber* mostra seu entusiasmo e ao mesmo tempo ansiedade por estar participando de algo que muito deseja: ser palhaça voluntária no hospital. Ela relata que já trabalhava como palhaça, mas tinha uma compreensão da linguagem diferente da que passou a ter após iniciar o processo seletivo do grupo.

Quanto ao estilo Patati Patatá<sup>61</sup> que *L de Louca* diz ter adotado para sua palhaça em seus trabalhos anteriores, há de se pensar se esse estilo estava mais para um personagem do que para um palhaço. Cada palhaço tem seu próprio tempo

<sup>61</sup> Dupla brasileira de personagens-palhaços que surgiu em 1991. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Patati\\_Patat%C3%A1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Patati_Patat%C3%A1)> Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 11h13.

para conhecer suas lógicas. Se as crianças se conectavam com esse ‘Patati Patatá’ de sua palhaça, então, talvez, havia verdade nesse caminho palhacesco, afinal, a conexão do palhaço com seus interlocutores é potente. Além disso, Castro (2009, p. 20) afirma que o palhaço é: “ao mesmo tempo, particular e universal [...]” - “[...] cada artista parte de um tipo genérico para desenvolver uma criação pessoal e única, que se dá a partir do seu próprio corpo, de sua personalidade e de suas qualidades expressivas”.

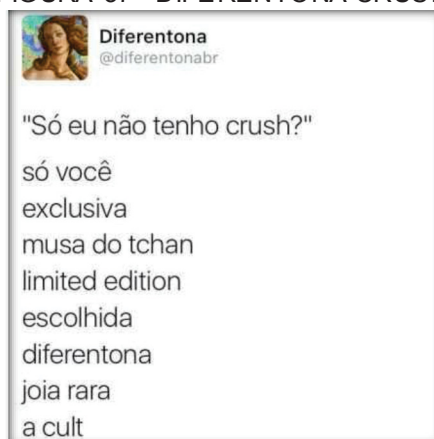
Em determinado momento, *L de Louca* passou a se sentir sozinha e perceber que seu trabalho não fazia mais sentido. Os palhaços, como os sujeitos, estão em alteridade, por isso se desconstroem e se constroem quantas vezes quiserem e puderem, até que lhe faça sentido novamente. Eu mesma já fui tantas e não me concludo, desejo ser ainda outras tantas tantãs.

Descobrir e compreender o clown que existem em cada um, deixá-lo desabrochar e torná-lo vivo é um ato de persistência, de desprendimento e de muita coragem para fracassar e permitir que o outro ria disso, rindo do si mesmo. Como já dizia Bergson (1983), as pessoas adoram rir do fracasso do outro, porque, sem perceber, riem de si mesmas, rindo do seu próprio avesso. (WUO, 2019, p. 103).

O enunciado “meus amigos acham que eu tô em outro planeta”, faz pensar na intensidade de sua palhaça que parece quebrar padrões sem nem mesmo seu nariz, já que é chamada pelo nome de sua palhaça fora do meio palhacesco. Já vimos no capítulo anterior o quanto o outro nos constitui e ouvir que se é diferente nos torna discursivamente diferentes.

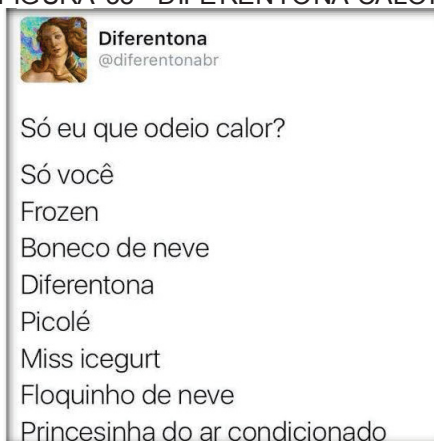
Mas, afinal, o que é ser diferente? Tem uma página do *Facebook*, cujo título é *Diferentona*, que criou diversos *memes* que foram curtidos e compartilhados principalmente no ano de 2016:

FIGURA 37 - DIFERENTONA CRUSH



Fonte: Página da Diferentona no Facebook<sup>62</sup> (2016).

FIGURA 38 - DIFERENTONA CALOR



Fonte: Página da Diferentona no Facebook<sup>63</sup> (2016).

O enunciador dos *memes* utiliza da linguagem da Ironia para caçoar do seu interlocutor (BRAIT, 2008). Interlocutor este que se diz “diferente” ao afirmar coisas que outro tanto de gente também é, o que mostra que no fundo todos têm um quê de ‘diferentona’ e que acabamos sendo mais iguais aos outros do que pensamos, estando ainda dentro de padrões.

O palhaço enxerga diferentão mesmo. Ele não é o único que não tem *crush*, ele é o que fiska o *crush* e come cru. Ele não odeia o calor, ele apresenta o calor para a joanete para viverem ‘pé-lizes’ para sempre.

Talvez possamos pensar que, na verdade, agimos às vezes meio fora da casinha, viajando na maionese e temos nosso momento diferentona fora do planeta. Uns assumem mais que outros esse lado diferentão. Talvez os palhaços pertençam

<sup>62</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/diferentona/>>. Acesso em: 20 janeiro 2020 às 20h41.

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/diferentona/>>. Acesso em: 20 janeiro 2020 às 20h41.

mesmo ao planeta dos Loucos e venham de vez em quando encher a Terra de rios de riso.

Mesmo viajando na maionese, *L de Louca* assume seu ridículo fora das atuações palhacescas e reconhece no grupo Especialistas jeitos, trejeitos e outras maioneses viajantes, afinal, ao brincar com seus colegas do processo seletivo, criou um laço de intimidade. Para Dunker & Thebas (2019, p. 49), brincar é “a atividade humana que mais nos conecta com a gente mesmo e com os outros”. Ainda acrescentam:

Tornar-se palhaço é encontrar esse lugar de estrangeiro no interior de uma situação familiar. Mas é também encontrar conhecido dentro do estrangeiro. O estrangeiro que habita cada um de nós. Essa capacidade de olhar de fora – mesmo estando dentro – cria um novo jeito de admirar o outro, de “estranhá-lo”, de encontrar nele algo que ele mesmo não está vendo. (DUNKER & THEBAS, 2019, p 33).

Aqui há um diálogo com Bakhtin no termo de exotopia. Para o autor (2011), somente o outro nos vê por completo e somente nós vemos o outro por completo. Por mais que tentamos, por mais que sejamos ótimos em colocar a língua na ponta do nariz, nossa cabeça não gira 360° (só no filme *O Exorcista*<sup>64</sup>, mas desse jeito, cruz credo!).

O outro é quem me define e eu é quem defino o outro, tendo esse olhar de fora. Afastando-me de uma situação consigo olhá-la por completo para retornar com o olhar renovado. (AMORIM in BRAIT, 2016).

Para isto foi nossa etapa de Observalhaço: olhamos de fora, mesmo estando dentro. Na próxima etapa, os clowndidatos, com seus narizes cronotópicos retornam com seus palhaços de acordo – ou sem acordo - com suas perspectivas. Amorim complementa:

[...] o conceito de exotopia designa uma relação de tensão entre pelo menos dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro. (AMORIM in BRAIT, 2016, p. 101).

---

<sup>64</sup> “Filme norte-americano de 1973 do gênero terror sobrenatural dirigido por William Friedkin e escrito por William Peter Blatty, baseado no livro homônimo de sua autoria”. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Exorcista](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Exorcista)>. Acesso em: 19 abril 2020 às 12h34.

A partir do olhar de seus amigos, *L de Louca* se vê cara-de-pau, meio Lelé, meio Loló e toda Lindinha com sua loucura e seu ridículo assumidos e empoderados.

Como ela já faz alguns trabalhos voluntários percebe que o melhor seria casar este trabalho com o de palhaço, que é sua paixão. É interessante notar que ela fala da sua aposentadoria. Nos capítulos anteriores apresentei uma entrevista do coordenador do grupo Especialistas da Alegria em que ele aponta que a média da faixa etária do grupo é de pessoas com mais idade, talvez pelo tempo disponível para atender as demandas de um trabalho voluntário.

Outro enunciado que também chama a atenção para o discurso de *L de Louca* é ela dizer que temos que deixar uma marca e que a dela é o palhaço. Nesse espaço chamado vida, podemos escrever nosso movimento deixando nossas marcas. (AMORIM in BRAIT, 2016).

Seria a marca do palhaço rugas de riso? Nós queremos ser amados e lembrados. Nós, sujeitos, e nós, palhaços. Dream (2018, p. 190) diz que “é condição do ser humano querer ser amado por quem se é e por como se é, e é condição espiritual que todo amor começa por si mesmo”.

*L de Louca* encerra falando que passar pelo processo seletivo foi terapêutico e de grande aprendizado, já que ela não é adepta a leituras, mas sua paixão pela arte do palhaço a fez se dedicar às atividades. Para ser um voluntário, depende da vontade e para ser palhaço, depende do tamanho do sapato. Esse sapato de palhaço não se encaixa mesmo no pé, ele vai além, dando folga para o pé não se apertar, deixando seu pé, mesmo não sendo ramas de batata, se esparramar para criar novos passos e novos jeitos de caminhar. Encerrando esta seção com Bakhtin (2011, p. 174): “[...] viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente”.

#### 4.1.7 D De Doida

*Eu vou falar rapidamente... o meu primeiro, o meu, foi o voluntariado que me escolheu. O primeiro, por uma questão pessoal, há muito tempo, e ficou guardado numa caixinha. Eu sempre pensava: ‘eu quero fazer voluntariado’, e não achava. Pesquisava e não encontrava. Aí, ano passado, minha amiga teve tratamento de câncer e eu comecei a visitar ela fantasiada e sempre fazendo brincadeiras e*



*brincadeiras. Eu lembro que no penúltimo... na penúltima quimio, eu visitava ela e passava nos leitos juntos, em todos assim, e foi muito gratificante, me transformou como pessoa e tudo. No penúltimo, quando eu cheguei pra ver um menino, ele já se mexeu de um jeito especial assim, daí, eu olhei pra ele e ele: 'ah, você faz parte de alguma coisa aqui do hospital?'. Daí eu: 'não, eu tô vindo por causa de uma amiga, aí aproveito pra passar e contar histórias'. Mas isso já mexeu comigo de uma maneira que eu procurei os Especialistas, né. Já tinha e vou participar, pretendo participar do processo, né, mas eu fiquei bem atenta às datas e tudo e isso mexeu comigo e desde então eu comecei a ver mais palhaço. E já fiz teatro lá antigamente, já trabalhei uma palhacinha, mas foi por um período curto, então, assim, o porquê de palhaço eu não vou saber explicar, mas mexe comigo de um jeito especial.*

*D de Doida* pode até ser doida demais, mas sabe a doideira de ver a dor do outro e logo deu seu jeito doido para ajudar. Mas o que é o doido? O varrido de juízo, lavado na alma e passado de entusiasmo... Um dos sentidos da palavra significa “atributo de quem se encontra feliz; que apresenta felicidade em excesso”<sup>65</sup>. Já pensou ter uma felicidade que transborda feito calda de chocolate e aí, para não desperdiçar, você divide essa calda com outras pessoas que estejam querendo desse chocolate? É mais ou menos assim o trabalho do doutor-palhaço voluntário no hospital. Isto quer dizer que a gente tem que ser meio louco das pernas, doido varrido, maluco de pedra.

Ela enuncia que o voluntariado a escolheu, porque sempre teve vontade de fazer um trabalho voluntário, mas não encontrava onde fazer. Entretanto, nossa vida é feita de processos. O voluntariado ou a palhaçaria podem-nos ‘escolher’, tendo em vista nossas histórias, nossas experiências e nossos encontros. *D de Doida* afirma que teve “uma questão pessoal” que a fez pensar no voluntariado. Ao final, nós também fazemos nossas escolhas. Morson (in Bemong et al, 2015, p. 134) afirma que: “a ‘imagem humana’ demanda que a vida seja um processo, no sentido de uma série de passos que levam a um resultado incerto. Não é um produto dado desde toda a eternidade”. Apesar de dizer que o voluntariado a escolheu, foi ela quem pesquisou maneiras de realizá-lo.

<sup>65</sup> Disponível em: <www.dicio.com.br>. Acesso em: 30 dezembro 2019 às 16h40.

Ao ter sua amiga hospitalizada, *D de Doida* passou a se ‘fantasiar’ e criar brincadeiras para tirar sua amiga daquela realidade de angústia. Mesmo sem estar em um grupo de voluntário ou de palhaços, seu impulso partiu para o brincar. De acordo com Masetti:

Winnicott diz que brincar é universal e próprio da saúde, facilitando o crescimento do indivíduo, os relacionamentos grupais e a comunicação. [...]. A experiência cultural que o adulto desenvolverá é derivada da brincadeira. A possibilidade de compreender a extensão do brincar está na aceitação que isso não precisa ser organizado ou interpretado. Tem vida própria. (MASETTI, 2015, p. 35).

À medida que nos tornamos adultos, vamos brincando menos e tendo outras demandas. *D de Doida* deixou que seu espírito de criança brincante viesse à tona, mesmo que não sendo na figura do palhaço, a princípio. Como trazer essa criança que mora dentro de si para fora?

Gaulier (2016, p. 51) diz que “é preciso remover as crostas da maquiagem ruim que o caminho até a vida adulta acumulou no seu rosto”. Recomendo a você, leitor, que nunca pare de brincar, pois faz bem para a saúde. Se você se esqueceu de como se brinca, tenha uma criança como amiga e/ou um animal de estimação, eles são ótimos professores da brincadeira e do riso. Gaulier (2016, p. 47) ainda acrescenta: “a brincadeira é um ensaio geral da vida, sendo aquela menos chata do que esta”.

A partir da visita que fazia à amiga, *D de Doida* endoideceu-se pela coisa e resolveu expandir suas visitas a outras pacientes do hospital dizendo que esse trabalho foi ‘gratificante’ e que a ‘transformou como pessoa’. A raiz da palavra gratificante<sup>66</sup> vem de *gwer*, uma palavra indoeuropeia que significa dar as boas-vindas. Logo, *D de Doida* deu as boas vindas à sua transformação – além de sua fôrma.

*D de Doida* retornou a si mesma, pois não se deixou vivenciar na dor do outro, revertendo o sofrimento da amiga e dos demais pacientes que encontrou em seu caminho, através da arte de dar vida a personagens brincantes, em leveza. Leveza essa que alterou a si própria. De fato, a arte pode ser transgressora e transformadora. O que é dar vida a outras personagens em uma esfera em que

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/gratificante/>>. Acesso em: 03 janeiro 2020 às 20h49.

vibra a doença e morte? É encher os balões de pulmões, digo, pulmões de balões de esperança.

A clowndidata fez essas ações antes de ingressar no processo seletivo dos Especialistas da Alegria, mas suas ações foram a mola propulsora para procurar o grupo. Ainda mais após a fala de um garoto no qual ela também visitou contando histórias quando ele lhe perguntou se ela fazia parte de algo do hospital. Fazer parte de um grupo é essencial ao ser humano e ao ser palhaço. Somos seres dialógicos e sociais. Até mesmo quando estamos sozinhos não cessamos de dialogar com nossos pensamentos. Você já se pegou conversando com o espelho? Falando e rindo sozinho? O seu eu com seus outros vários eu's! Bergson afirma:

Não saborearíamos a comicidade se nos sentíssemos isolados. Parece que o riso precisa de eco. [...]. Nosso riso é sempre o riso de um grupo. [...] o riso esconde uma segunda intenção de entendimento, eu diria quase de cumplicidade, com outros ridentes, reais e imaginários. (BERGSON, 2011, p. 5).

Rir acompanhado parece ser mais interessante e contagiante. Há um jogo de palhaço que gosto muito de praticar: o primeiro participante inicia um leve sorriso e o próximo aumenta um pouco, o outro mais um pouco e cada um vai elevando esse riso. Ao fim vira gargalhadas de dar dor de barriga em todos. O palhaço quer ser palhaço para o outro, provocar afeto no outro.

A preparação artística do grupo para a *D de Doida*, apesar das personagens que ela criou para contar histórias serem motivadoras para ingresso no processo seletivo, vem de encontro com sua recordação da palhaça que um dia já trabalhou. Ela afirma não saber suas motivações para ingressar na arte da palhaçaria, mas quem disse que precisamos dar respostas a todas as perguntas? Parafraseando Masetti (2015), nossas experiências não precisam ser explicadas, mas vividas, e podem ser decifradas em obras artísticas. Eu acrescento: em palhaçaria.

#### 4.1.8 R de Ridículo

*Um homem fala pouco, né, então, é só isso, tá bom? (risos). Não sou grosso assim, não (risos). É... porquê de palhaço e porquê de voluntariado... voluntariado, eu sempre fiz trabalho de voluntariado, em várias áreas da minha vida, e o palhaço me escolheu desde pequeno já. Desde pequenininho: 'é um palhaço mesmo', e hoje*

*continua. Eu não passo uma semana sem ouvir: ‘mas é um palhaço mesmo’, devido as coisas que eu faço, as brincadeiras que eu faço, então, isso é constantemente. E eu lembro quando comecei assim, lá por uns 15, 16 anos, é fazendo alguns trabalhos pequenos, assim, de palhaçaria, e eu gostava muito de Circo. E quando eu ia ao Circo era pra ver o palhaço, nada mais. Tudo que tinha era o palhaço que eu gostava de ver. E eu vi um palhaço fazendo mágica e comecei a fazer palhaço e mágica, palhaço e mágica, e, então, hoje eu faço palhaço, eu faço mágica, eu faço trabalho de mímica, eu faço vários trabalhos, e sempre voluntário. Eu não escolhi assim: ‘vou fazer o hospital’, o hospital, acho, que tá querendo me escolher de alguma forma e eu sempre soube administrar o palhaço. Nos momentos tristes - porque tem palhaço que ele traz uma mensagem triste - que também é importante, e tem o palhaço que traz aquela mensagem muito explosiva e o outro mais tranquilo. Então, eu sempre soube administrar onde estou, local que estou, que tipo de palhaço eu tenho que ser... por exemplo, o Mr. Bean é um palhaço, ele não precisa usar máscara, não precisa usar nariz, não precisa, às vezes, falar nada. Então, eu aprendi que, às vezes, você estando diante da pessoa, a tua maneira, teu corpo que você expressa, o teu olhar que você expressa, já te traz a vida que você tem, a vitalidade que você tem, o positivo que você tem. Você já carrega aquilo com você. Então, a tua presença diante das pessoas, né, com problemas ou sem problemas, essas pessoas transformam. Olham pra você, assim, alguma coisa tem em você que eu não sei o que é. Então, é este palhaço que eu estou querendo atuar de maneira diferente. Vai ser uma experiência nova mesmo. Acho que muito gratificante. porque tem pessoas que estão de cama ou parentes que estão ali expressando aquele sentimento, acho q é diferente, né. Então, que tipo de mensagem você vai levar. Então, tudo isso a gente tá... tô aprendendo que tipo de mensagem, o quê que eu vou passar, o quê que eu vou aprender com isso aí, tá bom?!*

O Universo foi criado por meio do riso de Deus e não por meio da palavra, de acordo com um papiro alquímico de autor desconhecido. Foi por excesso de riso que acabou gargalhando até chorar e assim criou a luz, a água, Hermes, a geração, o destino, o tempo e a alma. (MINOIS, 2003).

Ridículo vem do latim, *ridiculus*, e tem como sentido ser o que desperta o riso. Não é de duvidar, então, que esse ser jocoso que é o palhaço, como um anjo torto apareceu na vida de R. e disse: vai R., ser *Ridículo* na vida!

R. desde sempre ouviu que era um palhaço. Podemos observar mais uma vez o quanto a palavra do outro nos constitui. Bakhtin (2011, p 46) diz que: “a criança começa a ver-se pela primeira vez como que pelos olhos da mãe e começa a falar de si mesma nos tons volitivo-emocionais dela”. É desma maneira, inclusive, que sabemos sobre nosso corpo. Eu, desde pequena, sabia que era baixinha, não porque me achava baixinha – até porque mal sabia o que era ser baixinha -, mas porque me diziam que eu era a baixinha. Talvez por isso eu não tenha saído do 1,53! Renfrew, partindo dos estudos bakhtinianos, complementa:

O outro tem em relação a mim um “excesso de visão”, um “transbordamento”. O outro me vê desde uma perspectiva e num contexto nos quais jamais poderei ver a mim mesmo: “E muito menos somos capazes ou competentes para perceber em nós mesmos o todo dado de nossa própria personalidade”. (RENFREW, 2017, p.53).

*R de Ridículo* percebe, a partir de seu encanto pelo palhaço de circo, que ser palhaço também é ser talentoso. Inicia seus estudos nesta linguagem aprendendo mímica, mágica... Já dissemos que cada palhaço é único e possui suas habilidades a partir da bagagem de seu ‘autor’. No hospital, essas habilidades de mímica, mágica, música são bem-vindas.

Talvez alguém pense para quê uma preparação artística para um clowndidato tão virtuoso? Eu digo: é uma qualidade ser virtuoso, mas não substitui a conexão com seu público. Um cantor pode ter uma voz de rouxinol, mas se ele não souber se conectar com sua plateia, sua voz atrairá somente outros rouxinóis. Na preparação artística do processo seletivo, além do ‘despertar’ do palhaço de cada um, há o ‘despertar’ para quem é o público do hospital. Mais ainda, o público do Hospital Erasto Gaertner.

Se ou mágico, não sou necessariamente palhaço. Se sou palhaço, não sou necessariamente mágico. Porém, posso usar e abusar das duas linguagens sem me esquecer que, no caso do grupo, sou primeiramente palhaço.

A partir da compreensão de Bakhtin também posso dizer que a linguagem do palhaço é arquitetônica. Calma, leitor, não estou confundindo as esferas! Renfrew explica que:

O “outro” deve ser sempre “o-outro-para-mim”. O modelo bakhtiniano é “arquitetônico” justamente por não se tratar de um modelo de pontos ou entidades fixos, imutáveis; trata-se antes de um modelo de relações fluidas

e dinâmicas, baseado apenas na localização inelutável do ser humano real situado no âmago disso tudo – no evento singular de seu ser. Todo sentido, toda compreensão não giram em torno desse modelo; de fato, se estruturam segundo o mesmo princípio arquitetônico: são efeitos e dependem inteiramente da arquitetura das relações eu-outro. (RENFREW, 2017, p. 54).

Além de cada palhaço ser único, cada relação do palhaço com o outro também será única, pois é o outro-para-mim. *R de Ridículo* enuncia sua percepção da singularidade de cada palhaço em: “o palhaço que traz aquela mensagem muito explosiva e o outro mais tranquilo” e “o Mr. Bean é um palhaço, ele não precisa usar máscara, não precisa usar nariz, não precisa, às vezes, falar nada”. Vale lembrar que até aqui, os clowndidatos já percorreram uma boa caminhada de estudos teóricos e práticos com a visão do grupo em relação ao doutor-palhaço que atua em hospital.

Quando digo o ‘outro’, pode ser o meu parceiro palhaço como pode ser minha plateia. A relação com meu parceiro vai ser diferente da relação de outro palhaço com esse mesmo parceiro. A relação com minha plateia será diferente da relação que outro palhaço terá com a mesma plateia. Nós, do Especialistas, costumamos acompanhar os pacientes visitados e a cada visita, mesmo sendo os mesmos palhaços, também é diferente. Por ser fluída e flexível, podemos pensar nessa linguagem arquitetonicamente.

*R de Ridículo*, como outros clowndidatos, acredita que de alguma forma, o voluntariado no hospital acabou cruzando seu caminho, até porque outros membros de sua família são voluntários em hospital. O palhaço que atua em hospital seria mais uma etapa de aprendizado para ele. Renfrew (2017, p. 140) afirma: “a vida não pode ser um produto final. Devemos vivê-la como um processo. A vida como produto é morte-em-vida”. A vida, nem o ser humano, nem o ser palhaço se estagnam.

O clowndidato percebe a transformação que uma visita do doutor-palhaço causa no paciente e em si mesmo. Já fui questionada de como fazia para esquecer meus problemas e estar lá dentro do hospital com sorriso no rosto. Respondi que deixava meus problemas nas penas da peteca e jogava pro alto. Quando possível, peço para os pacientes também concentrarem seus problemas ao segurar a franga e os soltarem junto dela.

Geralmente funciona antes do soltar de franga, porque há algo de mágico no ar que faz com que a entrada do palhaço na esfera hospitalar já cause um bom



rebolicho. Posso dizer que o palhaço que atua em hospital tem a capacidade de transmutar a dor em riso. Bakhtin (2017, p. 62) diz que “o riso suprime o peso do futuro (do porvindouro), livra das preocupações do futuro; o futuro deixa de ser uma ameaça”.

*R de Ridículo* deseja atuar dessa ‘maneira diferente’ que é o doutor-palhaço, já que sua experiência vem das ruas. O hospital é um espaço fechado, diferente das ruas que é um espaço em aberto. No hospital, as pessoas não passam ou ‘passeiam’ por lá, elas ficam por tempo indeterminado, já, nas ruas as pessoas são transeuntes. No hospital, há a dor e a espera pelo atendimento, que pode ser de horas. Das pessoas, rostos se fecham e se empalidecem como o próprio ambiente. É preciso ter silêncio. Não pode correr. Não pode tocar. O palhaço entra com seus passos largos e transgride as regras – novamente enfatizando, com responsabilidade! – com seus rostos abertos e coloridos, com suas frases bobas, com seus abraços longos.

A arte opera por meio do fazer e, com isso, sugere abandono do processo analítico sobre possíveis sofrimentos e questões vividas por alguém hospitalizado: transporta nossa vida para olhar, falar, ouvir. Desloca o foco da verdade que deve ser comprovada segundo determinada lógica, para que se aceite a experiência e força da própria experiência humana que, por sua beleza, torna a verdade incontestável. (MASETTI, 2015, p. 34).

Que mensagem *R de Ridículo* pode passar como doutor-palhaço? A sua verdade, a sua arte, o seu olhar, o seu melhor.

#### 4.1.9 A de Atrapalhado

*Para mim também: palhaço e voluntariado tiveram comigo minha vida toda. Voluntariado, de várias formas diferentes e, o palhaço, acho que surgiu muito, principalmente, no Teatro. Assim, pra mim, o palhaço ele tá onde tem público. Sabe, e o público sou eu mesmo, em casa, fazendo palhaçada pra mim mesmo. É, eu acho que o palhaço, enfim, é uma energia muito boa. Eu acho que é arrancar riso. É fazer o bem pra alguém e esse alguém pode ser, inclusive, eu mesmo pra mim. Ele é um atalho pra fazer o bem. Assim... nem sempre eu liguei palhaço com voluntariado, eu acho que ligar é fantástico. Assim... tá sendo fantástico, inclusive algumas pessoas falaram eu tenho um personagem, eu tenho um palhaço já, eu tive*

*vários palhaços diferentes pra diferentes tipos de pontos. Assim... às vezes, numa peça, eu ia aparecer em três cenas, mas eu queria naquelas três ceninhas ali que eu ia aparecer, queria arrancar risos, sabe, porque isso pra mim sempre teve... é... e eu vejo tanto que eu esperava que o palhaço de hospital fosse de uma maneira e eu vejo o quanto eu tenho que me desenvolver pra uma outra maneira, sabe, porque o tipo de mensagem, ela é diferente, e tem muita riqueza, muitas mensagens que a gente pode aproveitar àquele momento ali. Isso olhando as pessoas que a gente conviveu agora no Observaço, então, é as duas coisas pra mim: elas são diferentes, né, mas elas nasceram acho que vem sempre com a gente. E, pra mim, é uma delícia também. Sei lá... escolher a roupa q eu vou usar ali, bolar alguma coisa já pra ter essa abertura ali, é um... Tem que ter o público e tem que ter o riso, aí é se esforçar pra chegar nisso, sabe.*

A de *Atrapalhado* gosta de um bom trapo para o seu cadarço, digo, trato para o seu palhaço. No termômetro: 40 graus de pura alegria. Na agulha: 60 cm de largo sorriso. Pressão: alta de energia. Se olhar no espelho e se ver público de si mesmo é reconhecer-se ridículo.

Minha avó teve *Alzheimer* e foi o momento que mais aprendi sobre palhaço com ela. Por horas ela ficava em frente ao espelho conversando com aquela senhora que ela não reconhecia. Ela mesma perguntava e ela mesma respondia. Claro que no caso de A de *Atrapalhado* ele consegue se reconhecer. E com um *plus*: ele vê seu palhaço.

Bakhtin (2017, p. 78), em seus estudos sobre as relações dialógicas, chega a dizer: “quanto a mim, em tudo eu ouço vozes [...]”. Não, ele não estava delirando, mas ele estava tão imerso em suas pesquisas que passou a perceber que em tudo havia relação dialógica. Em frente ao espelho também posso dialogar com meu palhaço! Bakhtin (2017, p. 79) afirma: “Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)”.

A de *Atrapalhado* já sabe qual habilidade quer praticar enquanto palhaço: arrancar risos. Confesso que fico imaginando ele fazendo cócegas nas pessoas até conseguir arrancar os tais risos. Claro que não é nesse sentido que ele poderá fazer como doutor-palhaço. Infelizmente, nós, doutores-palhaços, não podemos fazer cócegas para arrancar a doença oncológica, mas, se com nossos instrumentos

besteirológicos pudermos arrancar risos, já estamos com metade da tarefa cumprida.

O clowndidato diz não ter percebido antes a relação entre o palhaço e o voluntariado, mas agora vê sentido em ambos os trabalhos. Sobre o trabalho de doutor-palhaço-voluntário, encontro em Bakhtin que:

O ser que se autorrevela não pode ser forçado nem tolhido. Ele é livre e por essa razão não oferece nenhuma garantia. Por isso o conhecimento aqui não nos pode dar nada nem garantir, por exemplo, a imortalidade como fato estabelecido com precisão e dotado de importância prática para a nossa vida. (BAKHTIN, 2017, p. 59).

Nossos clowndidatos podiam desistir do processo seletivo a qualquer momento. Às vezes, me dava vontade de trancar a porta do meu peito, com todos os clowndidatos dentro, depois jogar a chave fora, como diz a música de Chitãozinho & Xororó<sup>67</sup>, mas, precisei entender a liberdade de cada um. Entender que o conhecimento que tiveram no processo, como eles mesmos disseram, foi para a vida! Deles e nossa.

O voluntário pode ingressar no grupo e acabar ficando apenas um mês, dois semestres, três anos... Tudo tem um tempo para começar e ter seu fim – que reverberará. É como um casamento onde os dois entram ou não em acordo. Não há garantias, mas há aprendizado, sorrisal e aspirinas.

*A de Atrapalhado* é mais um clowndidato que ouviu ser um palhaço. É ou não é de se pensar que todos tem esse tal ser brincante dentro de si? Mesmo os mais sérios, às vezes, dão aquela escorregadela e pronto. Lá está o palhaço.

O clowndidato aponta que tem vários palhaços. Você pode estar se perguntando: Catavento, isso pode acontecer? Eu acredito que sim. O mestre Terreault (2018) afirma ter/ser quatro palhaços: um para crianças, outro que é a sombra desse para crianças - por isso gosta de malvadezas -, um para a terceira idade e um que é a sombra deste último - sendo mais mal-humorado. Cada um deles, inclusive, leva um nome diferente. (Informação verbal)<sup>68</sup>.

<sup>67</sup> Dupla de cantores de música sertaneja. A música na qual me refiro é Brincar de Ser Feliz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kX9AYKdhobM>> Acesso em: 18 abril 2020 às 16h00.

<sup>68</sup> TERREAULT, O-H. **Palestra Palhaço Hospitalar: quem ajuda quem?** Hospital do Idoso Zilda Ams, Curitiba, 2018. Informação verbal.

Alguns podem dizer que é o mesmo palhaço, mas que o que muda é o seu estado, o que também concordo. Tem dias de sol e tem dias de chuva. Tem dias de sorvete e dias de pipoca. Tem dias de sorrisos e outros de lágrimas. Não somos estanques.

O próprio cronotopo fornece um terreno importante para a exibição-representação dos acontecimentos. E isso se deve justamente a uma condensação espacial e à concretização dos sinais do tempo – do tempo da vida humana, do tempo histórico – em determinados trechos do espaço. (BAKHTIN, 2018, p. 227).

*A de Atrapalhado* reflete sobre seu desenvolvimento como um doutor-palhaço vendo as diferenças entre este e o seu palhaço, principalmente após participar da etapa Observalhaço. A linguagem do palhaço é rica e a figura do palhaço é universal, tendo percorrido desde tribos, com sua função curadora, a locais inusitados, como tribunais. Há sutilezas por onde ele passa e essas sutilezas não podem ser esquecidas em nenhuma de suas esferas. Encerro com Masetti:

Por sua forma de ver o mundo, o palhaço pode alterar a realidade, transformando-a no que deseja. Isso introduz no ambiente uma proposta de pensamentos complexo. Os fatos ganham uma nova lógica e sentido, contestando os acontecimentos até então estabelecidos. (MASETTI, 1998, p. 34).

#### 4.1.10 F de Falante

*É pra falar? Pensei que era só pra alguns, não sei, é pra todo mundo? Não, mas agora eu vou (risos), todo mundo falou! Mas é rápido. Voluntário... sempre fiz trabalhos voluntários, então, sempre gostei de fazer isso, beleza. O palhaço é algo mais profundo. É quando entrei na faculdade, nas primeiras semanas, eu assisti a um espetáculo do Alípio, foi Concerto em Ri Maior... do Alípio, não, do Sarrafo e do Wilson, isso. Aí, aquele espetáculo me marcou muito, porque eu vim do interior, não tem um palhaço. Existe o palhaço de circo mais espalhafatoso, uma coisa que realmente que é... ou... é meio invasivo... ou... quer fazer graça com outro e não é... quer fazer graça de si mesmo... e uma coisa assim... e, então, esse espetáculo me marcou: 'eu tenho que fazer alguma coisa aí, porque parece que, não sei, alguma coisa não tá funcionando bem'. Aí, passaram seis anos e com isso sempre na cabeça. Eu fiz um curso com o Alípio há pouco tempo e nesse curso a gente*

*trabalhou muito a questão de erros e eu tinha muito a questão de 'pô', eu errava na faculdade lá, era de Engenharia, aí errava na faculdade e tinha um monte de coisas, as coisas tinham que ser nas caixinhas. Eu ainda funciono por caixinhas, sabe, tudo tem que ser aqui, aqui tem que ser aqui, isso aqui funciona aqui, isso aqui funciona aqui, e eles me falavam isso... Eu ia me apresentar, já falavam: 'F., cê tá pensando assim, assim e assim...', falam: 'calma, calma'. E, sempre com chicotinho, né... errei e errei, errei, errei (sinal de chicote nas costas). Aí, o curso de palhaço veio muito, me ajudou muito nesse aspecto de falar: 'pára! Errou, agora vamos ver o que a gente vai fazer com esse erro!' Sigo em frente, não dá pra gente parar. É... então, assim o palhaço me encantou antes, me encanta agora, mas, após esse curso, ele tem muito mais significado, porque o palhaço me faz sentir mais livre e mais sem vergonha, sabe, quando você é um pouquinho mais sem vergonha? Se você tá sem vergonha, tipo, é você mesmo? Acabou, obrigado.*

Achei que *F de Falante* fosse fazer a piadinha infame, mas que a gente adora: 'é pavê ou pa cumê?!' E eu responderia: 'Sim, *F de Falante*, é pavê, pa cumê, pa fazê e pa falá tudo que quiser e mais um pouco. Fala que nós te escutamos!' Até que ele não falou tanto assim, mas o bastante para conhecermos dele um bocadinho a mais, afinal, é isso que queremos. Estamos na área de Humanas e falando de humanização por meio da linguagem do palhaço. De acordo com Bakhtin (2011, p. 395), "O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado".

Vindo do interior, ele nunca tinha visto espetáculos de palhaço no teatro e isto foi o que mais o marcou ao chegar a Curitiba. Como nosso encontro com a arte nos afeta e nos modifica! A partir daquele encontro com a arte, a linguagem do palhaço permeou sua imaginação, até o dia em que decidiu se desenformar com o Alípio - já falamos dele aqui na pesquisa, lembra-se daquele anúncio sobre seu curso?

*F de Falante* não procurou o palhaço para se profissionalizar, pois ele já estava cursando uma faculdade e trabalhava em outra área. Parece que a criança de *F de Falante* estava pedindo para ele: 'cante e dance sem parar, pule e grite ôôô, não se reprima!'<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> Paráfrase da música Não se Reprima, do grupo costariquenho dos anos 80, Menudo. Ouça sem se reprimir! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XDnL8IQYI0o>> Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 11h20.

Não importa o que escolhamos, poderíamos ter optado por algo distinto e, assim, poderíamos ter nos tornado outra pessoa. Essa outra pessoa que poderíamos ter sido e todas as demais que sempre poderíamos ser constituem nosso excedente de humanidade. Todas essas ideias pressupõem um mundo no qual a incerteza se reflete mais do que a ignorância das pessoas em relação às causas. Ou melhor, a incerteza caracteriza a própria natureza das coisas. (MORSON in BEMONG et al, 2015, p. 130).

Já falei em seções anteriores sobre nossas escolhas. A escolha de *F de Falante* foi se permitir errar, já que se vê como uma pessoa tão de Exatas. Lembra que disse em seções anteriores sobre falar de si é falar o que o outro falou? Olha aí *F de Falante* falando o que falam para ele: ‘você coloca coisas nas caixinhas’. Quer dizer, para ele tudo tem que ser perfeito, correto, exato. De acordo com Bakhtin:

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). (BAKHTIN, 2017, P. 38).

*F de Falante* também ouviu muito dizerem para ele ficar calmo. Eu acho que para ficar calmo precisa cheirar flor e soprar vela, mas só funciona se for uma flor fresca e uma vela de aniversário!

Por que precisamos ficar calmos, controlar nossas loucuras? Imagino uma cena palhacesca de *F de Falante* afobado colocando e tirando várias coisas de várias caixas.

O palhaço não nega a si e não nega o que o outro fala de si. Tem as pessoas que vão fazer terapia – o que eu super recomendo – e tem aquelas que vão fazer curso de palhaço para mexer nessas caixinhas contidas – o que eu também super recomendo.

Sobre o quanto o outro nos constitui, Bakhtin (2011, p. 14) complementa: “Ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos, e o último acontecimento, espécie de resumo, realiza-se em nós nas categorias da nossa própria vida”.

*F de Falante* fala sobre como se pune quando erra e o quanto o palhaço tem lhe ensinado a lidar com esses erros. Também já falei aqui na pesquisa, em seções anteriores, que um dos exercícios que praticamos é comemorar o erro nos jogos. Já temos um mundaréu de gentes nos punindo por não cabermos em suas caixinhas.



Não à toa também o palhaço quebra a quarta parede. Para bem da verdade, o palhaço não tem paredes, pois com paredes ele não consegue se relacionar com quem está à sua frente e em seu verso.

Nos corredores do hospital, nossos olhos e ouvidos precisam estar do mindinho até o último fio de cabelo ligados em 220 *volts* para alcançarmos toda nossa plateia. O público nunca é igual. Para Ferracini (2003, p. 218): “[...] o clown precisa do público para sobreviver e também para aprender. É, principalmente, a partir do contato com ele que o clown treina e desenvolve essa sua capacidade de jogo e relação”.

Mas, em um jogo com a plateia do hospital, pode haver erro e comemorar? Alguns erros não podem ser cometidos, como: sentar no leito do paciente, não usar álcool gel, esquecer-se de higienizar seu figurino, brincar com o extintor de incêndio, travar o caminho dos enfermeiros e médicos, entre outros. Não digo nem que isto seja um erro de jogada, mas de arquibancada. No entanto, o palhaço pode jogar a peteca para a pessoa errada, acertar a cabeça do outro palhaço, segurar a peteca pelas penas... tudo isto sem deixar, claro, a Peteca do jogo cair. Alguns ‘erros’ são um presente para o palhaço. Melhor aproveitar e se esbaldar.

Tem uma frase no enunciado de *F de Falante* que é “sigo em frente, não dá pra gente parar” e me lembra dos versos da música Brincar de Viver,<sup>70</sup> do Guilherme Arantes e Jon Marcus Lucien: “você verá que é mesmo assim, que a história não tem fim, continua sempre que você responde sim à sua imaginação. A arte de sorrir cada vez que o mundo diz não”. Se o bichinho palhacesco der a primeira mordida e você disser sim à sua imaginação, melhor não parar e aproveitar para dar asas a ela e voar. O clowndidato encerra dizendo que o negócio é perder a vergonha. Digo que se tem vergonha, vai com vergonha mesmo. Só vai. O mundo continuará a nos dizer e a nos ensinar a dizer não. Vamos responsivamente sorrir e dizer sim.

## **\*\* AUSCULTANDO O CORAÇÃO \*\***

Todos os clowndidatos reconhecem ter um palhaço dentro de si. Por que continuar com a preparação artístico-pedagógica? Porque o palhaço que habita em cada clowndidato quer sair, falar, interagir. Ninguém está pronto! Ninguém nasce pronto, nem as pessoas civis nem os palhaços. Os próprios clowndidatos dizem o

<sup>70</sup> A canção pode ser ouvida na voz de Maria Bethânia! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OEyjM6abNuo>>. Acesso em: 21 maio 2020 às 23h22.

quanto têm a aprender e a desbravar de seus palhaços e reconhecem que há um cuidado maior quando se fala em doutor-palhaço. O universo do palhaço é feito de possibilidades. Para Morson (in Bemong et al, 2015, p. 121, “[...] o tempo é genuinamente aberto, o que implica que, em qualquer momento dado, mais de uma coisa pode acontecer. Há mais possibilidades do que fatos”.

O palhaço é exotópico. Primeiro, porque eu, sujeito Patricia, olho para eu, palhaça Catavento e vejo o que a Catavento não vê. Segundo, porque eu, palhaça Catavento, olho para eu, sujeito Patricia, e também vejo o que a Patricia não vê. Parece dar nó tentar compreender. Mas é simples: ambas, Patricia e Catavento, se constituem e se alteram.

Nos clowndidatos foi possível perceber o nariz do palhaço latente, querendo transgredir, ‘pular, dançar, correr, cair no chão, cantando alegremente aquela canção’<sup>71</sup>. Esses narizes também querem deixar sua assinatura por onde quer que passem. Também querem convidar o outro a se juntar ao seu compasso.

Tudo isto é possível com o estado brincante da criança e com a responsabilidade inerente do adulto, pois ninguém precisa sair machucado, já que o nariz existe para isto: a cura das machucaduras.

E como sair de bloqueios que nos adúlteraram sem nos deixar presos nas caixinhas? Palhaçar!

É difícil para a grande maioria conseguir fazer rir simplesmente com o que são, precisamente porque é uma arte. Não é até que você experimenta o papel de artista que percebe tudo o que está em jogo, e de todos os elementos que você tem que considerar quando exerce esta arte. (DREAM, 2018, p. 119).

É treinar, treinar e treinar a arte de palhaçar. Na próxima seção, analiso uma postagem do *Instagram* sobre a experiência de sairmos nas ruas com o nariz de palhaço. Bora curtir, comentar e compartilhar!

## 4.2 BEATLESCLOWN

Na oficina Metendo o Nariz onde é Chamado, havia pedido que levassem nariz de palhaço - caso não tivessem, disponibilizaríamos um de plástico – e roupas

<sup>71</sup> Verso da canção de Messias Correa Neri e Rogerio Guedes Campos, interpretada por Xuxa. Ouça brincando! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LNztTxYuAxs>> Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 11h22.

para pensarmos juntos figurinos. Após nossa roda de clownversa, passei alguns vídeos do *youtube* que mostram crianças sendo 'sinceras', para que pensássemos um pouco na lógica própria dessas crianças e na lógica do palhaço.

FIGURA 39 - DÓ RÉ MI FÁ – CURITIBA-PR



FONTE: Álbum de Família (1983).  
Aprendendo a tocar piano.

Em seguida, pedi para que fechassem os olhos e recordassem a Infância ao som de Brincar de Viver, de Guilherme Arantes e Jon Marcus Lucien. Lembrar-se da fase de nossa Infância de alguma forma nos afeta. Teve muito choro e riso. É importante ressaltar que as motivações de resgatar um pouco da Infância não são porque o palhaço é criança. Eu, Catavento, já tenho meus quatro ponto zero de quilômetros rodados e os clowndidatos na faixa dos trinta. Como afirma Dream (2018, p. 73): “Palhaço se apropria de algumas coisas de criança, mas ele não é criança, como adulto, tem consciência do valor cômico”.

Pedi para que lembrassem um monstro que tinham medo quando criança. Surgiu Fred Krueger, lobisomem, aranhas gigantes, Chuck brinquedo assassino... Com esses personagens brincamos de pega-pega onde quem fosse o pegador se transformaria nesse monstro da Infância. Burnier (2001, p. 209) fala que: “O clown é a exposição do ridículo e das fraquezas de cada um. Logo, ele é um tipo pessoal e único”. Cada um pôde mostrar um pouco de si e de seu palhaço a partir de suas lembranças. Como afirma Dream (2018, p. 51): “[...] o aprendizado do clown não é

linear, e os passos que cada um tem que dar variam de indivíduo a indivíduo e é impossível dizer pra você qual é o primeiro e qual o segundo”.

Fizemos o jogo de caminhar individual em que os demais seguiriam atrás do primeiro caminhante colocando em seu corpo o que viam do corpo do outro, exagerando um pouquinho. Ao fim, o primeiro caminhante olhava de fora os colegas que exageravam seu corpo ao caminhar. São pistas do corpo que podemos dar ao nosso palhaço. Wu dialoga com Bakhtin ao falar que é o outro que pode nos ver por completo, ela diz:

A “outra lógica de mim” ri de mim por meio do outro: eu não posso ver o meu corpo, mas posso ver o outro vendo e rindo daquilo que é a minha comicidade corpórea. Não posso ver, mas posso ver pelo outro que vê; sou totalmente cega para me ver, mas o outro ri. (WUO, 1999, p 24).

Fizemos mais alguns jogos até que os desafiei de surpresa a sairmos nas ruas desfilando nossos figurinos e nossos narizes. Alguns questionaram o que deveriam fazer, foi quando respondi para se RELACIONAREM com o espaço, com o outro... Nesta seção, farei a análise verbo-visual de uma foto postada nas redes sociais de uma das clowndidatas sobre a experiência de estar como palhaça na rua.

Por se tratar de uma postagem em uma rede social em que une enunciados verbal e visual, não posso deixar de falar sobre a dimensão verbo-visual. Para isto, trago os estudos de Gonçalves em que diz:

A dimensão verbo-visual está presente na sociedade, participando da constituição dos sujeitos e suas identidades. O enunciado composto de elementos verbais e visuais possui como peculiaridade a unidade entre diferentes possibilidades de se dizer, em situações nas quais o texto, para produzir sentido, precisa ser analisado de forma que se considere a enunciação em seu contexto amplo, na relação entre verbo e visualidade. (GONÇALVES, 2014, p. 92).

Denominei de Beatlesclown pela imagem remeter à capa do 12º disco dos *Beatles*, *Abbey Road*. Na foto dos *Beatles*, os integrantes atravessam a rua em uma faixa de pedestre, todos olhando para frente, aparecendo em lateral.



FIGURA 40 – BEATLESCLOWN – CURITIBA-PR



FONTE: Página de Denise Ramalho no *Instagram*<sup>72</sup> (2018).  
Foto: Flávia Bertoldi/Especialistas.

FIGURA 41 - CAPA LP BEATLES



FONTE: Página da Exame na *Internet*<sup>73</sup> (2020).  
Foto: Apple Records/Reprodução.

<sup>72</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/deniseramalhowsr/?hl=pt-br>>. Acesso em: 27 maio 2019 às 13h.

<sup>73</sup> Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/ha-50-anos-disco-abbey-road-dava-adeus-ao-sonho/>>. Acesso em: 18 fevereiro 2020 às 19h.

Os clowndidatos atravessam a rua na faixa de pedestre como os integrantes dos Beatles, mas, ao contrário deles, se relacionando com a câmera pelo olhar e sorrisos. O palhaço tem essa liberdade de romper com os padrões, por isso, rompe por meio do corpo, dos gestos, das atitudes.

Em uma analogia da foto com o dia-a-dia do doutor-palhaço posso dizer que ele espera o sinal estar aberto para sua passagem pelos caminhos do hospital: vestiário, recepções, corredores, quimioterapia, radioterapia, quartos, UTI... Sinal aberto, o doutor-palhaço passa se relacionando com quem cruza seu caminho pelo olhar, sorrisos... A visita do doutor-palhaço no hospital é uma travessia pela leveza e alegria.

O doutor-palhaço dá cores ao hospital, como os clowndidatos deram cores às ruas. O doutor-palhaço, tal como os clowndidatos, atravessa pela faixa de pedestres. Não se esquece da segurança de si e de outros, fazendo sua entrada palhacesca no hospital com responsabilidade, afinal, o nariz do palhaço é para revelar o nosso melhor.

O palhaço pode não ser o *expert* da turma, ele é meio bobo mesmo, atrapalhado, mas vale ressaltar novamente que quem está por trás da máscara do palhaço é um adulto, como explica Dream:

Ser palhaço significa renunciar à pressão de ser inteligente, mas não à inteligência em si. O palhaço pode parecer um idiota, mas quem lhe dá vida não é. O fato de não pretender ser inteligente é extremamente liberador, abre passagem a uma criatividade totalmente espontânea que, certamente, é muito prazerosa. (DREAM, 2018, p. 97).

No discurso-enunciativo, a clowndidata diz que descobriu que ‘errar faz parte da vida’, pois como já disse errar para o palhaço pode ser um presente. O erro aproxima o palhaço do que há de mais humano. Mas, aqui reflito novamente nesse erro com responsabilidade e responsividade. Eu respondo pelos meus atos (BAKHTIN, 1993).

Responder pelos nossos atos é afirmar nossa existência no mundo e no lugar que ocupamos, como aqui no caso, doutores-palhaços e todo ônus e bônus que há ao nos denominarmos ‘doutor’.

Doutor deriva do latim *docere* e quer dizer ensinar, mas existe uma tradição vinda do Brasil Colônia de chamarmos médicos e advogados de doutores. Segundo uma reportagem *on-line* da revista SuperInteressante, “em 1827, dom Pedro I



decretou que aquele que concluísse os cursos de Ciências Jurídicas e Sociais no Brasil deveria ser tratado como doutor”. (COSTA, 2020)<sup>74</sup>.

O “doutor” médico implica aqui também o sentido de responsabilidade pela vida humana, que, cientificamente, está em suas mãos.

No circo, o palhaço entra em cena para aliviar a tensão do público, devido aos números perigosos exibidos. Ali, naquele espaço, entre acrobatas, trapezistas, também não pode haver o erro, pois custa uma vida, mas o palhaço chega para dizer à plateia que ele pode errar, ele é tão humano quanto o público. O palhaço de circo, da mesma forma que o doutor-palhaço, pode tudo, mas não é por poder tudo que ele vai cometer um ato que possa colocar em risco outras vidas.

Se o palhaço de circo entra em cena para aliviar a tensão dos outros números, o doutor-palhaço entra em cena no hospital para mostrar à plateia que ele é frágil. Tão frágil quanto aquele público. Para Bakhtin (1993, p. 51): “O experimentar ativo de uma experiência, o pensar ativo de um pensamento, significa não estar de modo algum indiferente a ele, significa afirmá-lo de uma maneira emocional-volitiva”.

Estar na rua é experimentar uma infinidade de possibilidades e diálogos. O diálogo dos clowndidatos com o espaço foi o de brincar. Estavam eufóricos com seus narizes e seus palhaços. Quando colocamos o nariz e saímos às ruas sem pensar nas convenções de um corpo que anda nas ruas o deixamos livre. Ele baila com a Polícia, entra no meio de enamorados, bate-papo com o banco da praça, faz passo de *ballet* junto ao chafariz – aliás, Alves (2016, p. 268) diz que “para se aprender a pensar é preciso primeiro aprender a dançar. Quem dança com as ideias descobre que pensar é alegria”.

Os corpos que atravessam a rua não são corpos cotidianos, como dos integrantes dos Beatles. Eles estão soltos mostrando, como diz a clowndidata no *Instagram*: ‘o palhaço que existe em ti’, esse ser esvoaçante que balança com o vento, cai, se levanta, balança de novo e ri ao cair mais uma vez. Nossos corpos estão acostumados com a rigidez. Tudo é aprendido (e repreendido), inclusive a se portar como um homem ou a se portar como uma mulher. Homem não anda assim, não chora e não veste rosa. Mulher não senta assim, não manda e não veste azul. E nossos corpos vão enrijecendo e adoecendo. Como afirma Alves:

---

<sup>74</sup> Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/e-errado-chamar-medico-e-advogado-de-doutor/>>. Acesso em: 11 janeiro 2020.

E o corpo aprende a fazer as necessidades fisiológicas nos lugares e tempos permitidos, a conquistar o relógio biológico e a acordar segundo o tempo convencional das atividades socialmente organizadas, a se disciplinar como guerreiro, como artista ou como puro cérebro. (ALVES, p. 39, 2016).

A partir do momento que se descobre as possibilidades de seu corpo, ele amolece. A sociedade não quer ‘corpo mole’, é preciso corpos duros para produzir e render. O corpo do palhaço é mole, pois ele não tem pressa para se relacionar! Seu corpo precisa ser mole para ser flexível e alcançar olhares. Precisa ser mole para ser imprevisível e conquistar corações. Precisa ser mole para ser amplo e escutar à distância. No hospital, é o contraponto dos demais corpos que passam apressados ou que estão parados. É um corpo de molejo para lidar com o dia-a-dia.

A experiência do nariz vermelho dos clowndidatos disposto nas ruas causou inquietudes. Percebi que os clowndidatos estavam afoitos para colocarem seus narizes vermelhos no hospital e saírem distribuindo receitas palhacescas aos pacientes, o que aconteceu na etapa seguinte, o Nariz em Treinamento. Encerro esta seção com Lecoq:

A pesquisa do clown próprio de cada um é, primeiramente, a pesquisa de seu próprio ridículo. [...] Deve descobrir nele mesmo a parte clown que o habita. Quanto menos se defender e tentar representar um personagem, mais o ator se deixará surpreender por suas próprias fraquezas, mais seu clown aparecerá com força. (LECOQ, 2014, p. 214).

FIGURA 42 - BALLET NA FONTE – PRAÇA OSÓRIO, CURITIBA-PR



FONTE: Jefferson Bertoldi/Especialistas (2018).

FIGURA 43 - POSE PRA FOTO - PRAÇA OSÓRIO, CURITIBA-PR



FONTE: Jefferson Bertoldi/Especialistas (2018).

## 5 NARIZ EM TREINAMENTO

*Dizem que o palhaço de hospital deve 'fazer o bem, sem olhar a quem'.*

*Isso é um grande erro!*

*Devemos fazer o bem olhando bem a quem!*

*Rodrigo Robleño (Palhaço Vira-Lata)*

Um, dois, feijão com arroz; três, quatro, feijão no prato! Sempre que se fala em treinamento de palhaço fico imaginando todos embaralhados, dançando e cantando esse verso popular. A gente também precisa de vez em quando de uma organização, nem que seja uma bagunça organizada.

As atividades desta etapa aconteceram no período de 16/09/2018 a 27/10/2018. O clowndidato realizava duas visitas ao HEG como doutor-palhaço-residente, sempre acompanhado por um doutor-palhaço do grupo Especialistas da Alegria e por mim, em pelo menos uma das visitas. Lembrando que esta etapa aconteceu após a oficina Metendo o Nariz onde é Chamado em que eles colocaram seu nariz vermelho pela primeira vez. O processo dessa etapa está explicitado no capítulo anterior.

Neste mesmo período do Nariz em Treinamento, em paralelo, eles recebiam atividades focadas na esfera artística palhacesca. A cada semana foi compartilhado por *e-mail* um *link* no qual os candidatos tinham acesso a materiais teóricos (capítulos de livros, vídeos...) sobre a linguagem do palhaço. O *link* direcionava à página do programa *on-line* denominado *Matrix*, ops, quase isso, digo, *Qualtrics*. O programa permitia aos clowndidatos responderem às atividades pelo mesmo acesso.

Nós, palhaços, mesmo sendo figuras de tempos primórdios, também usamos e abusamos da tecnologia! Sob a ótica bakhtiniana, a linguagem é dinâmica. Sendo a linguagem o centro das relações sociais, logo, as relações também são dinâmicas, por isso acompanham o ritmo do avanço tecnológico. Estão aí as redes sociais que não deixam nem eu, nem Bakhtin, mentir: *Facebook*, *Instagram*, *Msn*, *Tinder*...

Esses novos meios tecnológicos de se relacionar – consigo e com o outro - por vezes nos fazem reféns (quem nunca perdeu uma informação importante que estava armazenada ali naquela memória que só o seu celular tinha e de repente... *pif*, adeus celular?). Entretanto, eles constituem e são constituídos por todas as

esferas da atividade humana (e palhacesca!). O grupo e eu aproveitamos e extraímos o melhor da tecnologia e suas possibilidades enunciativas. Todo material disponibilizado para os clowndidatos estão descritos no QUADRO 2 com *links* de acesso para o leitor.

Na primeira semana de outubro/2018, entramos na temática *Mergulhando no universo do palhaço* e propusemos, além da leitura de vários textos e vídeos, uma proposta diferente: gravar um vídeo com o nariz de palhaço contando sobre um apelido e um mico. O intuito era para que cada um fosse se familiarizando com seu nariz e despertando o ridículo que há em si,

A preparação artístico-pedagógica põe lentes de aumento nesses palhaços que estão nascendo, pois o professor / facilitador amplia seu olhar exotópico e seu excedente de visão, por isto foi pedido esse resgate de lembranças aos clowndidatos e que eles contassem com seus narizes vermelhos.

A análise que será realizada neste capítulo tem sua materialidade produzida a partir do gênero enunciativo que é o vídeo pedido para cada clowndidato. Escolhi um dos vídeos para recorte de análise, pois todos se assemelharam nos resultados de alteridade, cronotopo e exotopia. Dentro da análise deste vídeo, recorrerei, em alguns momentos, aos enunciados dos vídeos dos outros clowndidatos.

Segue o texto enunciativo da tarefa:

*Separamos aqui alguns trechos sobre a arte do palhaço para esta atividade. Não se assustem, os textos são curtos, de fácil leitura e dialogam entre si. Após a realização das leituras, clique em avançar.*

#### QUESTÕES:

1. *A partir das leituras dos textos, diga brevemente qual é a diferença entre palhaço e personagem.*
2. *Descreva em poucas linhas o que mais lhe marcou nessas leituras.*
3. *Para fechar esta atividade, vamos propor algo diferente: Depois de tudo que você leu até aqui, vamos refletir sobre seu palhaço? A proposta é colocar seu nariz e gravar um vídeo de no máximo 3 minutos da seguinte forma: escolha uma ação cotidiana que você possa fazer com o nariz e*



*durante essa atividade nos fale duas situações – 1. Liste os apelidos que você já foi chamado e escolha um para contar o motivo e se gosta ou não; 2. Liste os adjetivos maravilhosamente ridículos - que são só seus e ninguém tasca; 3. Conte-nos uma de suas histórias das quais você passou por um papel ridículo (um King Kong mesmo.)*

*IMPORTANTE: O objetivo principal desta proposta é que você sinta o estado do seu palhaço e possa brincar com isso. Não edite o vídeo. Permita-se improvisar e se errar, brincar com esse erro. Vai no improviso com a cara, o nariz de palhaço e a coragem... e, se faltar coragem, vai sem coragem mesmo. O importante é que seja autêntico, honesto, só seu. Não precisa tentar fazer graça e nem dizer seu nome de palhaço. É só brincar. Pode ser dançando na chuva, cantando no chuveiro, comendo, no parque, entre outros.*

*Ah, reforçando, no máximo 3 minutos, clareza no áudio, celular na horizontal e nada de nudes! Depois de gravado o vídeo pode ser enviado para o whatsapp da Flávia (ela irá repassar à Coordenação).*

*Segue aqui alguns vídeos que podem lhe servir de inspiração. Fique tranquilo, não precisa fazer nenhuma atividade a respeito deles, basta assisti-los para compreender que existem diferentes tipos de palhaços.*

Encaminhamos alguns vídeos de palhaços profissionais para que cada clownidato percebesse a variedade de palhaços. Cada palhaço tem sua própria lógica, suas habilidades e seu jeito de criar e resolver situações. Para motivá-los, também fiz meu próprio vídeo: <<https://youtu.be/lrH73GXDuuE>>



FIGURA 44 - CATAVENTOS – NO QUINTAL DE CASA



FONTE: Compilação do autor<sup>75</sup> (2018).

### 5.1 FILÓ-FOFÓ

*Link de acesso ao Vídeo Filó-fofó em: <<https://youtu.be/cTa7XIyVABQ>>*

A clowndidata escolheu gravar seu vídeo em sua casa, no cômodo da cozinha, sentada em frente a uma mesa, tomando seu café da manhã. Segue a descrição na íntegra:

*A clowndidata está na cozinha de sua casa. Sentada, com uma caneca verde com desenhos de sapos, inicia o vídeo com esta caneca sobre seu rosto. Ao abaixar a caneca, seu nariz vermelho se desponta aos poucos. Ela engole o líquido, dá um leve sorriso e inicia sua fala.*

<sup>75</sup> Montagem a partir de imagens coletadas no vídeo <<https://youtu.be/lrH73GXDuuE>>.

Bom dia (*pausa, olha para a caneca*). Tô tomando café... quer dizer, achocolatado (*pausa, mexe no cabelo*). Eu me controlei para não falar a marca do achocolatado e eu consegui (*faz gesto com as mãos em sinal de 'vitória'*). Gente, tô aqui tomando meu café da manhã (*pausa, coloca a caneca sobre a mesa*) e eu venho aqui contar pra vocês (*pausa, passa o dedo na borda da caneca enquanto fala, por vezes, joga o olhar para baixo*) dois apelidos que me marcaram muito: um na infância e um na adolescência (*se ajeita na cadeira, abaixa o braços e pousa a mãos sobre seu corpo*).

Eu quando era criança eu assistia 'A Praça é Nossa' (*com uma das mãos volta para a caneca*) e eu tinha uma mania de imitar a Filomena - aquela personagem das bochechinhas bem rosadas com aquele lencinho na cabeça que cobria todo o cabelo (*gesticula com as mãos para ajudar na descrição da personagem*) -, e ela falava assim: ó coitado! (*faz a imitação com a voz, pausa, vira os olhos*). É, gente, eu era uma criança que imitava a Filomena (*pausa, por vezes olha para baixo, faz gesto com as duas mãos movimentando circularmente os dedos*) e aí esse apelido pegou pela família inteira e meu pai, não contente em me chamar ou de Filó ou de Filomena, ele resolveu incrementar meu apelido e aí ele colocou 'fófo' no final. Então, todo mundo me chamava de Filó-fófo (*gesticula com as mãos comunicando junto com sua fala e ao final da frase faz um estalo com a boca, pausa e um leve sorriso*). Será que eu gosto do apelido? Não! (*risos, vira os olhos, leve suspiro, olha para baixo rapidamente*).

E na minha adolescência eu assistia a um seriado da Globo chamado *A Diarista*. Nesse seriado tinha a Cláudia Abreu que fazia a Marinete e tinha a Dira Paes que fazia uma personagem que eu não lembro o nome, mas que o apelido era Poia (*com uma mão na caneca e a outra gesticulando, pausa, olha para câmera com olhar mais aberto, dá uma leve piscada junto de um gesto leve com a cabeça para baixo*) e como eu também, assim como a personagem, eu era uma pessoa mais lenta, uma adolescente mais lenta no sentido de pegar no ar as coisas, entender a maldade do povo, entendeu? Sacar qual era do coleguinha... Era lerda pra isso e aí meu apelido ficou Poia também (*gesticula com mãos e corpo comunicando junto de sua fala a história, finaliza a frase, olha para baixo e faz um estalo com a boca, pausa*) e eu passei o Fundamental II e o Ensino Médio todo sendo chamada de Poia (*pausa, olha para baixo, leve suspiro*).

E um dos ‘micos’ que me marcou muito foi na 5ª série... na antiga 5ª série... uma apresentação de geografia que eu tinha que fazer. Eu morria de vergonha de ir lá na frente. Tinha muita vergonha (*movimenta os dedos na borda da caneca, por vezes olha para baixo*) e aí eu cheguei lá com a minha colinha e fiz assim: (*finge estar segurando um papel em mãos*) os relevos são... (*joga o olhar para o papel fictício em mãos e para câmera por duas vezes e pausa*) e travei (*sorriso*) e ficou aquele silêncio (*gesticula com as mãos*) e eu tentei de novo (*novamente o gesto de papel em suas mãos*): os relevos são... parecia que depois do ‘são’ todas as palavras do papel tinham sumido e eu não enxergava nada e eu travei e o professor falou: “tá bom, Flávia, pode sentar”. Mas eu fiz essas pausas e essas frases umas quatro vezes lá na frente e aí o professor me mandou sentar e aí ninguém perdoa né, gente... (*leve pausa, gesticula com as mãos comunicando sua história junto com a fala, termina a frase com as mãos cruzadas sobre a caneca*) 5ª série... a galerinha é do mal, ninguém perdoa (*gesticula com as mãos comunicando sua história junto com a fala*). É isso gente, beijo (*envia o beijo estalando um beijo em sua mão*).

FIGURA 45 - ACHOCOLATADO DA FILÓ-FOFÓ – CURITIBA-PR



FONTE: Flávia Bertoldi/Especialistas (2018).

Nos primeiros apontamentos dessa análise, observo que no enunciado-discursivo, a clowndidata deu pistas de sua palhaça por meio de gestos, movimentos, palavras, expressões, pausas, aliás, de acordo com Dream (2018, p. 65): “as pausas durante a ação são capazes de transmitir muita informação”. A voz da clowndidata não se alterou ao estar com o nariz de palhaça, como acontece com

alguns sujeitos ao colocarem o nariz. O interessante é que com os demais clowndidatos o mesmo também aconteceu, se mantiveram com a mesma voz.

Digo e repito: o palhaço tem sua própria lógica. Modificar a voz não seria exatamente um ‘erro’ – eu mesma tenho uma voz mais aguda e confundida com voz de uma criança, mas, a minha voz está à minha altura: 1,53m.

No entanto, em minha experiência em oficinas / cursos / iniciações, observo que há pessoas que ao colocarem o nariz, anseiam em criar algo externo a si, estereotipado e infantilizado. Dream afirma que:

No curso de iniciação ao clown [...], não distribuimos narizes de imediato. Primeiro pedimos aos nossos alunos que brinquem e sejam eles mesmos no palco. Mesmo assim, nos demos conta de um estranho fenômeno que acontece com algumas pessoas quando põem o nariz. De repente, perdem a autenticidade que tinham antes de colocá-lo. Entram em cena com uma alegria forçada ou gritando “olá!”, com uma vozinha aguda, fingem um escorregão e caem de bunda, ou adotam uma atitude ‘infantilóide’. (DREAM, 2018, p. 41).

O nariz que a clowndidata escolheu para usar é um vermelho de ponta empinada. Outra clowndidata também optou por este nariz. Os demais foram de basicão: redondo vermelho. Dizem que pessoas de nariz empinado são metidas, mas como o palhaço transgride as regras, as clowndidatas que usaram este tipo de nariz não adotaram essa postura. Isto não seria um problema, afinal, temos aí o palhaço Branco que, por seu cronotopo, “usa trajes elegantes e busca apresentar fineza nos gestos e movimentos, preservando assim, alguns valores aristocráticos que ainda estavam presentes na consolidação do circo moderno”. (CASTRO, 2019, p. 27).

Mas por que ela escolheu um diferente do tradicional de bola? Hoje em dia tem nariz para todos os gostos e todas as cores. Somos todos um na diversidade. Meu nariz, minhas regras! Como o palhaço é o seu ‘eu em alteridade’, cada um escolhe o nariz no qual se identifica, podendo modificá-lo no decorrer de sua trajetória, até chegar a um ponto de nem usá-lo e nem por isto perder o seu estado de palhaço.

Particularmente, confesso que ainda sou do tempo do nariz redondo vermelho por seus sentidos e simbolismo que me afetam: a cor vermelha e redonda pra indicar a queda, o machucado, o sangue e o inchaço, mas mais que isso, o

poder de se levantar novamente. O nariz empinado também pode remeter a esse poder de se levantar... machucado, mas, altivo, valente, de nariz em pé.

A partir das inúmeras possibilidades de mesclas e variações, novas formas se apresentam. A arte dos palhaços não tem começo nem fim: é um fenômeno vivo e em movimento constante, sendo necessário ponderar também sobre miscigenações e entre-lugares. (CASTRO, 2019, p. 88).

A história O Nariz do Palhaço<sup>76</sup>, de Sandra Cursino, contadora de histórias, conta que havia um palhaço de nariz de bola grande e vermelho que toda vez que entrava em cena fazia as crianças gargalharem. Mas, quando ele saía de cena, ele sempre chorava. Um dia, uma menina o viu chorando e o questionou. Ele respondeu que não gostava de seu nariz e que todos riam dele.

A menina o levou para a Narizolândia para que ele escolhesse um novo nariz. Ele então trocou seu nariz redondo vermelho por um quadrangular amarelo. No dia seguinte, com seu novo nariz, entrou sorridente no espetáculo, mas as crianças o vaiaram. Junto da menina, ele voltou à Narizolândia e desta vez escolheu um nariz triangular verde. Novamente, ao entrar em cena, as crianças não riram e vaiaram. Desolado, o palhaço não entendeu nada. Mais uma vez foi para a Narizolândia com a menina e lá viu, em um cantinho esquecido, seu nariz redondo vermelho e resolveu ficar com seu próprio nariz. Quando o colocou, a menina caiu na gargalhada e o palhaço então perguntou por que ela estava rindo e ela respondeu: você é engraçado do jeito que você é.

Então, se o teu nariz é arrebitado, grande, pequeno, colorido ou com esparadrapo pra curar o machucado, *no problems*, o que importa é que ele seja do jeito que você é. Sendo do seu jeito, ele causará risos, afinal, parafraseando Castro (2019), o palhaço não é 'isto ou aquilo', mas pode ser isto, aquilo, aquele outro e muito mais.

O nariz do palhaço está em destaque para chamar a atenção não só para o nariz como para os olhos e a boca. É através dos olhos e da boca que vemos o sorriso. Sorriso remete à alegria, que tanto foi dita pelos clowndidatos em seus discursos.

<sup>76</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KjohRwmUJEU>> Acesso em: 08 fevereiro 2020 às 21h05.

No 5º Encontro Nacional de Palhaços que atuam em Hospital, o professor Lino de Macedo<sup>77</sup> falou sobre ‘alegria’. Parafraseando-o: a alegria não é necessariamente dar risada, isto seria limitá-la. Alegria é se relacionar com a vida, é ludicidade e lucidez, é dar valor à vida e a si mesmo. Palhaço tem que ter alegria no que faz, pois onde está a alegria está a entrega. (Informação verbal)<sup>78</sup>.

Quando falamos que o palhaço é sagrado, podemos pensar que a palavra sagrado é aquilo que vale a pena se sacrificar, se entregar. O doutor-palhaço, com sua alegria (entrega pelo que faz), vai ao hospital resgatar o que o paciente tem de vida / alegria e não de morte. Ele é um instante de leveza para os que estão ali.

No nariz do palhaço há uma lente de aumento que potencializa acreditar na bobeira que o palhaço inventa. A clowndidata, com o nariz de palhaço, tem uma ‘bobeira’ nos olhos que vira e mexe se reviram e isto pode ser bem aproveitado para sua doutora-palhaça.

Ah, o olhar! O olhar do palhaço é fundamental. É com o olhar que o palhaço se conecta, se relaciona com o outro. Os clowndidatos nos conectaram a eles, mesmo que por vídeo, com o olhar que nos contaram, junto com suas palavras, as suas histórias.

Pelos olhos, damos aquela piscadela de um olho só para combinar algo com alguém, para brincar e para paquerar. Com os dois olhos, piscamos para consentir, fechamos para dormir. São poucos os que conseguem fixar os olhos tanto tempo para outro olhar, pois é deixar se envolver, se cativar.

O poeta Vinicius de Moraes<sup>79</sup> já dizia: “quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar, ai que bom que isso é, meu Deus, que frio que me dá o encontro desse olhar”.<sup>80</sup> Em um primeiro encontro dá um frio na

<sup>77</sup> Professor emérito do Instituto de Psicologia da USP, assessor do Instituto Pensi (FJLES), membro do Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância, do Instituto de Estudos Avançados (USP) e da Academia Paulista de Psicologia. Recorre a jogos e brincadeiras para estudar processos de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano em contextos que interligam psicologia, educação e saúde. Informação extraída do folder distribuído no 5º Encontro Nacional de Palhaços que atuam em Hospital, Doutores da Alegria e Palhaços em Rede, Centro Universitário São Camilo, São Paulo-SP, 16 a 18 de novembro de 2018.

<sup>78</sup> MACEDO, L. d. **5º Encontro Nacional de Palhaços que atuam em Hospital**, Doutores da Alegria e Palhaços em Rede, Centro Universitário São Camilo, São Paulo-SP, 16 a 18 de novembro de 2018. Informação verbal. Mais informações disponíveis em: <<https://doutoresdaalegria.org.br/blog/como-foi-o-5o-encontro-nacional-de-palhacos-que-atuam-em-hospital/>>. Acesso em: 19 abril 2020 às 13h39.

<sup>79</sup> Poeta e compositor brasileiro. Um dos fundadores, nos anos 50, do movimento musical Bossa Nova. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/vinicius\\_de\\_moraes/](https://www.ebiografia.com/vinicius_de_moraes/)>. Acesso em: 25 abril 2020 às 17h26.

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/pela-luz-dos-olhos-teus>>. Acesso em: 25 abril 2020 às 17h26.



barriga. Não falo só de encontros amorosos, mas também de outros: primeiro dia na escola, primeira festa de amigos, primeiro emprego, estreia de espetáculo, primeiro nariz vermelho, primeiro dia de visita no hospital como doutor-palhaço... Queremos e precisamos desse encontro de olhares: com a professora, com os amigos, com a plateia, com os pacientes... Se o palhaço olha, mas não sente esse frio na barriga, é de se refletir sobre esse olhar. Cada encontro é único, então esse friozinho na barriga é constante e ai, meu Deus, que delícia essa sensação.

Dizem que os olhos são a janela da alma. Em uma reportagem do site *Mood*<sup>81</sup> (2017), há a informação de uma pesquisa na Universidade de Cornell, nos EUA, que diz que é possível interpretar emoções somente pela análise das expressões dos olhos. Thebas (2009, p. 75) afirma: “Quando o palhaço coloca a alma em cada gesto, em cada passo, em cada olhar, tudo fica parecendo verdade, e é a verdade que faz o público realmente se emocionar e rir.” A clownidata Filó-fofó mostra essa verdade pelo olhar e seus olhos revirantes.

Ela nos conta a história de dois apelidos que recebeu e que não gostou. Apelido, aqui, é ganhar outro nome, que não o seu, para identificar algo em você, geralmente algo considerado ridículo.

Tive muitos apelidos, posso dizer que sou uma sujeita de muitos nomes: pata, pat girl, cissa, catricia, patusca, patusquela, pateta, pamonha, pafúncia, tatuzinho, pet, chaveirinho, periquitinha, saracura, biscuit, gralha, cabeça de vento...

A comunidade dos surdos comumente denomina o outro com um gesto que simboliza algo que seja marcante, como uma pinta em alguma parte do corpo ou um cabelo espetado ou um olho puxado. Circo, por exemplo, é representado por um gesto no nariz, indicando o nariz do palhaço.

O primeiro apelido da clownidata foi Filó, por ela imitar uma personagem cômica da tevê de nome Filomena. Mas, seu pai deu um plus ao apelido e colocou um Fofó no final. Apelido é aquela coisa que quanto menos você gosta, mais gruda em você e mais fica a sua cara. Eu aconselho aceitar que dói menos. Bem, não estamos falando aqui de *bullying*, que se configura em outra questão onde embarca a violência. Estamos falando de apelidos que no fundo são carinhosos. Meu pai me

---

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://mood.sapo.pt/novo-estudo-confirma-que-os-olhos-sao-o-espelho-da-alma-mas-nem-sempre-foi-assim/>>. Acesso em: 06 janeiro 2020 às 16h59.

deu o de patusca, patusquela. Minha mãe me deu o de pamonha, pafúncia e cabeça de vento, este último, fez com que eu me nomeasse Catavento.

Mesmo a clowndidata não gostando, na época, deste apelido, adivinhem qual é o nome que ela escolheu para sua palhaça? Dra. Filó-fofó! Os outros clowndidatos contaram apelidos como: narigudo, espanta-leão, xirome, dida, linda, perna torta, espírito de porco, gomão, tuca, toddynho, falamansa, covinhas, atrasada, hipopó, dedê, princesa. Deles, outras duas clowndidatas optaram por chamar a palhaça pelos apelidos: Dra. Dida e Dra. Lina. Um acabou ganhando seu nome de palhaço no hospital: Dr. Segurança. Uma optou por um adjetivo que sempre deram para ela: Dra. Confusa. Os demais optaram por um nome a partir de coisas que gostavam como: Dra. Mar, Dra. Tulipa, Dr. Charada.

Este exercício de lembrar apelidos nos aponta novamente para a questão de alteridade. Apelidos a gente ganha do outro. É o outro que nos nomeia. Aliás, nossos nomes e sobrenomes também nos são dados por outro. Uma das clowndidatas enuncia: *as pessoas sempre se incomodaram com o nome de ser Linda e eu me acho linda e foi a pessoa mais linda desse mundo que me deu esse nome que foi meu pai*. Os nomes são para nossa identificação, nosso pertencimento ao mundo. Já, o nome de palhaço a gente escolhe, mas, a partir das vozes que nos constituem. Bakhtin afirma:

Que vantagem teria eu se o outro se fundisse comigo? Ele veria e saberia apenas o que eu vejo e sei, ele somente reproduziria em si mesmo o impasse de minha vida; é bom que ele permaneça fora de mim, porque dessa sua posição ele pode ver e saber o que eu não vejo nem sei a partir da minha posição, e pode enriquecer substancialmente o acontecimento de minha vida. Se apenas me fundo com a vida do outro, não vou além de aprofundar a sua inviabilidade e duplicá-la numericamente (BAKHTIN, 2011, p. 80).

Da mesma maneira que os nomes, foi notado e anotado o quanto os clowndidatos ouviram que eram palhaços, como enuncia esta outra clowndidata: *os meus amigos sempre enfiaram na minha cabeça que sou palhaça. Eu acho que sou, ne, to me preparando*. A história da clowndidata me lembrou outra história: quando eu era adolescente, de vez em quando cuidava da filhinha da minha vizinha. Um dia, uma prima minha estava conosco e, em uma brincadeira, ela mostrou a língua para esta criança e a chamou de feia, foi quando a criança respondeu: “não sou feia, sou a princesinha do papai”. Sujeitas constituídas e empoderadas, não? Bakhtin diz:

Assim que tento definir-me para mim mesmo (não para o outro e a partir do outro), encontro a mim mesmo apenas nele, nesse mundo do antedado, fora da minha já presença temporal, encontro a mim mesmo como algo ainda vindouro em seu sentido e valor; já no tempo (se abstraio totalmente do antedado), encontro apenas um propósito disperso, um desejo e uma aspiração irrealizados - [...] - no entanto, o que poderia reuni-los, dar-lhes vida e forma – a alma deles, a unidade de meu eu-para-mim – ainda não tem existência, é apenas antedado e ainda vindouro (BAKHTIN, 2011, p. 112-113).

Meu mundo é antedado pelo outro. Quando nascemos recebemos o nome e o sobrenome. Mais tarde, criamos uma assinatura. Um modo de existir e re-existir.

Quanto aos micos... bem, afinal o que é pagar mico? A expressão surgiu de um jogo da década de 50 chamado Jogo do Mico. Nele havia cartas de animas onde cada animal macho tinha seu par fêmea, menos o mico, ou seja, quem tirasse essa carta, pagava um mico. (BARBOSA, 2018).<sup>82</sup>

O palhaço adora jogar, mesmo que seja para perder. Claro que ele não quer perder, mas é palhaço, fazer o quê?! A Filó-fófo conta que era muito tímida, por isso na escola mal conseguiu ler um trabalho na frente de outros colegas. Para ela, o palhaço veio como uma forma de se abrir, se deslocar da vergonha.

Como disse em algum momento desta pesquisa, o palhaço é verdadeiro: se a pessoa é tímida, não há porque criar um palhaço falastrão. Entretanto, nos treinamentos de palhaços é possível ver que os jogos praticados nos expõe a tal ponto que falar um texto em público, depois desses jogos, é que nem beber água quando se está com sede. Lá vem eu falar de alteridade de novo - ou seria aqui clownteridade? Tanto falam que o palhaço faz perder a timidez que ao colocar a máscara parece que todos perdem um pouco mesmo.

Talvez, matutando aqui com meus cataventos, seja por causa da tal clownteridade, onde as vozes que constituem o treinamento de palhaço são potentes ao ponto – ou al dente – do palhaço ir se constituindo um sem-vergonha. Com vergonha ou sem vergonha, o palhaço vai se alterando tal qual ser humano.

Na preparação artístico-pedagógica, nos expusemos com o nariz nas ruas antes de entrarmos no hospital. Primeiro expandimos ao máximo, deixamos sair todo tipo de palhaço, para depois ir aparando as arestas, amparando esses

<sup>82</sup> Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-origem-da-expressao-pagar-mico/>> Acesso em: 09 fevereiro 2020 às 15h20.

palhaços. Fim de seção. Respeitável público, estamos chegando ao fim do espetáculo. Mas, afinal, esse nariz colou? Veremos a seguir.

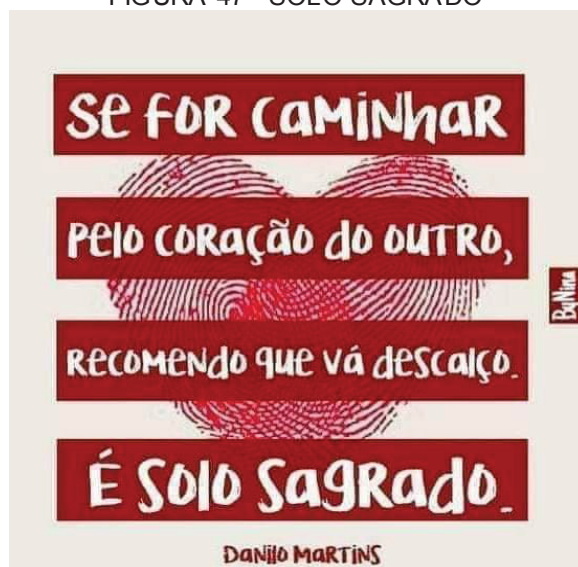
FIGURA 46 - ABRAÇO COLETIVO – RECEPÇÃO HEG



FONTE: Denise Ramalho Photos (2019).

## 6 ESSE NARIZ COLOU?

FIGURA 47 - SOLO SAGRADO



FONTE: Página da FindGlocal na Internet<sup>83</sup> (2020).

Após seis meses de processo seletivo mergulhado em 3 pilares: a palhaçaria, o voluntariado e a esfera hospitalar, percebemos que o próprio processo seletivo seleciona sem precisarmos em si selecionar e que só permaneceu até o fim do processo quem sentiu aquele ‘tum-tum-tum’ no nariz vermelho que a palhaçaria faz com a gente.

Nesta conclusão temporária, posso dizer que o processo de construção de um palhaço é inacabado. Muitas coisas mudam desde o nascimento desse palhaço até sua maturidade: nome, maquiagem, figurino, atitudes. Antes de querer ser um doutor-palhaço que atua em hospital é fundamental entender primeiro a linguagem do palhaço como um todo e depois ir afunilando.

Também observo que a linguagem do palhaço que atua no hospital é bastante específica. Mais que isso... um hospital é diferente do outro. Em um hospital, cada setor também é diferente do outro. Além disso, cada dia e/ou turno no hospital, não é o mesmo. Por isso a importância de se estudar o contexto em todas suas peculiaridades e experimentar o palhaço jogando com todas as possibilidades.

Para saber se esse nariz colou ou pulou, após os clowndidatos passarem por todas as etapas do processo seletivo, pedimos que nos dissessem sobre a

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://www.findglocal.com/BR/Pato-Branco/1781660912073700/Grazi-%26-Cleder-Terapias-Integradas-e-Clinica-De-Fisioterapia>>. Acesso em: 20 janeiro 2020 às 22h03.

experiência e o que mais lhes marcou. Dar voz aos clowndidatos nos fez ouvir muitas canções na rádio com ritmos variados - de sertanejo ao funk -, mas todas com o objetivo de fazer rir aos pacientes e acompanhantes. Refleti sobre a preparação artístico-pedagógica no grupo e percebi que os clowndidatos puderam compreender sobre a construção de seus doutores-palhaços a partir do que vivenciaram no processo seletivo. Dunker & Thebas falam sobre a escuta:

O escutador sai de si para se colocar no ponto de vista do outro, mas ele também tira o outro de seu próprio ponto de vista, ou pelo menos de sua confiança e domínio sobre si para revelar que outras vozes estão ali presentes e merecem ser acolhidas, cuidadas e hospedadas. (DUNKER & THEBAS, 2019, p 38).

Nesta seção, primeiro apresentarei enunciados das interações que mais os marcaram durante a visita no HEG. Em seguida, discorrerei sobre as conclusões. Conclusões essas não definitivas! Afinal, uma pesquisa em Ciências Humanas é inesgotável. O encontro com esse outro de nossa pesquisa - os sujeitos colaboradores -, nos seduz a querer mais diálogos, mas nos falta cronotopos para abraçar o mundo e o cronotopo do aqui e agora é esta tese que já está com seu nariz apontado para partir.

Seguem os enunciados:

*Utilizamos muito o jogo de sermos estagiários, isso foi bom para interagir com os colaboradores e rendeu algumas risadas.*

*Entrei em um quarto onde a paciente não podia falar, mal podia se mexer, interagi através de gestos com ela, com certeza foi algo muito bonito e marcante, pois ela correspondeu.*

*Eu escolho o momento em que tínhamos que nos apresentar, ficando primeiramente de costas e, no momento em que eu fui me apresentar para a paciente eu realizei uma dança e soltei um som como se tivesse num striptease. Com alguns movimentos desajeitados e tentando ser sexy, eu virei para todos e me mostrei. Nesse momento, mesmo um pouco ansioso, eu percebi que posso ir além, improvisar, sem ficar com vergonha, porque ser ridículo é um bom adjetivo.*

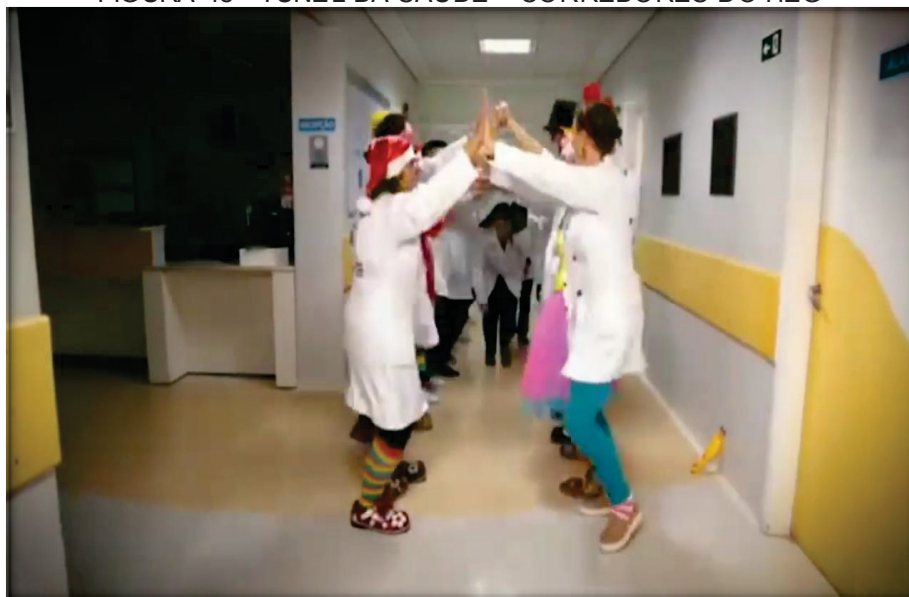


*Ele chegou até nós correndo, me parou pelo ombro, agradeceu por todo trabalho que o Especialistas vem fazendo e fez com a irmã dele. Disse que foi muito bom se divertir com ela naqueles que eram seus últimos dias. Disse então que ela acabara de falecer e desabou a chorar com um forte abraço!*

*A brincadeira de soltar a franga foi super engraçada e todos os participantes riram muito.*

*Então, chegamos perto dela, eu a olhei fixamente, apontei e eu perguntei para a palhaça que estava comigo se ela estava enxergando alguma coisa, ela logo entendeu a brincadeira e disse que não e me perguntou o que eu via, então eu respondi que só via flores ali naquele local, foi aí que ganhei o melhor sorriso e o maior abraço do mundo.*

FIGURA 48 - TÚNEL DA SAÚDE – CORREDORES DO HEG



FONTE: Página do Especialistas da Alegria no Facebook (2019).<sup>84</sup>

Foto (a partir do vídeo institucional): Daí comunicação integrada/O Homem Máquina vídeo produções.

Lembra dos Augustos, Heróis, Pierrots e Virtuosos do Capítulo 3? Nesses relatos podemos ver como cada doutor-palhaço se des-comportou – não se portou em caixinhas - em determinada situação. Temos os Augustos, bobos, que se divertiram em serem estagiários, em soltarem a franga e a fazer sua dancinha; os

<sup>84</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/especialistasdaalegria/videos/816332645483617/>>. Acesso em: 27 abril 2020 às 18h54.

Pierrots, românticos, elogiando as pacientes as chamando de flores; os Heróis, valentes, dando fortes abraços em momentos difíceis.

Não que essas ações se fecham nesses tipos de palhaços, pois eles podem navegar por todos os jeitos, entretanto, sempre vai ter um predominante, até mesmo para rolar o jogo em dupla, como um mais Branco e outro mais Augusto.

Pelos enunciados também é possível observar que os clowndidatos descobriram mais sobre o seu ridículo. Descobrir o ridículo é quando me compreendo e aceito que posso olhar melhor o outro. Eles souberam perceber a hora do riso e a hora do abraço, dando ombro palhacesco e transformando tudo em poesia. Soltaram a franga nas interações criando jogos e brincadeiras, pois o humor é um princípio para a cura. Dream afirma que:

O humor positivo implica num olhar positivo da vida, inclusive diante da adversidade, nos permite ser capazes de rirmos da nossa própria condição humana, sem perder por isso a autoestima, e facilita dispersar as tensões emocionais. (DREAM, 2018, p. 38).

O objetivo da pesquisa de compreender os sentidos da prática artístico-pedagógica no processo seletivo do grupo Especialistas da Alegria me leva a apontar de que é preciso cuidado ao tocar a alma do outro. Convidar pessoas a tirarem suas máscaras, vestirem-se de seus fracassos, aceitarem suas fragilidades e levantarem seus narizes vermelhos requer sensibilidade.

O mestre Shifu, no filme Kung Fu Panda, percebe que para treinar o Panda era preciso táticas diferentes do treino dos demais aprendizes de Kung Fu. Com as práticas palhacescas o mesmo acontece! Existem as técnicas para serem aprendidas, mas, existe o Chi dentro de cada Dragão Guerreiro e isto só cabe ao Dragão Guerreiro aprender a dominar. Como facilitadora / professora / iniciadora da linguagem palhacesca, vou de novo de Mestre Shifu (2008): “eu não tenho que lhe transformar em mim, eu só tenho que lhe transformar em você mesmo”.

Kung fu quer dizer a excelência do ser. O palhaço é o ser ridículo. Mas, podemos ser excelentes ridículos. Ser o melhor pior que se pode ser, afinal, estamos levando esta arte para o hospital e a arte do palhaço pulsa, não deve ser banalizada.

No decorrer da pesquisa também pude ver os sentidos de responsabilidade. Não vamos ao hospital dar um show! São coisas diferentes, mesmo tendo uma plateia, até porque são plateias diferentes.

Também foi possível observar nesta pesquisa que os sujeitos foram aos poucos se desconstruindo para a construção do palhaço, pois em seus primeiros enunciados, nas fichas de inscrição, ainda estavam 'civis', logo, nas demais interações, foram deixando o palhaço falar e foram assumindo seus ridículos.

A vontade de integrar o grupo Especialistas da Alegria partiu das vozes que os constituíram, onde ouviram de familiares e amigos o quanto eram palhaços. O que fazer e onde exercer esse ser palhaço? Por remeter a figura à alegria, onde levar alegria? Como sujeitos em **alteridade**, suas histórias os fizeram chegar até o grupo.

Cada um dos voluntários é único, com suas histórias e motivações para estarem voluntariamente no hospital. O empenho dos clowndidatos em aprender cada vez mais sobre a linguagem do doutor-palhaço, mesmo não tendo a pretensão de se profissionalizarem, foi um processo de transformação, ir além da fôrma, responderam com **responsabilidade e responsivamente** ao processo seletivo.

Pude perceber pelos enunciados e pelas práticas o cuidado que passaram a ter ao compreenderem sobre o doutor-palhaço, alterando seu estado de tempo e espaço no hospital, com interações conscientes.

O ritmo no HEG é bem variado, como estamos lá quatro dias da semana e em horários diferentes, vemos desde um hospital frenético onde não conseguimos visitar quartos, porque os corredores estão lotados, até um hospital tranquilo em que os corredores e quartos estão vazios e o setor de quimioterapia está cheio de pacientes dormindo.

Pela prática artístico-pedagógica, os clowndidatos puderam passar por essas nuances do HEG e se alinharem ao ritmo do dia adaptando o **cronotopo** de seus palhaços ao cronotopo do hospital. Além disto, pela prática, eles puderam ter um olhar **exotópico** do palhaço que foram construindo – e ainda está sendo construído, pois sua construção é inesgotável.

Esses sujeitos são de diversas áreas, alguns passaram por cursos de teatro, os que ficaram no grupo – ao todo oito - são, em sua maioria, os que não trabalham na área artística.

Minha hipótese palhacesca de que o aprofundamento da linguagem do palhaço no processo seletivo corroboraria para a construção do palhaço foi observada pela trajetória dos enunciados, iniciados nas fichas de inscrição. Percebi que todos os clowndidatos já tinham uma noção básica da linguagem do palhaço a partir do que viam e ouviam.

Entretanto, tinham o palhaço como um personagem que precisava ser engraçado e não compreendiam as demais potencialidades do palhaço como a conexão com o outro. A partir do desenvolvimento do processo seletivo e das práticas artístico-pedagógicas, o horizonte dos clowndidatos foi se alterando. Não foi tolhida a ideia de que existia um palhaço em cada um deles e a prática artístico-pedagógica nesta configuração pôde desenvolver o palhaço que todos já diziam ter: foram assumindo seus ridículos, comemorando seus erros, ficando leves e brincantes.

Compreendo que para um início na vida de doutor-palhaço-voluntário, as práticas foram suficientes, mas, para uma profissionalização, requer mais prática na esfera artística. Quanto mais nós, profissionais, aprendemos, mais temos até dificuldade em nos chamar de palhaços devido a complexidade desse ser.

No processo seletivo de 2020 já formulamos algumas alterações como mais encontros presenciais entre mim e os próximos clowndidatos. Lembrando que eles, clowndidatos que agora são calouros, e nós, veteranos, continuamos estudando, praticando, participando de oficinas oferecidas pelo grupo, assistindo a espetáculos palhacescos. A preparação não para!

Na pesquisa, algumas concepções bakhtinianas dialogaram com as materialidades apresentadas. Nesses enunciados dos clowndidatos, que trago logo mais, sobre as reverberações do processo seletivo, pude observar:

### **Sentidos de Cronotopo**

*Acredito que as atividades semanais nos deixaram todo esse período muito sintonizados com o tema! Foi fundamental para aumentar a motivação! A visita à paisana realmente era necessária, por mais que me sentisse como um pássaro na gaiola, louco para voar.*

*Que todo dia é um dia diferente, que se tratando de hospital não existe rotina, e que por mais experiente que você seja, você erra. Um aprendizado incrível para a vida.*

### **Sentidos de Alteridade**

*Com certeza levarei para toda minha vida essa linda experiência que tive com vocês, com certeza foi uma das experiências mais fantásticas da minha vida de longe.*

*A percepção que me trouxe foi de que realmente fomos criados para nos relacionarmos com o outro e de que precisamos um do outro.*

*Nas muitas experiências que eu tive, pude perceber que por mais que a gente saiba, temos muito a aprender e que o contrário também é muito verdadeiro: por mais que a gente pense que não saiba, sabemos muito. Em cada fase se aprende de uma forma, mas, que nos leva a perceber que temos um único propósito: o outro. O outro como uma pessoa que precisa de carinho e amor, nos colocar no lugar do outro nos traz um entendimento maior, nos faz perceber que o pouco que fazemos traz paz e alegria, e não só para o outro, sempre nos deixa com um sentimento de gratidão.*

### **Sentidos de Responsividade**

*As leituras sobre o palhaço foram muito bacanas e senti que preciso buscar mais disso. Aprendi muito até aqui e vi o quanto ainda preciso aprender, para desenvolver essa atividade tão linda e importante que o grupo tem dentro do hospital. O processo colaborou no meu crescimento pessoal, familiar, profissional e refletiu inclusive na esfera social, meu olhar para com o outro é diferente.*

*Esse trabalho no hospital é voluntário não existindo remuneração financeira, mas uma remuneração de desenvolvimento humano. A cada dia um novo aprendizado.*

### **Sentidos de Exotopia**

*Eu comecei a levar o hospital como um lugar diferente. Para mim, hospital não é um dos melhores lugares que considero ou que quero estar, ainda mais quando pensava que o hospital do câncer poderia ser um ambiente de situações difíceis de lidar, de ver, de interagir com pacientes. Mas mudei minha concepção em relação ao ambiente hospitalar. Pude ver funcionários animados, que querem interagir com a gente.*

*Saber lidar com a dor do outro e equilibrar as emoções, isso também foi uma grande experiência!*

*O vídeo "Janela para o mundo" me marcou muito, pois abordava o jeito de ver a vida, seja em situação de enfermidade ou não. A oficina em que acabamos fazendo uma ação na rua também foi muito marcante para mim, pois adoro a possibilidade que o palhaço nos traz de interagir com as pessoas.*

Esses são os sentidos percebidos até aqui e agora do meu horizonte, cabe a você, leitor, a partir de seu horizonte, novas leituras e novos sentidos à tessitura desta pesquisa. Daqui me despeço cantando Piruetas, de Chico Buarque, porque para escrever uma pesquisa científica em palhaçaria foi preciso maxipirulitos e ultravioletas.



*O palhaço que habita em mim, saúda o palhaço que habita em você.  
Palhastê!*

FIGURA 49 - PELA JANELA LATERAL – CURITIBA-PR



FONTE: Denise Ramalho Photos (2019).

## REFERÊNCIAS

- ACHCAR, A. **Palhaço de hospital**: proposta metodológica de formação. Tese (Doutorado em Teatro) – Centro de Letras e Artes, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <  
<http://cirurgioesdaalegria.org.br/storage/app/uploads/public/5c4/85e/61a/5c485e61aafd9453058741.pdf>>. Acesso em: 20 julho 2019 às 14h.
- ALVES, R. **Para quem gosta de ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 2016.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**. São Paulo: Editora MUSA, 2004.
- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia pgs. 95-114 in BRAIT, B. (org.) **Bakhtin outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2 ed. 2 reimpressão, 2016
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. Tradutor: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradutor: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradutor: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Tradutor: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BARROS, D. L. P. de & FIORIN, J. L. (org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2 ed. 2 reimpressão, 2011.
- BASTOS, R. **O clown terapêutico**. Juiz de Fora: Bartlebee Editora, 2 ed., 2017.
- BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso pgs. 11-27 in BARROS, D.L.P de & FIORIN, J. L. (org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2 ed., 2ª reimpressão, 2011.
- BUCHOLDZ, A. P. **Salvando risos**. Doutores Palhaços SOS Alegria. Projeto Lei Rouanet e captação de recursos: ABC Projetos, Ponta Grossa, 2017.
- BURNIER, L. O. **A arte do ator**: da técnica à representação. Campinas: Editora da Unicamp, 2001
- CASTRO, L. **Palhaços**: multiplicidade, performance e hibridismo. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- DESGRANGES, F. **Pedagogia do teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2011.
- DREAM, C. **O palhaço que existe em você**. Trad. Anna Ly.: Coleção Clownplanet, 2018.

DUNKER, C. & THEBAS, C. **O palhaço e o psicanalista**: como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Editora Planeta, 2019.

FARACO, C. A. Autor e autoria pgs.37-60 in BRAIT, B. (org.) **Bakhtin conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 5 ed. 4 reimpressão, 2017.

FERRACINI, R. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

FERREIRA, A. B. de .H. **Mini Aurélio século XXI**: o minidicionário da língua português. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 4 ed. 3 impressão, 2001.

FO, D. **Manual mínimo do ator**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

GAULIER, P. **O atormentador**: minhas ideias sobre teatro. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Edições SESC, 2016.

GONÇALVES, J. **Teatro e responsabilidade ou para uma filosofia do teatro responsável**. Revista Transcende, v. 17, n. 01, 2012. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/oteatrotranscende/article/view/2945>>. Acesso em 19 fevereiro 2019 às 14h.

\_\_\_\_\_. **Teatro e universidade**: Cena. Pedagogia. [Dialogismo]. São Paulo: Editora Hucitec, 2019.

\_\_\_\_\_. Revista lusófona de educação , 28, 2014, p 92 **Verbo-visualidades e teatralidades em diálogo** pgs 87-100

KASPER, K. **Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida**. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP. Campinas, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252779>>. Acesso em: 19 fevereiro 2019 às 15h.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 19 fevereiro 2019 às 13h.

LECOQ, J. **O corpo poético**: uma pedagogia da criação teatral. Tradutor: Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac, 1 ed., 1ª reimpressão, 2014.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998]].

MASETTI, M. **Soluções de Palhaços**: transformações na realidade hospitalar. São Paulo: Editora Palas Athena, 7 ed. 2008.

\_\_\_\_\_. **Ética da alegria**: no contexto hospitalar. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2 ed. 2015.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Tradutora: Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORSON, G. S. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski Pgs. 118-140. in BEMONG, N. et al. **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Trad. Oziris Borges Filho et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

PLUSCHKAT, P. **Produção cênica**: sentidos da formação universitária por olhares discentes na rede social Facebook. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015. Disponível em: <[http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes%20m2015/m2015\\_Patricia%20Bueno%20Pluschkat.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes%20m2015/m2015_Patricia%20Bueno%20Pluschkat.pdf)>. Acesso em: 10 fevereiro 2019 às 11h.

PUCCETTI, R. **No caminho do palhaço**. Revista do Lume, v. 01 n. 01, pgs. 121 a 126. (2012). Disponível em: <<https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/231/222>>. Acesso em: 10 maio 2019 às 7h.

THEBAS, C. **O livro do palhaço**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SOBRAL, A. Ato / atividade e evento pgs. 12-36 in BRAIT, B. (org.) **Bakhtin conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 5 ed. 4 reimpressão, 2017.

ULTRAMARI, C. **Como não fazer uma tese**. Curitiba: Pucpress, 2018.

VERNANT, J-P. **A travessia das fronteiras**: entre mito e política II. São Paulo: Edusp, 2009.

WUO, A. E. **O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas**. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP. Campinas, 1999. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274883>>. Acesso em: 19 fevereiro 2019 às 12h.

\_\_\_\_\_. **Clow: “desforma”, rito de iniciação e passagem**. Tese (Doutorado em Artes da Cena) – UNICAMP. Campinas, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321826>>. Acesso em: 19 fevereiro 2019 às 23h.

\_\_\_\_\_. **Aprendiz de clown**: abordagem processológica para iniciação à comicidade. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

## APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Gostaria de convidá-lo (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa: “COMO SOLTAR A FRANGA SEM DEIXAR A PETECA CAIR”: EXPERIMENTOS DA DRA. CATAVENTO E O PROCESSO DE SELEÇÃO DE PALHAÇOS NO ESPECIALISTAS DA ALEGRIA, que se refere a uma tese de Doutorado em Educação desenvolvida pela doutoranda Patricia Bueno Pluschkat, sob orientação do Prof.º Dr.º Jean Carlos Gonçalves, no grupo de palhaços-voluntários Especialistas da Alegria, que atua exclusivamente no Hospital Erasto Gaertner (Rua Dr. Ovande do Amaral, 201 – Jardim das Américas – Curitiba/Pr).

O objetivo deste estudo é *compreender os sentidos da prática artístico-pedagógica da linguagem do palhaço nas atividades do processo de seleção do grupo Especialistas da Alegria, que atua com palhaços-voluntários no Hospital Erasto Gaertner, tendo como materialidades discursos verbais, visuais e verbo-visuais, produzidos entre os meses de maio e novembro de 2018*. Os resultados contribuirão para ampliar a discussão acerca da arte do palhaço que atua no hospital e da construção do palhaço que habita em cada voluntário.

Para tanto, a sua participação ocorrerá através das atividades propostas pela doutoranda durante o processo de seleção dos Especialistas da Alegria, com base no edital de 2018 desenvolvido pelo grupo, podendo ser registradas de forma escrita, gravações de áudio, vídeos e fotos.

Os dados resultantes obtidos pelas atividades serão utilizados somente no contexto da análise da pesquisa e para fins acadêmicos, tendo o nome do participante preservado na divulgação dos resultados da investigação.

A participação é voluntária e você poderá retirar o assentimento, ou ainda, descontinuar a participação, se assim o preferir, devendo apenas nos comunicar acerca desta decisão.

Desde já agradeço sua colaboração e coloco-me à disposição para prestar quaisquer esclarecimentos e sanar possíveis dúvidas que possam ter restado.

Atenciosamente,

Ms. Patricia Bueno Pluschkat  
(Professora de Teatro, Atriz, Palhaça, Contadora de Histórias, Mestra em Educação,  
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná)



## ANEXO 1 – FOTOS ETAPA OBSERVALHAÇO

FIGURA 50 - HORA DA SELFIE - HEG



FONTE: Página do Especialistas da Alegria no Facebook<sup>85</sup> (2018).

<sup>85</sup> Segue a gente! Curte lá, comenta e compartilha nossa palhaçaria! Disponível em: <<https://www.facebook.com/especialistasdaalegria/>>. Acesso em: 28 janeiro 2020 às 17h.



## ANEXO 1 – FOTOS ETAPA OBSERVALHAÇO

FIGURA 51 - OLHA O SORRISO! - HEG



FONTE: Página do Especialistas da Alegria no Facebook<sup>86</sup> (2018).

<sup>86</sup> Segue a gente! Curte lá, comenta e compartilha nossa palhaçaria! Disponível em: <<https://www.facebook.com/especialistasdaalegria/>>. Acesso em: 28 janeiro 2020 às 17h.

## ANEXO 1 – FOTOS ETAPA OBSERVALHAÇO

FIGURA 52 - BOAS VINDAS! - HEG



FONTE: Página do Especialistas da Alegria no *Facebook*<sup>87</sup> (2018).

<sup>87</sup> Segue a gente! Curte lá, comenta e compartilha nossa palhaçaria! Disponível em: <<https://www.facebook.com/especialistasdaalegria/>>. Acesso em: 28 janeiro 2020 às 17h.

## ANEXO 1 – FOTOS ETAPA OBSERVALHAÇO

FIGURA 53 - VAMOS OBSERVALHAR - HEG



FONTE: Página do Especialistas da Alegria no Facebook<sup>88</sup> (2018).

<sup>88</sup> Segue a gente! Curte lá, comenta e compartilha nossa palhaçaria! Disponível em: <<https://www.facebook.com/especialistasdaalegria/>>. Acesso em: 28 janeiro 2020 às 17h.

## ANEXO 1 – FOTOS ETAPA OBSERVALHAÇO

FIGURA 54 - NOVOS AMIGOS



FONTE: Página do Especialistas da Alegria no Facebook<sup>89</sup> (2018).

<sup>89</sup> Segue a gente! Curte lá, comenta e compartilha nossa palhaçaria! Disponível em: <<https://www.facebook.com/especialistasdaalegria/>>. Acesso em: 28 janeiro 2020 às 17h.



## ANEXO 1 – FOTOS ETAPA OBSERVALHAÇO

FIGURA 55 - OBSERVAR



FONTE: Página do Especialistas da Alegria no *Facebook*<sup>90</sup> (2018).

<sup>90</sup> Segue a gente! Curte lá, comenta e compartilha nossa palhaçaria! Disponível em: <<https://www.facebook.com/especialistasdaalegria/>>. Acesso em: 28 janeiro 2020 às 17h.